EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

130 Anos
Patrimônio da Paraíba

Ano CXXX Número 238 | R$ 3,50

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 5 de novembro de 2023

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106
Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106
Dados: 2023.11.03 20:45:50 -03'00'

PENSAR O FUTURO

Fazer poupança para os filhos é hábito de apenas 28% dos pais

Estudo realizado pelo Serasa aponta que as classes A e B são as que mais investem recursos. *Página 17*

Foto: Roberto Guedes

Avançam obras de museu, no Palácio da Redenção

Mais de 40% das ações de adequação e restauração do prédio estão prontos. Local será o Museu de História da Paraíba. *Página 5*

Foto: Ortilo Antônio

Como entender as formas de linguagem dos bebês

Antes mesmo de começarem a falar, as crianças já se comunicam através do choro, olhar e movimentos do corpo.

Página 6

Mais de 124 mil fazem as provas do Enem na PB

O exame, que começa hoje, será aplicado em 374 locais de prova distribuídos por 55 municípios paraibanos.

Página 3

Padre Zé: há 50 anos morria o "pai dos pobres"

Religioso teve a vida dedicada aos mais carentes e deixou como legados o Hospital Padre Zé e o Instituto São José.

Página 7

Foto: Edson Matos

Memórias

Editor de várias gerações teve duas passagens por ***A União***

O jornalista Antônio Costa passou, em 13 anos, por todas as editorias do jornal e lembra das grandes reportagens sobre temas diversos, como seca e as relacionadas à cultura. Chegou a entregar a editoria do jornal por não concordar com uma notícia.

Páginas 14 e 15

■ "A passagem do tempo auxilia na reinterpretação de obras de arte ao longo da história, porém também lhes retira o seu original valor sentimental".

Klebber Maux Dias

Página 10

■ "O fim de ano é, sem dúvida, um momento especial, mas não deve ser sinônimo de endividamento. Um ano novo também vem recheado de novos compromissos financeiros".

João Bosco F. Oliveira

Página 17

■ "Desconheço as ferramentas de cálculo que possam precisar, com exatidão matemática, o tamanho dos poetas... Pois bem, vale a fórmula. O maior poeta é aquele que amo".

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6518 | (83) 9 9117.7042 circulacao@epc.pb.gov.br

Editorial

A construção coletiva

Há quem acredite piamente que a vida é regida por duas leis principais e irrevogáveis: a mudança e a diversidade. Esses processos condicionariam tudo o que é vivo, e a espécie humana não fugiria à regra. A humanidade seria diversa pela mesma natureza que a transformaria, ao seu bel prazer, caso ela insista em resistir à mutação. Pedras que rolam não criam limo, reza o antigo, porém ainda muito válido provérbio.

A cultura de cada país, por essa linha de pensamento, contribuiria, com suas diferentes tintas, para a grande composição universal, cujas formas seriam mais harmônicas ou dissidentes exatamente por conta das contribuições recebidas. Esta seria uma das responsabilidades maiores de um povo: comportar-se, produzir conhecimentos e fazer questionamentos que possibilitem uma existência pacífica, criativa, solidária.

As interatividades ou influências também seriam naturais. O contrário da interferência autoritária; do esmagamento de uma cultura por outra, para fins de dominação política com finalidades comerciais. A arte, por exemplo, parece retroalimentar-se exatamente para dar conta das mudanças e dá diversidade da vida. Não fosse assim, talvez ainda soassem, aos ouvidos do mundo, apenas tambores e cânticos ritualísticos tribais.

Essa a responsabilidade do indivíduo: pensar, agir e falar sempre construtivamente, ou seja, para o bem, para a evolução, para que a existência não rime para sempre com violência. Se se produz beleza, mesmo que na forma de riqueza material, esta deve ser repartida comunitariamente, vez que o mundo é uma construção coletiva, embora o que cada um faz e ganha ainda seja condenavelmente muito desproporcional.

A cultura, apesar de sua desvalorização, dentro do quadro geral de investimentos da maioria das nações, cumpre um papel importantíssimo para o estabelecimento de valores sociais democráticos, portanto, positivamente construtivos. Ela expressa as formas e ornamentos dos corpos de cada civilização, cujos rostos podem expressar horrores ou maravilhas, a depender do que mais fazem, dizem e pensam as almas.

A democratização da riqueza, que inclui a arte e a ciência, é um imperativo cuja negação se identifica com o autoritário. A cultura gera identidade, alegria, prazer, contemplação, mas também muita reflexão. Se for relegada à lógica do fazer por fazer dinheiro, perde a sua essência e, descaracterizada, deforma a sociedade, mantendo-a na falsamente eterna divisão do mundo entre poucos ricos e muitos pobres, inclusive de espírito.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Os movimentos antivacinas de ontem e de hoje

O governo do presidente Rodrigues Alves enfrentou uma gravíssima crise sanitária com o surto nacional da "febre amarela", da "peste bubônica" e da varíola. Para enfrentar a situação, que se tornava caótica, principalmente no Rio de Janeiro, então capital do país, convidou, em 1904, o sanitarista Osvaldo Cruz para assumir o combate a essas doenças.

A vacinação obrigatória entrou em pauta do governo e isso gerou uma reação contrária da população, insatisfeita, também, pela destruição de mais de duas mil casas de trabalhadores na região central do Rio de Janeiro para abrir o que hoje conhecemos como a Avenida Rio Branco, na proposta de "higienização da cidade", o famoso "Bota-Abaixo".

A Lei da Vacinação Obrigatória foi apenas o estopim para a deflagração de um movimento de revolta, que culminou com os violentos conflitos dos dias 14 e 15 de novembro, nas proximidades da Praça Tiradentes, com cerca de 20 bondes da Companhia Carris Urbanos e muitos lampiões da iluminação pública destruídos. A rebelião foi colocada como "antídoto da doença", por isso passando a ser conhecida historicamente como a "revolta da vacina".

Tirando proveito disso, integrantes da Escola Militar se mobilizaram na efetivação do levante golpista da Praia Vermelha. O golpe militar foi derrotado, mas continuou a revolta popular, obrigando o Governo a decretar o estado de sítio e revogar a lei obrigatória da vacina. O custo da "vitória", no entanto, recaiu sobre a parcela mais pobre, marginalizada nas periferias.

Assistindo a uma sessão da Câmara dos Deputados recentemente vi a parlamentar capixaba, Julia Zanatta, equiparar a "revolta da vacina" de 1904, com o movimento reacionário negacionista da pandemia da Covid-19 estimulado pelo ex-presidente da República. São contextos totalmente diferentes. O discurso anticientífico de agora não guarda semelhança com a Revolta da Vacina do início do século XX. Naquele tempo a vacina era algo extremamente novo, sem qualquer informação da sua eficácia.

Em 1904, o então presidente Rodrigues Alves assumiu posição de estadista na adoção de medidas de combate à doença, enquanto que o presidente Jair Bolsonaro tinha uma postura sectária negacionista da ciência. Visões profundamente opostas. Enquanto um acreditava no funcionamento da ciência, o outro pensava, unicamente, em defender seus interesses políticos, adotando um discurso polêmico, procurando minimizar os riscos da pandemia, sendo de posição contrária ao isolamento social e a favor de que tudo retornasse à 'normalidade'.

Os argumentos apresentados pelos negacionistas do passado e do presente têm caráter conspiratório, sem qualquer embasamento científico, com evidentes motivações antidemocráticas e fins político-ideológicos. As desinformações, hoje chamadas *fake news*, produziram os efeitos psico-sociais das desinformações disseminadas e incentivavam reações contrárias à vacina, refletindo no comportamento político de boa parte da população, que se sentia encorajada a apoiar ações que defendiam a ruptura democrática. Em 1904, o governo reagiu contra essa intenção golpista. Na pandemia da Covid-19, o governo acendeu a fogueira da intentona golpista.

A deputada utiliza-se do discurso negacionista para inflamar os golpistas, tentando comparar situações que só se assemelham na disposição em construir oportunidades de atacar o Estado Democrático de Direito, mas se diferenciam substancialmente quanto ao conhecimento científico da validade das vacinas.

> **A Lei da Vacinação Obrigatória foi apenas o estopim para a deflagração de um movimento de revolta**
>
> Rui Leitão

Foto Legenda

Ortilo Antônio

No início, alta tecnologia

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Um santo de cara abusada

Em 42 anos de túmulo, o de minha mãe, D. Antonina, só perdeu uma letra de seu nome. Seu retrato, impresso em louça que o neto, Fabiano, mandou gravar quando estudava no Rio, continua vivo, fiel. Dei uma olhada à direita, onde foi deixado Nathanael Alves e saí me apertando entre jazigos paredes-meia até dobrar a esquina onde Padre José Coutinho me detém com a réplica da vara com que cobrava a dívida com seus pobres no Ponto de Cem Réis.

Era um santo de fala e modos rudes no seu sacerdócio. Cumpria a missão que abraçou com uma autoridade que faltava pouco para a advertência. Quando já não podia com a gordura e saía à rua numa cadeira de rodas, vindicando de vareta na mão a ajuda para o seu instituto, nos tocava sem muita delicadeza, sem a humildade que transparece de São Vicente, a quem sempre era comparado.

> **Mas não era humilde nem manso quando baixava a vara no ombro dos que compunham a clientela que ajudava na sua obra**
>
> Gonzaga Rodrigues

Nos seus gestos, na sua maneira de viver, ia muito além da simplicidade agora pregada e praticada pelo papa Francisco. Muito além, no mais fundo da alma e mesmo na aparência: era um monsenhor desparamentado. Um dos seus contemporâneos, o decano dos jornalistas José Leal consagra-lhe em seu dicionário um tratamento pouco comum: "Devotou-se à assistência social, revelando-se dotado do verdadeiro espírito de São Vicente de Paulo. A Paraíba jamais resgatará a dívida que contraiu com esse santo varão". Jamais, confirma o tempo.

Mas não era humilde nem manso quando baixava a vara no ombro dos que compunham a clientela que ajudava na sua obra. Eram intimados, fosse por ditame religioso ou de consciência social. Sua voz era forte como as suas convicções. Na Rádio Tabajara, lendo a crônica, fugia à mística religiosa para se deter, em linguagem prosaica, nas miúças do povo pobre. Convertia-se num deles, só aparecendo por ser muito difícil deixar de ser Padre Zé.

Frequentava o jornal e me conheceu em minha iniciação como arrimo de família. Depois me viu muito em companhia de Nathanael, um de seus afilhados de confiança. Um dia meachou com a cabeça premida entre as mãos sem condições de alugar um quarto e sala para acolher minha mãe viúva, ex-senhora de engenho, cuja casa o inverno de Alagoa Nova botara abaixo. Ele mandou chamar-me por Júlio Coutinho, seu sobrinho, e hospedou-a com a irmã dele na casa em que moravam ao lado da paroquial até que os deuses me ajudassem a alugar o chalezinho que fui rever de volta do cemitério, 70 anos depois ainda de pé na Alberto de Brito, 41, de Jaguaribe.

Remontando às palavras do papa Francisco a falar de "proximidade", mandando a Igreja sair à rua, só me lembrei do Padre Zé.

Por sua vez, o santo varão, como o saudou José Leal, continua a desafiar o tempo e os homens. A riqueza atingida pelo país com a globalização de uma das maiores searas alimentares do mundo ainda não consegue dispensar a varinha do nosso santo de cara um tanto abusada.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R$350,00 / Semestral ..... R$175,00 / Número Atrasado ..... R$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

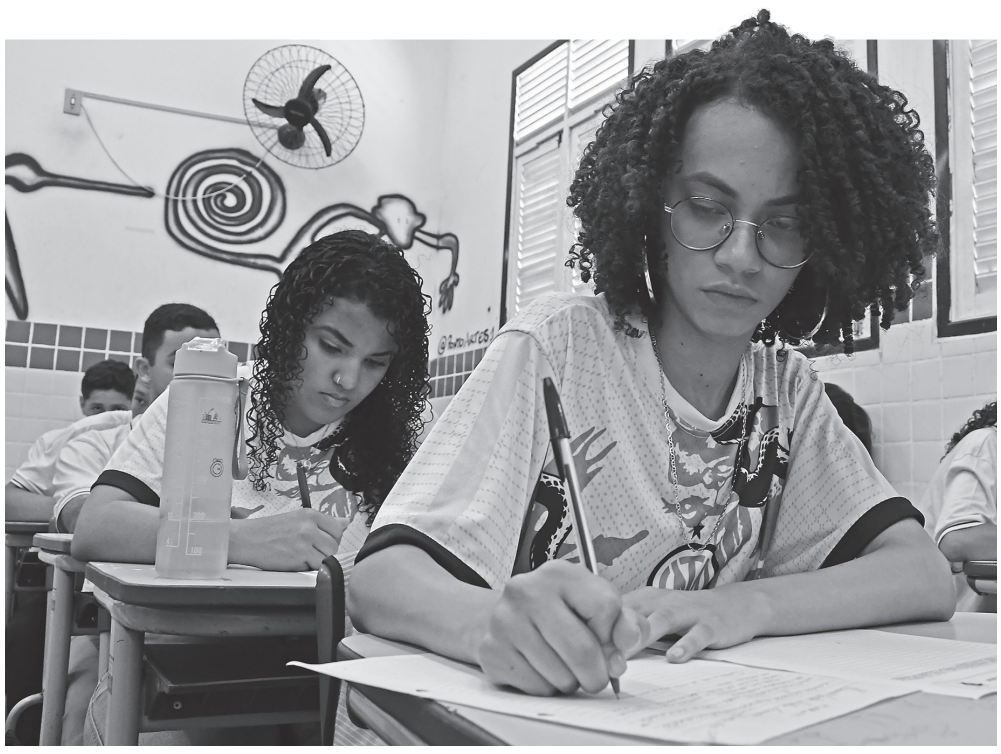
OUVIDORIA: 99143-6762

ENEM 2023

Primeiras provas serão aplicadas neste domingo

Mais de 124 mil paraibanos realizam o exame, hoje, em 55 municípios

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com



Fotos: Roberto Guedes

Candidato deve levar caneta preta; provas começam às 13h30, segundo o horário de Brasília

Começa a ser aplicado hoje, em todo o Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Espera-se que mais de 3,9 milhões de brasileiros estejam presentes para realizar o teste — número que, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), é 13,1% maior que no ano passado. Na Paraíba, 124.135 pessoas estão aptas a prestar o exame este ano. O número representa 3,2% das inscrições em todo o país. Ao todo, são 374 locais de prova e 4.363 salas de aplicação, em 55 municípios do estado.

Os portões dos locais de prova, que podem ser conferidos no cartão do participante, estarão abertos a partir das 12h, para fechar uma hora depois. Neste primeiro dia, os participantes terão cinco horas e meia para fazer as provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e a Redação. A aplicação da prova começará às 13h30, de acordo com o horário de Brasília.

Para ter acesso à sala de aplicação, o participante deve apresentar um documento oficial com foto. Além disso, é preciso levar caneta preta transparente — de preferência duas, para garantir uma reserva caso a primeira apresente algum problema. O Inep também recomenda que o candidato esteja portando uma versão impressa do cartão de confirmação da inscrição, nos dois dias do exame. Para o lanche, a sugestão do instituto são alimentos que forneçam energia, como chocolates, oleaginosas e algumas frutas. Água pode ser levada em uma garrafa transparente e, a partir das 13h, a ida ao banheiro é permitida, com a supervisão de um fiscal.

Celulares, calculadoras, e demais equipamentos eletrônicos devem ficar desligados durante o teste, lacrados em um envelope porta-objetos que será fornecido ao participante antes da entrada na sala de aplicação do exame. Chaves, óculos escuros e qualquer tipo de chapéu também não são permitidos, devendo ser mantidos no envelope lacrado, até que o candidato saia do local de prova. O tempo mínimo de permanência na sala é de duas horas, e o participante que sair antes disso será eliminado. O caderno de questões só pode ser levado pelos candidatos que deixarem as salas faltando 30 minutos para o fim do exame.

Caderno de questões só pode ser levado pelos candidatos que deixarem as salas faltando 30 minutos para o fim do exame

Esquema especial de trânsito e transporte

Em João Pessoa, a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana (Semob-JP) organizou, para os dois domingos de Enem, dia 5 e dia 12, um esquema especial de trânsito e transporte. Ao todo, 52 linhas de ônibus estarão operando entre 9h40 e 12h, e 15h40 e 18h, horários que antecedem e encerram as provas.

As linhas 521, 502, 523, 527, 1519 e 003, que geralmente não funcionam aos domingos, estarão ativas, totalizando 130 ônibus em circulação. Além destas, a 401, que circula aos domingos, fará duas viagens a mais, e as linhas circulares 1500 e 5100 estarão operando com acréscimo de 22 viagens.

Cerca de 50 agentes de mobilidade urbana estarão garantindo a circulação de veículos no entorno dos locais de prova. Entre os pontos monitorados, estão a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Castelo Branco; a Unipê, em Água Fria, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), em Jaguaribe, a Faculdade Maurício de Nassau, na Avenida Epitácio Pessoa, e o Lyceu Paraibano, no Centro, onde se espera que a movimentação seja maior.

De acordo com o superintendente de mobilidade urbana do município, Expedito Leite Filho, esse "será mais um ano de muito trabalho e comprometimento para nossas equipes. Assim como no ano passado, estaremos novamente empenhados em assegurar os deslocamentos com tranquilidade e agilidade, garantindo que os candidatos acessem os locais de prova da melhor forma possível."

Para evitar eventuais problemas no dia do exame, é recomendado que o participante simule o caminho de casa até o local de prova — que, segundo o Inep, não pode ultrapassar a distância de 30km — e se programe para chegar no lugar com antecedência.

Nesta edição do Enem, a maior parte dos candidatos tem 17 anos (21,5% dos participantes), seguida pela faixa etária que vai dos 21 aos 30 anos, e pelo grupo que possui 18 anos (ambos representando 20,8%).

Os concorrentes com 19 anos constituem 10,2% dos candidatos deste ano, e as pessoas com idade entre 31 e 59 configuram 9,4%. A faixa etária dos 20 anos caracterizam 6,4% dos candidatos, e o total de sexagenários prestando o exame é de 0,3%.

Campina Grande reforça frota de ônibus

Também haverá reforço na frota de ônibus de Campina Grande. De acordo com informações da Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos do município (STTP-CG), o efetivo será aumentado em cerca de 75%, das 9h30 às 13h (horário que antecede o início das provas) e das 16h30 às 20h (horário em que os estudantes devem começar a retornar para suas casas). Com isso, 30 linhas de ônibus, aproximadamente, estarão disponíveis para os candidatos.

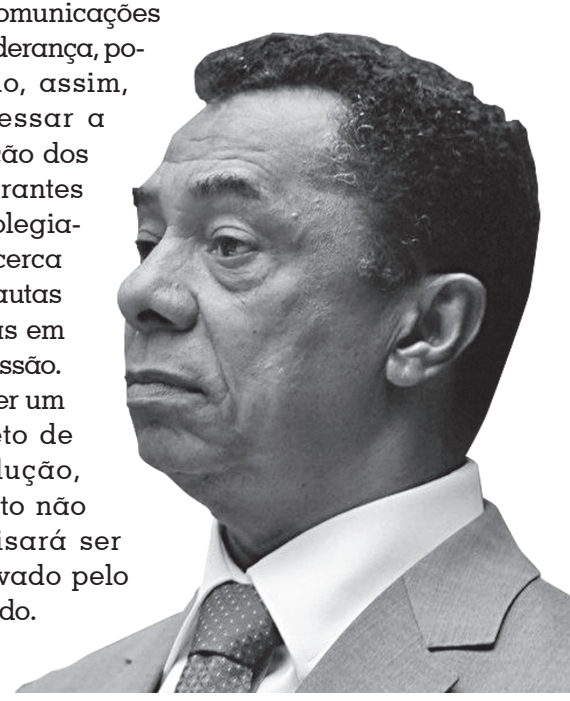
Estarão em circulação as seguintes lindas: 111, 020, 022, 220, 245, 263, 303, 333, 004, 004A, 044, 404, 444, 505, 555, 660, 077, 090A, 090B, 092, 902, 922, 903B, 910, 955. Ainda segundo a STTP-CG, a partir das 11h, haverá monitoramento no trânsito dos principais pontos da Rainha da Borborema, a exemplo das rotatórias nas imediações da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e do Centro Universitário Facisa (Unifacisa).

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PROJETO DE RESOLUÇÃO DÁ MAIS PROTAGONISMO ÀS PAUTAS DA BANCADA NEGRA

A aprovação, pela Câmara dos Deputados, do projeto de resolução que cria a Bancada Negra, de autoria dos deputados Damião Feliciano (foto, do União Brasil-PB) e Talíria Petrone (PSOL-RJ), não é mero formalismo. Ela dá mais protagonismo aos deputados que se consideram negros ou pardos na casa. E abre nova perspectiva para a discussão e aprovação de pautas relacionadas aos direitos das minorias. Agora, a Bancada Negra – dos 513 deputados e deputadas, 31 se declaram pretos e 91 se declaram pardos, o que representa 24% do total de parlamentares – ganhou mais representatividade. O projeto de resolução estabelece a possibilidade de a bancada participar da reunião de líderes da Câmara com o presidente, e terá direito a voz e voto. A reunião de líderes define a pauta de votações do Plenário. Afora isso, a bancada terá também o direito de usar a palavra, por cinco minutos, semanalmente, no período destinado às Comunicações de Liderança, podendo, assim, expressar a posição dos integrantes do colegiado acerca de pautas postas em discussão. Por ser um projeto de resolução, o texto não precisará ser aprovado pelo Senado.



LUTA E DEMOCRACIA RACIAL

Para Benedita da Silva (PT-RJ), criação da Bancada Negra na Câmara dos Deputados é um fato histórico. "Neste momento, me sinto recompensada. Agora tenho uma bancada, que vai dar continuidade a uma luta", disse à Agência Câmara de Notícias. Para a deputada Talíria Petrone, "Nada mais justo para um Brasil que não avançou na democracia racial".

PEC EM MEIO A TENSÕES

Em meio a tensões entre o STF e o Legislativo, o Senado se prepara neste novembro para votar a PEC 8/2021, que limita os poderes de ministros da Corte Suprema. Entre coisas, a regra proíbe as chamadas decisões monocráticas, em que apenas um magistrado pode suspender leis com efeitos gerais.

FIM DE DECISÃO MONOCRÁTICA

A PEC 8/2021 também estabelece que as decisões monocráticas não poderão suspender atos de chefes de Poderes. Ou seja, elas não podem anular decisões do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), e do presidente da República, Lula (PT). Para que isso possa ocorrer, só por meio de decisões de plenário, com o voto dos 11 ministros do STF.

UNIDA E ALINHADA

Dois atores políticos que militam na oposição em Campina Grande estão alinhados em um discurso: tanto Daniella Ribeiro (PSD) quanto o secretário de Saúde da Paraíba, Jhony Bezerra (PSB), que já se coloca como pré-candidato a prefeito, afirmam que a oposição está unida para enfrentar a demanda eleitoral na 'Rainha da Borborema'.

ESTÍMULO À PESQUISA

Do vice-governador, Lucas Ribeiro (PP) ressaltando as novas perspectivas de avanço do segmento de tecnologia e inovação na Paraíba, com a adoção de ações estratégicas: "A expansão do Parque Tecnológico e a criação do Centro de Tecnologia em Energias Renováveis vão gerar empregos, estimular a pesquisa e promover o desenvolvimento sustentável".

SEMINÁRIO ABORDA ORIGEM DO PARLAMENTO BRASILEIRO

Nestes anos que antecedem a data histórica, a Casa realiza uma série de eventos para resgatar a memória em relação a episódios fundamentais que deram origem ao Parlamento nacional. Em 2023, o destaque é para o bicentenário da Assembleia Geral, Constituinte e Legislativa do Império do Brasil, instalada em 3 de maio de 1823 pelo imperador Dom Pedro I para elaborar a Carta Magna da nova nação surgida com a independência, em 1822. As datas estarão em evidência no 'Seminário Comemorativo da Assembleia Constituinte de 1823 - Antecedências e Consequências', de 7 a 9 de novembro. Inscrições no portal www.camara.leg.br.

Cassius Rosa

Secretário-executivo adjunto do Ministério da Cultura

"O Brasil vai investir R$ 15 bi na política cultural até 2027"

Foto: Divulgação

Gestor defende a importância das conferências nos estados e da reestruturação da política de cultura no país

Taty Valéria
tatyanavaleria@gmail.com

Pela primeira vez na Paraíba como secretário-executivo adjunto do Ministério da Cultura, Cassius Rosa cumpriu uma extensa agenda no estado, incluindo a participação na abertura de conferências municipais de cultura, reunião com Secult e uma plenária que reuniu artistas, organizações, agentes e fóruns culturais, além de trabalhadores da cultura, organizada pelo Escritório Regional do MinC na Paraíba.

Formado em Administração, com pós-graduação em Políticas Públicas para Turismo e especialização em Gerenciamento de Projetos e Gestão Estratégica de Políticas Públicas, Cassius foi nomeado, junto com a equipe do Ministério da Cultura, com a missão de restabelecer as políticas públicas para o setor depois de anos de desmonte. Em entrevista ao Jornal **A União**, Cassius Rosa aborda a retomada da cultura no país, faz um balanço sobre suas impressões do mercado cultural na Paraíba e anuncia os novos projetos do MinC para os próximos anos.

A entrevista

■ *Sua primeira agenda na Paraíba foi uma reunião com Pedro Santos, secretário estadual de Cultura. Como o senhor avalia o cenário da Paraíba em relação à implantação de políticas públicas?*

A reunião com o secretário Pedro Santos foi de trabalho em que ele pôde apresentar todas as ações que ele e a sua equipe já estão fazendo para a implantação da Lei Paulo Gustavo aqui na Paraíba. O estado da Paraíba tem uma importante atuação junto aos fóruns gestores estaduais para que possamos trabalhar uma boa regulamentação também para a Lei Aldir Blanc. Posso afirmar que saímos dessa reunião muito felizes por ver o esforço que a Secretaria Estadual de Cultura da Paraíba tem feito para executar as ações porque as equipes estão acompanhando a implantação do Paulo Gustavo em todos os municípios.

■ *Em relação aos municípios, a cobertura dos editais da Lei Paulo Gustavo pode ser considerada satisfatória?*

Nós já temos hoje mais de 50% dos municípios aqui da Paraíba com seus editais lançados e estamos nessa força conjunta para que no próximo período nós consigamos que a outra metade dos municípios possa lançar os seus editais e já preparando também toda a estrutura para iniciar, a implantação da Lei Aldir Blanc. Essa lei vai ser muito importante para a cultura aqui da Paraíba porque pelos próximos cinco anos, nós teremos R$ 3 bilhões anuais para ser investidos nos estados e municípios com o objetivo de construir uma política cultural de forma permanente.

■ *O senhor participou da solenidade de abertura da IV Conferência Municipal de Cultura de João Pessoa, que aconteceu no Centro Escolar Municipal de Atividades Pedagógicas Integradoras Arthur da Costa Freire (Cemapi), no bairro de Mangabeira. Qual a importância das conferências de cultura na retomada das atividades relativas ao setor?*

Após esse hiato de dez anos sem conferências de cultura, é muito importante que nós tenhamos esse espaço de debate com a sociedade para que possamos discutir as políticas culturais ou o que nós queremos fazer para o próximo período. Foi muito importante esse momento de grande diversidade, com uma composição inclusive da mesa de abertura da conferência, com representantes do movimento LGBTQIA+, com movimentos indígenas, de religiões de matriz africana, movimento negro. Foi um momento de escuta para iniciar o debate e construir, de fato, um plano municipal de cultura, que dialoga com todas as demandas que a sociedade tem e que a gente possa fortalecer esses espaços de cultura e fortalecer os conselhos municipais de cultura para que a gente, de fato, possa ter um plano nacional e que escute tudo o que foi discutido nos municípios, nas conferências estaduais, para que a Conferência Nacional, que vai ocorrer em março de 2024, em Brasília, possa de fato ser um plano. Ser um elo de agregamento e que possa ser, de fato, a construção de uma política cultural perene.

■ *Sobre sua agenda nas conferências, o senhor também participou da 1ª Conferência Intermunicipal de Cultura, com a representação dos municípios de Alcantil, Barra de Santana, Riacho de Santo Antônio e Santa Cecilia. Como foi esse momento e que isso representa para a retomada da cultura no país?*

É muito importante nós reconhecermos ações como estas dos municípios do Cariri, que se reuniram para executar esta conferência municipal. Isso demonstra que a política cultural pode ser pensada de forma sistêmica, de forma articulada. Nós vamos conseguir fazer um debate com os participantes para que nós possamos desenvolver ações para toda uma região do Cariri, para desenvolver e consolidar uma política cultural que consiga atingir a um grande número de cidades e desenvolver essas ações de forma organizada.

Esse é um marco muito importante, um momento de debate em que vamos identificar quais são as principais demandas desses municípios e que ações podem ser feitas. É importante deixar claro que a política cultural é feita lá na ponta pelos fazedores e fazedoras de cultura e esse momento de escuta é muito importante para que os recursos, tanto da Lei Paulo Gustavo, quanto os recursos que já começaram a ser repassados. Pelos próximos cinco anos, nós teremos repasses constantes para os municípios e a articulação. Essas ações são essenciais para que o MinC consiga, de forma organizada e planejada, modificar a realidade da política cultural nessas regiões.

Aqui nessa conferência, todos os prefeitos participaram, trouxeram seus secretários, presidentes das Câmaras Municipais. Isso demonstra que os gestores municipais também precisam estar alinhados com essa discussão. Foi um marco muito importante a vinda de todos os gestores municipais. Todas as prefeituras vieram com as suas equipes de secretários completas. Isso demonstra a importância que esses municípios dão para a cultura e a importância que essa relação do Ministério da Cultura com esses entes pode potencializar as ações culturais. É apenas o primeiro passo de uma série de ações que o MinC vai executar com esses municípios.

■ *A articulação com os municípios parece ser um ponto central na retomada das políticas públicas culturais. O senhor ainda se reuniu com Pedro Dantas, secretário-executivo da Federação das Associações dos Municípios da Paraíba (Famup). O que foi discutido nesse encontro?*

Esse encontro deu continuidade às discussões que já estão sendo encaminhadas pelo Escritório Regional do MinC na Paraíba e foi muito positivo. Vamos desenvolver um acordo de cooperação técnica para que o Escritório do MinC e a Famup possam prestar suporte aos gestores municipais para aplicação, tanto da Lei Paulo Gustavo, que já está em execução com seus editais, como também para a Lei Aldir Blanc, que fará nos próximos anos um repasse permanente de recursos para esses municípios. É muito importante que a gente atue de forma concatenada para conseguirmos qualificar a atuação desses gestores às políticas sociais e culturais dos seus municípios.

■ *Atualmente, o Escritório Regional do MinC na Paraíba ocupa um espaço compartilhado com o Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan) – entidade vinculada ao Ministério da Cultura, de forma temporária. Existe a possibilidade de uma nova sede? Ela também será compartilhada com o Iphan?*

Me reuni com Emanuel Braga, superintendente Regional do Iphan aqui da Paraíba e foi um momento bem importante porque nós discutimos como vamos fazer a utilização desse espaço compartilhado. Estabelecemos algumas linhas de atuação, principalmente, como que nós podemos para além de compartilhar esse espaço, ou seja, também dialogar formas de atuarmos junto à sociedade aqui na Paraíba, tanto com os gestores municipais, quanto com os movimentos sociais populares que atuam na preservação do patrimônio e também nas ações culturais aqui no estado.

■ *Sua última agenda oficial na Paraíba foi a plenária, organizada pelo Escritório Regional do MinC na Paraíba e que reuniu quase uma centena de trabalhadores da cultura. Qual a avaliação você faz desse encontro aqui e da sua visita à Paraíba?*

Primeiro preciso dizer que foi uma felicidade voltar aqui para a Paraíba. É uma segunda casa. Me considero paraibano por ter vivido tantos anos em João Pessoa. Sobre a plenária, considero que foi a coroação de todas as atividades aqui no estado. Tivemos um auditório cheio de movimentos culturais em que conseguimos construir um amplo debate por mais de quatro horas de conversa com os fazedores e fazedoras de cultura. Com a presença do movimento *hip-hop*, do movimento indígena, do movimento LGBTQIA+ da cultura popular, estudantes, professores.

Foi um momento de intenso debate, muito rico, em que pude explicar um pouco mais das ações do Ministério da Cultura, explicar esse momento de construção que o MinC tem passado; sobre os editais que estão abertos, sobre a execução da Lei Paulo Gustavo, e entender um pouco como esses trabalhadores estão vendo esses processos de editais feitos pelo Estado e pelos municípios.

Também abordamos a Lei Aldir Blanc, que vai ser uma lei estruturante para a política nacional do país e fico muito feliz de ver que a classe artística da Paraíba está engajada nesse processo, entendendo esse momento de reconstrução, de defesa da democracia que nós vivemos. Estamos iniciando uma caminhada, temos ainda muito a construir e que com certeza, com essa colaboração dos movimentos, vamos conseguir, de fato, construir uma política tão forte e representativa, que nunca mais se ouse pensar em acabar com o Ministério da Cultura.

■ *O Ministério da Cultura lançou o Edital Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop 2023, pioneiro da valorização da cultura da periferia. Quem pode participar?*

A ação foi desenvolvida em parceria com o Ministério da Igualdade Racial (MIR) e a Fundação Nacional de Artes (Funarte), num investimento de R$ 6 milhões, distribuídos entre 325 ações culturais divididas em três categorias: Pessoas físicas, com 200 prêmios individuais no valor de R$ 15 mil; Grupos/Coletivos/*Crews* com 75 prêmios de R$ 20mil; e instituições privadas sem fins lucrativos de natureza ou finalidade cultural do *Hip-Hop*, com 50 prêmios no valor de R$ 30 mil. O edital também está disponível no site do MinC e as inscrições estão abertas até o dia 11 de dezembro.

■ *O senhor também participou, ainda na última semana, do lançamento da Política Nacional Aldir Blanc. O que está previsto nessa política?*

A Política Nacional Aldir Blanc é a maior iniciativa direcionada ao setor cultural do Brasil até 2027, e vai destinar R$ 15 bilhões a estados, municípios e Distrito Federal. A partir de 31 de outubro, os estados já podem enviar seus planos de ação e todas as informações estão disponíveis no portal do MinC, pelo site da PNAB; informações sobre a distribuição dos recursos, orientações sobre como apresentar o plano de ação.

Essa é a grande importância das conferências municipais e estaduais de Cultura porque são os estados que devem promover discussão com a comunidade cultural sobre a execução dos recursos, através dos conselhos de cultura, fóruns, audiências públicas, reuniões técnicas.

FUTURO MUSEU

Obra no Palácio da Redenção avança

Trabalho de reforma, adequação e restauração do prédio já está 40,26% pronto. Parte estrutural termina em 2024

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Fotos: Roberto Guedes

No espaço, serão expostas as peças históricas que foram catalogadas e pertencem ao Palácio

Parte de restauração da fachada principal já foi realizada. Agora, estão sendo feitas a pintura externa e a recuperação de piso e de coberta

O Palácio da Redenção está passando por obras de reforma e adequação para implantação das futuras instalações do Museu de História da Paraíba. As intervenções começaram em setembro de 2022 e a previsão é que a parte estrutural seja concluída no primeiro semestre de 2024. Atualmente, estão prontos 40,26% do trabalho.

O valor da obra é de R$ 7.665.506,61 em recursos próprios e a construção ocupa uma área de 3.074,80 m². A Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan) está à frente do processo e a obra é executada pela Virtual Engenharia.

"É uma obra importantíssima para o nosso estado. O prédio está passando por um processo de reforma, restauração e reestruturação. Aqui será instalado o novo Museu da Paraíba. Vai ser um prédio aberto à população, algo que nunca teve. É a nossa história. É uma obra complicada, difícil e cheia de detalhes para fazermos", comenta a superintendente da Suplan, Simone Guimarães.

Ele ressalta que quem passa na frente, percebe as mudanças na fachada. "Estamos trabalhando na pintura externa, recuperação de piso, de coberta que já foi toda recuperada, restaurada. É uma obra de mais de R$ 9 milhões que tem uma importância imensa para nossa cultura, patrimônio histórico, que vai dar um ar de graça e beleza para o Centro e para a Praça dos Três Poderes", acrescenta.

O que será exposto

No espaço serão expostas todas as peças históricas que foram catalogadas e pertencem ao Palácio, sendo incorporadas ao acervo. Esses elementos serão restaurados e repostos como bens tombados. "O Palácio com sua arquitetura, adornos e peças históricas incorporadas já é, em si mesmo, um museu. Para não afetar sua originalidade e visibilidade, grande parte da sua museologia será apresentada em forma digital", observa Chico Pereira, coordenador do Museu. Ele ressalta que, pela primeira vez, o povo terá acesso ao Palácio na sua intimidade, já que o local sempre foi, historicamente, frequentado pela elite.

"Podemos afirmar que não é apenas uma restauração, mas uma atualização física profunda sem modificar sua originalidade. Dessa forma a Paraíba, o único estado que não tinha um espaço para reverenciar sua história, vai ter agora seu museu no mesmo local que durante séculos esteve o poder político-administrativo, agora tornado um espaço aberto à livre circulação de todos. O Governo está salvando um prédio histórico. A Paraíba era o único estado do Brasil que não tinha sua casa de memória e agora vai ter", comemora.

Para atender a demanda dos museus e demais instituições do Estado, o governador João Azevêdo autorizou a realização de concursos para a contratação de museólogos, paleontólogos, arqueólogos e historiadores, possibilitando, dessa forma ampliar o campo de ação dessas instituições de forma técnica, científica e educacional, conforme as exigências de leis que regem esse campo de atividade.

> **O Governo está salvando um prédio histórico. A Paraíba era o único estado do Brasil que não tinha sua casa de memória e agora vai ter**
>
> Chico Pereira

O que fica no Museu

Ficam no espaço os móveis históricos para atendimento ao público e demais peças como espelhos, porta-chapéus, bengalas e guarda-chuva. As placas inaugurais de reformas e da instalação do Museu serão deslocadas para só uma das paredes. Na atual sala de espera da Casa Civil, ficarão expositores de vidro destinados a historiar o Conjunto Jesuítico e as outras ordens religiosas da mesma época, assim como ficarão nas paredes referências desse período. Com acesso anexo à sala do Conjunto Jesuítico estará a exposição destinada à história da criação do Liceu Paraibano, que fica no prédio da antiga Faculdade de Direito da UFPB, e da personalidade de seu fundador, o Padre Malagrida, conselheiro do Rei de Portugal Dom José, e da Inquisição na Paraíba, um dos mártires da Inquisição em Portugal. No Museu haverá também a sala expositiva Cidade e Cidadania.

Haverá uma sala dedicada a Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade. Também haverá um ambiente expositivo com um recorte da história da Força Pública do Estado, uma história que está próxima de completar 200 anos.

No espaço será criada uma sala de exposições temporárias para eventos históricos, culturais e das ciências humanas com caráter didático, pedagógico e contemplativo. Ali haverá uma mesa *touch screen* para consultas referentes às exposições. A área onde está o Mausoléu do Presidente João Pessoa será incorporada ao Museu. Pinturas do acervo do Palácio serão transformadas em agentes da museologia, assim como a sala referente aos acontecimentos de 1930.

O salão de banquetes manterá sua feição com mesas, cadeiras e móveis tombados como bens do Palácio e que serão transformados em objetos do museu, incluindo suas peças decorativas. Farão parte do Museu obras de arte, objetos e fotografias. O quarto do Presidente João Suassuna, local onde nasceu o dramaturgo Ariano Suassuna, filho do presidente, também será mantido. A curadoria será feita por Dantas Suassuna, filho de Ariano. Permanecem ainda as salas de banho dos antigos presidentes com peças originais da época incorporadas ao museu com informações explicativas sobre esses elementos e suas referências culturais.

Saiba mais

Andamento da obra

• O que já foi feito
Parte de restauração da fachada principal, recuperação de coberta, recuperação de esquadrias, reservatório de concreto enterrado, instalação hidráulica, instalações elétricas, instalação de águas pluviais, alvenaria, retirada de piso e forro, revestimento de banheiros, chapisco e reboco.

• O que está faltando
Instalações de aparelhos de ar-condicionado, pintura, louças e metais, pisos e forros, pintura da fachada, recuperação estrutural do primeiro pavimento do bloco principal.

• Cuidados especiais
Para realizar qualquer intervenção no prédio do Palácio da Redenção são necessários cuidados particulares em razão da conservação de locais históricos e tombados pelo patrimônio, com mão de obra específica para restauração de estrutura

• Principais serviços previstos na obra
Serviços preliminares, proteções e movimentações, demolições, movimento de terra, fundações, estruturas, alvenaria, coberta, revestimento, pisos, esquadrias, louças e metais, instalações hidráulicas, instalações sanitárias, instalações pluviais, instalações elétricas, SPDA, cabeamento estruturado, CFTV, climatização, instalações de combate a incêndio, fachada, reservatório enterrado, entrada de energia, subestação, caixas e alimentadores em baixa tensão, urbanização, diversos e pintura.

• Ambientes que serão contemplados no anexo
Subsolo: Serviço e lavanderia, EPIs e equipamentos de manutenção, casa de força e transformador, cabine, gerador, segurança, copa, wc masculino e feminino, DML, caixas e embalagens, consertos almoxarifado.

• Térreo: Reserva técnica, oficina de restaurante, almoxarifado, depósito, alojamento, administração de recursos humanos, segurança, armários, wc masculino e feminino, almoxarifado 02, depósito, transportes.
1º Pavimento: Sala de aula, sala de exibição, sala de estudos, sala de professores, hall, copa, wc masculino e feminino.

• Prédio principal
Térreo: Antessala, hall de entrada, Casa Civil, gabinete secretário Casa Civil, chefia de Casa Civil, xerox, caixa eletrônico, wc masculino e feminino, circulação, Articulação Política, Casa Militar, chefia Casa Militar, pátio descoberto, Secretaria de Articulação do governador, chefia de gabinete do governador, secretaria da chefia de gabinete, gabinete do governador, secretaria do gabinete do governador, closet do gabinete do governador, terraço, central de informática, telefonista, Casa Militar, licitação, depósito, circulação de veículos, mausoléu de João Pessoa, jardins.

1º pavimento: Salão nobre, *hall* de escada, salão nobre (piano), salão de banquetes, pátio descoberto, salão nobre, chefia cerimonial e sala de anexo, setor jurídico, varanda, refeitório, cozinha, depósito, circulação, estar de garçons.

Fonte: Suplan/ Virtual Engenharia/Jassonkadir Franco, gestor contratual da obra.

• O Palácio
O Palácio da Redenção é uma obra jesuíta construída em 1586, no século XVI, tem estilo neoclássico. O prédio teve como destino inicial abrigar o colégio dos padres da Companhia de Jesus. O prédio fazia parte de um conjunto arquitetônico religioso que incluía o Colégio Jesuíta, a Capela e o Convento. A construção também foi residência de capitães-mores.
Tombado pelo Decreto-lei nº 8.630, de 26 de agosto de 1980, o prédio já abrigou o Liceu Paraibano e a Escola Normal de João Pessoa e foi ainda sede provisória do governo e seus repartições, como a Secretaria da Educação e a Assembleia Legislativa, foi sede do Poder Executivo e abrigou a Faculdade de Direito da UFPB. No jardim fica o Memorial de 30, onde ficam os restos mortais do ex-presidente João Pessoa.
A antiga Capela de São Gonçalo ficava no espaço onde hoje são os jardins. A capela, inclusive, passou a se chamar Igreja de Nossa Senhora da Conceição, mas foi demolida em 1929. No antigo colégio dos jesuítas, onde funcionou a Faculdade de Direito da UFPB, os missionários lecionavam latim, filosofia e letras. Na mesma época, começou a funcionar o convento. Ali teve início a catequese dos indígenas e o local foi escolhido por ser próximo da aldeia do cacique Piragibe, que ficava na Ilha do Bispo.

Obras têm cuidados especiais para execução

EDIÇÃO: Andréa Alves
EDITORAÇÃO: Ulisses Demétrio

ALÉM DA FALA

As várias formas de comunicação usadas pelos bebês

Choro, sorriso, olhar, movimento corporal e balbucios são formas utilizadas pelos pequenos para dizer o que querem

Fernanda Dantas
Especial para A União

É muito comum de se pensar que a comunicação humana tem seu início a partir do desenvolvimento da fala, mas ainda na primeira infância, mesmo quando não chegaram a balbuciar as primeiras palavras, os bebês conseguem se comunicar. A linguagem dos bebês é expressada a todo o tempo.

Isabel Vita, funcionária pública de 37 anos, é mãe do Daniel, de quatro meses. Mesmo com a pouca idade, ela conta como o bebê se mostra atento e responde aos estímulos desde muito novo. "Após o primeiro mês de vida, comecei a perceber os primeiros olhares, sorrisos, expressões de entusiasmo", descreveu, mostrando que já existia uma comunicação entre ele e as pessoas em seu redor.

Mesmo antes dos primeiros 30 dias, Daniel já se comunicava com umas das primeiras ações características dos recém-nascidos: o choro. "Diante de desconfortos como fome, sono ou fralda suja, a comunicação maior era feita quando ele chorava", contou, revelando que vê novas formas de comunicação no filho a cada mês que passa.

A forma de se expressar do caçula de Isabel, segundo ela, foi sendo aprimorada cada vez mais. Aos dois meses, Daniel começou a sorrir mais, até mesmo gargalhando em alguns momentos. Olhares mais fixos, uso dos braços e pernas e novas expressões corporais também

> **Após o primeiro mês de vida, comecei a perceber os primeiros olhares, sorrisos, expressões de entusiasmo**
>
> Isabel Vita

fizeram parte da evolução do pequeno. "Com três meses, percebi que o olhar dele se tornou ainda mais expressivo e as reações de alegria e de tristeza também, como gritinhos, olhares pedindo ajuda em caso de desconforto e movimentação do corpo. Normalmente, quando ele está chorando para pedir algo e chegamos mais perto, ele já esboça uma reação de alívio como quase um "ufa"", descreveu.

Mesmo sem falar, a criança também usa a boca para emitir sons que carregam uma mensagem, necessidade ou desejo por trás. A mãe orgulhosa revela as evoluções: "Além dos "bicos", ele expressa sons, como um "mama", um suspiro, um "ãh" ou "hum" de reclamação. Agora, ele não mais só expressa os pedidos com choro. Quando ele quer vir para o meu braço e do meu esposo, por exemplo, geralmente ele também já se inclina um pouco para frente". Ela também contou que percebe o olhar do pequeno sempre bem expressivo.

Segundo Isabel, um outro fato muito interessante é que Daniel já verbalizava algo como "ma-ma" desde os dois meses de vida, e vocaliza algo como "nã" antes de cerrar os dentes e não querer mais mamar, como se fosse um "não".

Helena Kedma também é outra mamãe que percebeu a evolução em como o bebê se comunica, desde os 15 dias de nascimento do bebê Gael, hoje com seis meses de idade. Para ela, os principais marcos mais notáveis no desenvolvimento dessa linguagem é a forma como ele utiliza o choro para expressar as necessidades e a tentativa de dizer a primeira palavra. "Ele vinha acompanhado na sílaba "Nem", e agora o treino da palavra"mamãe ", comentou.

A mamãe de primeira viagem também disse, em entrevista ao Jornal **A União**, que um dos momentos mais importantes desta jornada foi quando percebeu que, aos dois meses, ele já exprimia sons em tentativa de chamar sua atenção. "Foi quando ele com apenas dois meses começou a emitir o som de "neném", e percebi que todas as vezes que ele falava essas sílabas, ele estava se referindo a mim, e me chamando ou pedindo meu colo. Foi extremamente emocionante", relatou.

Fotos: Ortilo Antônio

Isabel Vita conta que Daniel se mostra atento e responde aos estímulos desde muito novo

Vocalizações da fala começam aos cinco meses e vão até os dois anos

De acordo com a médica neuropediatra Suénia Thimóteo, as vocalizações da fala começam por volta dos cinco meses de idade e seguem até o segundo ano de vida.

"A emissão de sílabas com sentido funcional acontece por volta dos nove meses, já as primeiras palavras por volta de um ano a um ano e seis meses. Nesse período, as crianças devem estar emitindo cerca de 30 palavras", contou.

Além disso, segundo ela, é próximo aos dois anos que a criança já é capaz de verbalizar incontáveis palavras soltas, começando a ter as primeiras noções de combiná-las para o início de formação de frases. "Esse processo vai se tornando cada vez mais complexas no decorrer dos três a quatro anos, onde elas vão desenvolvendo a capacidade de contar ocorridos e histórias até os cinco anos de idade", explicou.

Somado a isso, a neuropediatra Suénia Thimóteo destacou que a habilidade de se comunicar por gestos e de maneira visual, trabalhados desde o nascimento, também atinge proporções mais consistentes no decorrer dos primeiros dois anos de vida.

Ela também alertou para os indicativos de possíveis atrasos na linguagem entre os bebês. "Qualquer dificuldade desde os meses iniciais, como retardo nos marcos de fala, atraso de comunicação, ausência ou atraso de gestos após um ano, são alguns sinais que podem levar a desconfiar de atraso no desenvolvimento da linguagem".

Suénia apontou que alguns fatores médicos, como distúrbios de audição podem implicar no atraso.

> ■ Médica diz que pais que querem compreender a linguagem dos bebês devem estimular e incentivar as crianças

"Distúrbios de audição levam a impossibilidade de reconhecer e aprender sons, impossibilitando ou retardando, desse modo, a aquisição da linguagem verbal. Outros transtornos do neurodesenvolvimento ou sequelas neurológicas podem causar o mesmo efeito", descreveu a especialista.

Por fim, a neuropediatra Suénia Thimóteo aconselhou aos pais que querem compreender melhor a linguagem de seus bebês a observarem os períodos dos marcos do desenvolvimento, incentivar as crianças a partir de estímulos visuais, auditivos e sociais, e a diminuição máxima de acesso a telas, como televisões e celulares.

Daniel tem quatro meses e também usa o olhar na comunicação

Convívio com irmãos é importante no desenvolvimento da linguagem

Isabel Vita, mãe do pequeno Daniel, já tinha experienciado a maternidade antes. Ela deu à luz às gêmeas Cecília e Letícia, atualmente com sete anos de idade. Ela conta que a experiência anterior ajudou-a a se tranquilizar quanto aos marcos temporais do desenvolvimento da linguagem, e percebeu que o convívio entre as duas foi um fator de grande importância no desenvolvimento na comunicação das duas.

"Na gravidez das meninas, eu fiquei mais ansiosa pra saber quando elas iam falar pela primeira vez, quando é que elas iam se comunicar mais, mas elas falaram super rápido. Acho que por serem gêmeas também, eu notei que elas começaram a interagir uma com a outra de forma muito rápida, e com cerca de dois, três meses, elas já começaram a interagir entre elas e até hoje elas são muito comunicativas", detalhou, contando que com cerca de nove meses, as meninas já conseguia falar várias palavras.

Isabel Vita conta que, durante a gravidez de Daniel, ela e as filhas gêmeas cantavam para o pequeno, que até hoje se acalma quando escuta a música "Três palavrinhas só"

A mãe também comentou um grande vínculo entre o caçula e as filhas, Cecília e Letícia. Ela narrou como uma cena que acontecia durante a segunda gravidez reflete até hoje.

"Uma das minhas gêmeas, Letícia, ela cantava muito para ele quando tava na barriga. Ela gostava muito de cantar uma cantiga chamada "Três palavrinhas só", passamos a gravidez inteira assim. E aí, até hoje, para acalmá-lo, a gente canta. Nós notamos que ele se acalma, realmente, com a música, porque ele tem essa lembrança da barriga", relembrou Isabel Vita, impressionada com a eficácia da prática.

PADRE ZÉ

Há 50 anos morria o "pai dos pobres"

Religioso iniciou o sacerdócio e dedicou sua vida às obras de caridade nos bairros da periferia de João Pessoa

Ítalo Arruda
ianolivrura@gmail.com

Há exatos 50 anos morria aquele que, durante mais da metade do século 20, foi considerado o "pai da pobreza" e o "patrono da assistência social" na capital da Paraíba e adjacências. José da Silva Coutinho ou, simplesmente, Padre Zé – como era popular e carinhosamente conhecido –, consagrou-se como o sacerdote da caridade, cujas ações beneficentes eram voltadas não só ao cuidado com os mais necessitados, mas também à humanização e ao reconhecimento dos pobres como uma prática cristã.

Os passos de Padre Zé, segundo afirma o jornalista e escritor José Nunes da Costa, em seu livro "Padre Zé – De Mãos Estendidas", foram guiados pelos ensinamentos de Jesus Cristo, "que largou tudo para vivenciar e ensinar o evangelho", acolhendo aqueles que, à época, eram desprezados e viviam às margens da dignidade humana e da sociedade civil.

"Padre Zé Coutinho sonhava com uma Igreja que faz opção pelos pobres, que perdoa seus integrantes que cometem erros. Com suas práticas caritativas, proporcionou uma nova dimensão da fé. Sempre caridoso, fazia questão de proporcionar aos pobres o fruto do qual saboreavam os mais abastados financeiramente", diz o escritor ao ressaltar que o religioso contribuiu de forma significativa para que "a igreja solidária se realizasse na Paraíba".

O exercício do sacerdócio de Padre José Coutinho, iniciado em 1922, acrescenta o escritor, foi – e continua sendo – modelo no que diz respeito à missão de bem servir ao próximo. "Nunca desejou acumular riqueza, pois abdicou de benefícios para estar junto aos pobres. Certa vez, Dom José Maria Pires, com quem conviveu, afirmou que, à semelhança de Padre Ibiapina e uns outros, Padre Zé foi um desses sacerdotes que se dedicou de corpo e alma ao serviço do evangelho, mesmo correndo o risco de ser mal interpretado", destaca José Nunes.

Boa parte das obras do líder religioso que se tornara José Coutinho se deu nos bairros periféricos de João Pessoa, com destaque para a região que hoje compreende o bairro Mandacaru, onde a situação de vida da maior parte dos moradores era precária e calamitosa.

Com o objetivo de ampliar as ações sociais em prol das pessoas financeiramente desprovidas e socialmente desfavorecidas, Padre Zé, com a ajuda de amigos, autoridades, benfeitores e fiéis, protagonizou a criação do Instituto São José – que, dentre outras atribuições, servia como um abrigo para estudantes, comerciários, funcionários públicos, pessoas doentes vindas de cidades do interior paraibano para tratamento nos hospitais da capital, que não tinham condições para arcar com hospedagem em repúblicas e pensionatos. Fundado em 1935, o local foi erguido administrativamente (considerando a gestão) com a participação de nomes importantes da sociedade paraibana.

"Podemos destacar algumas pessoas que ocuparam lugar de destaque em diversas áreas, a exemplo do médico e ex-deputado estadual Antônio Ivo de Medeiros, do desembargador Simeão Cananéa, do jornalista Nathanael Alves, do procurador e jornalista Manoel Raposo, de Augusto Lucena, que foi prefeito do Recife, e tantos outros", relembra José Nunes.

Alguns anos depois, em 1965, com o crescimento da demanda de atendimentos na Casa do Padre, como ficou conhecido o Instituto São José, foi fundado o Hospital Padre Zé. De acordo com os relatos trazidos pelo escritor, os acadêmicos de medicina Genival Guerra e Ricardo Rosado Maia ajudaram nesse processo de transformação do abrigo em unidade hospitalar.

Foto: Roberto Guedes

Hospital Padre Zé, fundado em 1965, resultou das ações do religioso, que nunca se preocupou em acumular riqueza

Foto: Roberto Guedes

Túmulo onde está enterrado Padre Zé no Cemitério Senhor da Boa Sentença, no Varadouro, é bastante visitado pela população

Apesar da boa vontade e do espírito caridoso, as condições para a realização dos atendimentos aos enfermos e moribundos não eram as melhores. "Como não tinha ambulância, recolhia os enfermos nas periferias da cidade em uma carroça puxada por animais", conta Nunes, frisando que para manter as obras de caridade, recorria às doações.

Conforme os registros e as memórias do imaginário coletivo pessoense, o próprio José Coutinho percorria os locais de maior movimentação, como porta de cinema, clubes sociais e de festa, bares, restaurantes, além de casas de autoridades e lideranças políticas para pedir esmolas ou "cobrar ações efetivas e duradouras em favor dos necessitados".

■ Uma das obras feitas por Padre Zé foi o Instituto São José, que abrigava pessoas carentes

Relação com a imprensa e o trabalho social até o fim da vida

Além das atividades eclesiásticas – já que foi capelão da Ordem Terceira do Carmo, Vigário da Catedral Metropolitana, entre outras funções, por determinação do Arcebispo Dom Adauto de Miranda Henriques –, Padre José Coutinho também atuou em alguns veículos de comunicação da imprensa paraibana.

"Durante muitos anos, foi diretor do jornal católico 'A Imprensa' e, na Rádio Tabajara, manteve o programa 'Vinte e cinco minutos com o Padre', de enorme sucesso e de grande audiência na época", relembra o escritor ao citar que o "pai dos pobres" mantinha uma boa relação com os profissionais de comunicação que também o ajudavam, em determinadas circunstâncias, nas ações de caridade.

Prisão

O legado de Padre José Coutinho também foi marcado por injustiças e perseguições, tendo sido a sua prisão, na década de 1940, um dos episódios mais marcantes da sua trajetória. De acordo com o jornalista e escritor José Nunes, suas práticas de apoio às famílias carentes, com distribuição de comida e constantes cobranças ao Poder Público por melhorias nos serviços de assistência à população mais pobre, o levou a ser acusado de comunista.

"Ele também chegou a ser preso, em 1943, sob acusação de colaborar com o nazismo", narra o jornalista ao enfatizar que a prisão do padre se deu no 15º Batalhão de Infantaria Motorizado - Regimento Vidal de Negreiros, em Cruz das Armas, na Zona Oeste de João Pessoa.

"Sua prisão teve muita repercussão junto à população da cidade de João Pessoa. Quando deixou o quartel do Exército, algum tempo depois sem que ninguém tenha provado nada contra ele, em demonstração de apoio, centenas de pessoas percorreram as ruas da cidade até em frente ao Palácio do Governo", acrescenta José Nunes, responsável por assinar a biografia de Padre Zé.

Ilustração: Tônio

Padre Zé morreu em 5 de novembro de 1973, após passar mal no Dia de Finados, quando pedia doações para os pobres

Morte

Não é segredo que os dias que antecederam a morte de Padre José Coutinho foram de grande comoção. Além do sentimento de perder uma das figuras mais humanas, caridosas e espirituosas que a cidade pessoense conhecera, a incerteza com relação ao futuro das instituições por ele erguidas também preocupava aqueles que eram do seu convívio.

Diagnosticado com artrite crônica e com a idade avançada, o sacerdote começou a sentir dificuldades para realizar as atividades que lhe enchiam os olhos de brilho e o coração de afeto. Mesmo assim, conta Nunes, o padre não abriu mão de ajudar quem mais precisava.

"Mesmo com a saúde comprometida e com a recomendação dos médicos devido ao seu estado de saúde, no dia 2 de novembro de 1973, feriado de Finados, foi recolher donativos no Cemitério Senhor da Boa a Sentença, como fazia todos os anos, quando passou mal e precisou ser levado ao hospital", traz à tona o escritor, lembrando que, três dias depois, em 5 de novembro daquele mesmo ano, o padre veio a óbito.

A *causa mortis* foi parada cardíaca congestiva e cardiopatia hipertensiva. Quando a notícia da morte de Padre de Zé se espalhou pela cidade, uma multidão se aglomerou na Praça Dom Adauto, também conhecida como Praça do Bispo – onde está instalada a sede do Instituto São José e a Igreja do Carmo, onde o corpo do religioso foi velado.

"Neste dia, logo cedo, as pessoas começaram a ocupar a Lagoa do Parque Solon de Lucena e ruas adjacentes à Igreja do Carmo. Enquanto a urna funerária seguia em carro do Corpo de Bombeiros", diz José Nunes ao falar sobre o cortejo que seguiu, há exatos 50 anos, em direção ao Cemitério da Boa Sentença, no Varadouro, onde o corpo de Padre Zé foi sepultado. Até hoje, vários fiéis visitam o túmulo como forma de homenagear e fazer preces àquele que dedicou a sua vida para cuidar da vida das pessoas mais pobres.

AGREGADORA

Guarabira e o potencial turístico

Cidade fundada no século 17 abriga importâncias históricas e em pleno século 21 tem papel integrador na região

Anderson Lima
Especial para A União

Localizado a 98 quilômetros de João Pessoa, o município de Guarabira, segundo relatos históricos, tem o seu nome de origem tupi que significa "morada das garças". Fundada em 1694, sob as terras de Engenho Morgado, pertencentes a Duarte Gomes da Silveira - Marquês de Copaoba, administrador colonial e senhor de engenho - a partir daí, deu início às primeiras construções residenciais. O município tem a sua economia pautada no turismo religioso, no comércio local, na arte e na cultura. Hoje, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Guarabira tem uma população de 57.484 mil pessoas.

O professor de Geografia da Escola Estadual de Ensino Médio John Kennedy, Daniel da Silva Fernandes, contou que a sua história com Guarabira sempre foi de muito amor. "Sempre valorizei cada cantinho dessa terra e vi a evolução da cidade ao longo dos anos. Guarabira representa, para mim, um porto seguro, minha casa, um local onde eu me sinto livre para ir e vir, onde me conecto com a história local e com a minha própria história", completou.

Foto: Santuário Frei Damião /Comunicação

Memorial de Frei Damião tem impulsionado o turismo religioso na cidade e em toda a região

No campo turístico, o professor de Geografia destaca que Guarabira tem uma vocação imensa ao turismo de negócios, pois é uma terra que desde sempre se destacou nessa área e, com a chegada do trem em 1884, a cidade virou uma importante rota comercial no estado, tendo um desenvolvimento significativo que até hoje se mantém, mesmo com a linha férrea desativada e abandonada atualmente.

"Temos também uma vocação ao turismo religioso com a nossa histórica Catedral de Nossa Senhora da Luz, o principal monumento histórico da cidade e das tradições religiosas que Guarabira vive, desde a segunda metade do século 18, época em que um português fugiu de Portugal com destino ao Brasil, em virtude de um terremoto e trouxe consigo uma imagem de Nossa Senhora da Luz, efetivando esta devoção na cultura local desde então", pontuou o professor.

Há também o Memorial Frei Damião, o principal ponto turístico de Guarabira, que é visitado semanalmente por centenas de pessoas que se deslocam de diversas partes do estado e também de estados vizinhos. O monumento é uma estátua de 34 metros de altura em homenagem ao frade capuchinho, que fez diversas missões pela região Nordeste e passou também pelo município, arrastando multidões e marcando a história de vários cidadãos.

Além de professor de Geografia, Daniel da Silva Fernandes, atua como pesquisador do passado guarabirense, divulgando através do Facebook e do perfil @belezasdeguarabirapb no Instagram, onde ele divulga fotos, documentos antigos, relatos históricos, enaltecendo sempre a história e a cultura local.

"Estipulei uma meta de 100 seguidores no Facebook, mas o trabalho foi crescendo. Várias pessoas começaram a seguir a página e cresceu também a responsabilidade de levar um conteúdo de qualidade e com responsabilidade para os seguidores. As pesquisas foram se intensificando, o conteúdo foi sendo aperfeiçoado e hoje, a página tem mais de 20 mil seguidores no Facebook e mais de sete mil no Instagram", relatou.

Município é o berço internacional da arte Naif e de vários cordelistas

O estudante de Jornalismo e assessor de imprensa da Câmara Municipal de Guarabira, Vinícius Marantz Dias de Lima, define Guarabira como "casa". O município passa para ele um clima acolhedor. Foi lá que ele morou boa parte da sua vida. "Posso dizer que Guarabira me moldou. Apesar de eu ter nascido em João Pessoa, eu passei a minha vida inteira em Guarabira e fui completamente abraçado pela cidade e o estilo de vida local, que levo comigo até hoje."

Vinícius Marantz destacou, ainda, que Guarabira possui uma grande carga histórica e cultural. "Muitos pensam que o único ponto turístico da cidade é o Memorial Frei Damião, mas o município possui vários outros aspectos, que é o berço internacional de Arte Naif, onde todo ano, a abertura do Fian (Festival Internacional de Arte Naif) ocorre na cidade. Grandes cordelistas eram e são naturais de lá, a exemplo de José Camelo de Melo Resende, autor do Romance do Pavão Misterioso."

Além disso, há várias edificações históricas como o Casarão da Cultura, Centro de Documentação, Memorial do Cordel, Monumento do Milênio e a Galeria de Artes Antônio Sobreira, que está com a exposição O Pavão na Parede, onde cada trecho do cordel Pavão Misterioso foi pintado por vários artistas da cidade em variados estilos, como Naif, *Pop Art* e Barroco, enquanto você caminha pelas obras estará vivenciando uma experiência visual de imersão no cordel do início ao fim. A exposição ficará até o fim do ano, pois é em alusão ao Ano do Pavão.

Elementos da fé e desenvolvimento influenciaram história da cidade

Através dos registros históricos, se constatou que em 1755, um grande terremoto atingiu Portugal, destruindo vilas e povoados. Após esse ocorrido, José Rodrigues Gonçalves da Costa, tomado pelo pânico do acontecimento, fugiu de Varzim, na província de Porto, sua terra, em direção ao Brasil. Com isso, José Rodrigues chegava às terras do antigo Engenho Morgado com toda a sua família, construindo no local uma capela, algo que era tradição da época, colocando junto à edificaçlão a imagem de Nossa Senhora da Luz, que trouxe de Portugal, por quem tinha devoção. Assim, José cumpriu a sua promessa em chegar à terras em que não houvesse terremotos.

Embora o padre João Milanez já tivesse construído uma capela dedicada a "Nossa Senhora da Conceição", em 1730, por estas terras, foi feita a substituição da imagem tendo em vista a grande comoção dos presentes pela história do "Beiriz", como ficou conhecido no povoado. A partir do ano de 1760 começaram as primeiras orações e novenas à Virgem da Luz. A primeira casa de oração era de taipa, construída a mando dele no local onde oficializou o seu filho sacerdote, padre Cosme Rodrigues.

Em 1874, com o grande avanço comercial, o município, assim como muitas outras cidades do Nordeste, foi atingida pela invasão dos "Quebras-quilos", havendo grande depredações e revoltas, preocupando as autoridades provinciais da época, pois vilas inteiras do Nordeste aderiram à rebelião contra o decreto que impunha a implantação de um novo sistema métrico, com seus habitantes saqueando feiras e destruindo pesos e medidas do comércio.

Após as forças militares conseguirem pacificar a região, sem necessidade de confrontos mais sérios, algumas vilas foram erigidas para melhor administrar as cidades, e, por força da Lei Provincial nº 841, de 26 de novembro de 1887, foi elevada a "Vila de Independência", à categoria de cidade, sendo denominada de "Guarabira", com o comércio e força até hoje é considerada uma das maiores do estado.

Romeiros mantêm tradição criada a partir de visita missionária do frei

Reitor do Memorial de Frei Damião, o padre José André da Silva Anselmo, contou que a história do Memorial Frei Damião está relacionada com a última visita missionária que Frei Damião realizou na cidade de Guarabira, onde houve uma multidão de romeiros na cidade. Para marcar este momento singular, festivo, o Memorial foi construído no ponto mais alto da cidade de Guarabira, na Serra da Jurema. Este evento aconteceu no ano de 1994.

"O maior evento é a Romaria onde nós celebramos a passagem de Frei Damião para o céu, que é sempre no último domingo do mês de maio. Também no terceiro domingo do mês de dezembro celebramos o aniversário do Memorial Frei Damião e lembramos também do nascimento de Frei Damião, que é no dia 5 de novembro, e outras festividades menores relacionadas à figura de Frei. Na cidade há um outro evento que iniciou faz pouco tempo, mas uma multidão está presente, que é a missa pela beatificação de Frei Damião, que sempre acontece na última segunda-feira do mês", completou o padre.

O santuário se mantém através das doações dos romeiros, das ofertas e também em parceria com a prefeitura, onde ela mantém três funcionários e os outros cinco funcionários são mantidos pelo santuário.

"Existe uma colaboração com a comunidade, sobretudo, com os feirantes porque todos os domingos acontece a romaria. São muitas pessoas de vários lugares da Paraíba, do Rio Grande do Norte, Pernambuco e até mesmo do Ceará. Muitas pessoas participam das celebrações e visitam o museu, realizam as preces, pagam as promessas e depois eles compram com os feirantes. São mais de 60 feirantes, além dos restaurantes. Há também os transportes de turismo. A economia de Guarabira gira em torno disso e assim a cidade é beneficiada", finalizou.

Memorial de Frei Damião foi construído no ponto mais alto da cidade, na Serra da Jurema, em 1994

Fotos: Daniel Fernandes/Divulgação

Praça principal e antigos casarões (E) se complementam à imagem da Igreja Matriz (D)

LITERATURA

Pelas versões do mundo

Vencedor do Prêmio Nacional Cepe de Literatura, paraibano Gael Rodrigues explora possibilidades narrativas na coletânea de contos 'Lila'

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Foto: Camilla Loreta/Divulgação

Na obra, Rodrigues usa o formato de "romance em contos", no qual os textos podem ser lidos autonomamente, mas, em conjunto, oferecem uma maneira de interpretação única

Quantas possibilidades concretas a realidade oferece para que os indivíduos explorem as várias versões de si mesmos? A vida em seu estado latente e potencial parece ser a matéria da qual é feita *Lila* (Cepe, 172 páginas, R$ 45), a mais recente obra do paraibano Gael Rodrigues. Vencedor do Prêmio Nacional Cepe de Literatura, o livro traz sete contos em que os personagens se repetem na sequência da leitura, retornando nos textos com os mesmos traços idiossincráticos de suas personalidades, mas que são expressados de maneira diferente e que vão mudando o curso de suas histórias por questões que nem sempre cabem a eles.

"Fiz esse exercício de imaginar que as coisas que moldam as nossas vidas, não só a nossa personalidade, não são decisões nossas", explica o autor, cujo maior desafio da produção do livro foi criá-lo em um formato de "romance em contos", em que os textos podem ser lidos autonomamente, mas que, em conjunto, eles oferecem uma maneira de interpretação única. A personagem Lila, por exemplo, não é a protagonista em todos os contos, mas quando presente, ela sempre mantém uma postura manipuladora, atraindo todas as pessoas para si. Já Caco, seu irmão gay, conserva uma atitude temerosa diante da vida, sempre procurando uma figura que possa assumir o controle de suas decisões.

"No livro, não existe a possibilidade de Caco não ser gay, da mesma forma que não tem como Lila não ser uma mulher magnética. Tem apenas como ela ser uma mulher ferida que percebe que tudo que gira ao redor dela está caindo. Mas todos os personagens que vão surgindo são os mesmos, por isso foi tão complicado fazer esse livro", considera Rodrigues.

Se em um conto Lila precisa lidar com a morte de sua filha, em outro ela sequer pode gerar uma criança de forma natural. Em um terceiro conto, a filha sobreviveu ao acidente que antes lhe ceifou a vida, mas ela agora já não fala mais com a mãe. De forma equivalente, Caco leva uma vida comum de homem gay, usando aplicativos de encontro e lidando abertamente com a sua sexualidade. No conto seguinte, ele trata esse aspecto de sua vida de maneira recalcada e enrustida, tornando-se homofóbico.

"Para mim, é possível que os dois personagens venham do mesmo pai que, durante a infância, era violento com ele. Um pai violento tanto pode gerar um filho que depois vai se tornar rebelde e levar sua vida de forma normal, ou se tornar uma pessoa que vai se retrair, seguindo aquele pai, e não vai desenvolver sua sexualidade", exemplifica Gael Rodrigues. A base da investigação empreendida pelo escritor está muito ligada às ideias da psicanálise e de como a conduta e sentimentos são conduzidos por desejos involuntários. Contudo, a coletânea também se abre conscientemente para interpretações tanto metafísicas e espirituais, das vidas em outros fluxos de tempo, quanto para um entendimento associado às teorias da física contemporânea, em que a formação do que cada um chama de "eu" encontra-se de forma diferente e concomitante em vários lugares do cosmos, como o multiverso.

Isso fica ainda mais latente no conto chamado *O milagre secreto*, homônimo do conto do argentino Jorge Luis Borges. "Acho isso muito mágico. A gente está tão preso ao momento presente, muitas vezes ansioso com o futuro e depressivo com o passado, e há tantas possibilidades e tantas coisas ainda a acontecer. Essa é uma forma muito bonita de se conectar com as possibilidades da gente mesmo. Essa é uma forma de humildade para perceber algo grandioso que podemos ter acesso, mas também não temos controle. Lila é um livro muito bem escrito em literatura contemporânea, mas não quero que ele seja visto como algo hermético. Ele é um jogo e é para se divertir". A repetição dos personagens, porém, não é a única recorrência entre os textos. A Paraíba também está lá e cumpre várias funções para o seu autor.

Boa parte dos contos se passa em João Pessoa, onde o escritor morou por seis anos, depois de sair em 2007 da cidade-natal, Itabaiana. Em *Lila*, o município do Agreste paraibano é identificado com o nome de Pedra Bonita. Mas, mais uma vez, além desses nomes, está presente uma inspiração literária. "Para esse projeto, eu fiz uma pesquisa sobre histórias de cordel. Sempre tive por referência os versos dos contadores de histórias e eu queria fazer uma espécie de atualização do cordel a cada conto. As pessoas sempre falam sobre o realismo mágico da América do Sul e isso sempre me incomodou um pouco. A gente que é do Nordeste tem uma tradição muito grande de realismo mágico", relaciona o escritor.

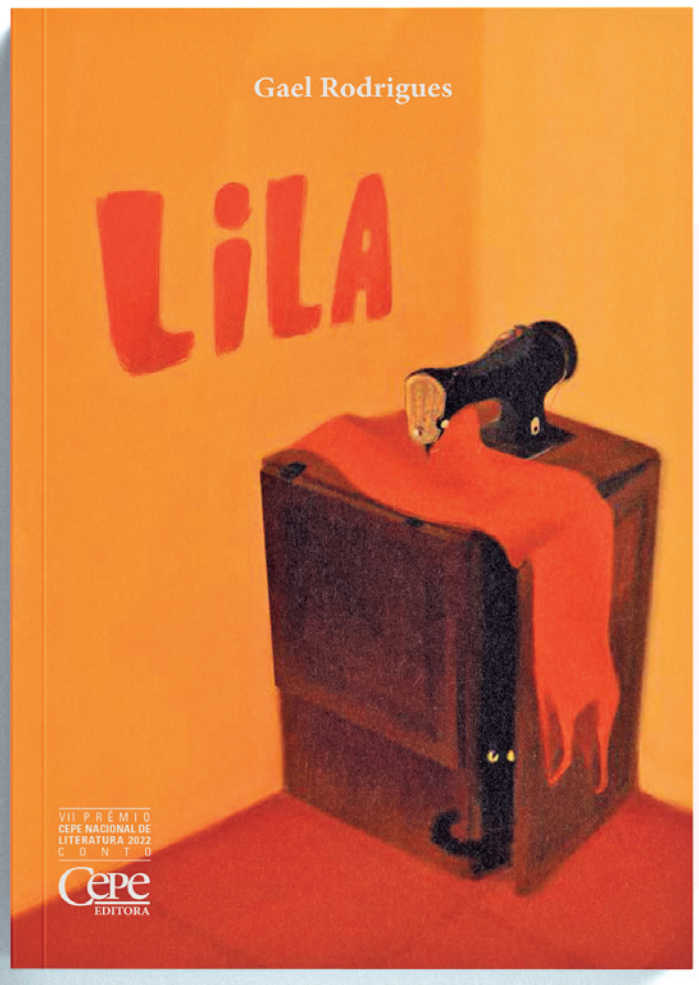
Os temas em *Lila* são mais complexos do que grande parte dos versos do cordel e abrangem questões como solidão, gênero, xenofobia e maternidade em que a mãe não ama a própria filha, mas o fantástico presente na manifestação da cultura popular é representada de outra forma nos contos de Rodrigues. "Todo o mistério e todo o terror que acontece em *Lila* estão dentro da cabeça dos personagens. É assim que eu imagino o cordel hoje", relaciona o escritor, que constrói a obra com alguns elementos biográficos, como o que está presente no terceiro conto do livro e que mudou a sua vida.

Quando morou na capital paraibana, Gael foi sequestrado em 2012 e enquanto esteve em poder dos bandidos preso em um banheiro ele sofreu por perceber que não sairia dali vivo sem realizar seu sonho de se tornar escritor. Foi quando passou em um concurso, se mudou para São Paulo e começou a se dedicar profissionalmente ao ofício de escritor. Desde então, venceu o Prêmio Literário da Fundação Cultural do Pará com o romance *Terra Laranja* (2017), e, em 2018, venceu o Prêmio Cepe Nacional de Literatura Infantojuvenil com *A menina que engoliu um céu estrelado*. Ele também já publicou *Pare de tentar me fazer feliz* (2019) e *As grandes navegações* (2023).

"Faz 10 anos que eu levo ser escritor como a coisa mais importante da minha vida", conclui ele, que criou, assim como na sua literatura, uma possibilidade concreta de ter uma versão diferente de sua própria vida, inventando nessa nova realidade até um novo nome para si. O escritor Gael.

Através do QR Code acima, acesse o site oficial da editora

Foto: Cepe/Divulgação



Confira alguns trechos da coletânea

"Antes de terminar a frase, para. O nome da filha morta há um ano veio sem autorização. Com ela, outras lembranças não bem-vindas. Ela ao volante, a filha sem cinto de segurança no banco de passageiros, uma moto desgovernada, uma colisão. Coloca o copo de uísque no chão, o culpado por abrir as portas há tanto fechadas. Continua olhando a foto, mas em vez de se ver, enxerga a filha. Eram tão parecidas. Quase uma piada divina: Lila estava fadada a se olhar no espelho e enxergar a filha que nunca chegaria àquela idade."

(*Máquina de desaparecer*, página 29)

"Acompanhei a cena concentrada, respeitosa, testemunhando o milagre. Lila era o próprio tempo. A cada mínimo movimento de sua mão, à vida era permitido seguir mais um milímetro de segundo. Outro movimento mais outro centímetro de vida. Acomodando-se no divino maravilhoso, fez a coroa tocar a cabeça da santa. Houve uma explosão de luz e som na igreja e em mim. Meu corpo estremeceu. O corpo tremia junto com a igreja. Gritos, a terra tremendo com os pulos. Meus olhos fixos numa Lila em êxtase. Apenas ao sentir meu sexo molhado pude entender."

(*A casa encaixotada*, página 109)

EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: Rafael Nóbrega

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Metallica

O Metallica disputa palmo a palmo com o Led Zeppelin o título de "minha banda de *rock* favorita". As duas bandas sabem como poucas misturar *riffs* pesados de guitarra com momentos de leveza quase angelicais.

Esteticamente a oposição agressividade *versus* suavidade me parece muito sedutora. Ela remete à doutrina heraclitiana da harmonia entre os opostos. Tensões contrárias, aparentemente irreconciliáveis como as dualidades entre amor e ódio, vida e morte, alegria e tristeza, bem e mal formariam uma espécie de unidade. A própria realidade estaria estruturada a partir de tensões entre contrários, instável, sujeita a um fluxo perpétuo de mudanças.

A capacidade de mudança é outra coisa que me fez fã do Metallica. A discografia da banda é marcada por grandes transformações conceituais. Até mesmo nos três primeiros álbuns da fase *thrash* da banda, existem diferenças acentuadas entre os estilos de compor as músicas. Mas foi com o lançamento do *Black Album*, em 1991, que o Metallica deu uma guinada espetacular na carreira – para os mais conservadores esse momento representaria o fim do quarteto e a vitória do mercado sobre a "rebeldia".

As melodias ficaram mais elaboradas e a nova roupagem dos arranjos levou-os a conquistar um público gigantesco, colocando-os definitivamente no *maistream*. O *Álbum Negro* se tornou o grande sucesso de venda da banda e da história do *heavy metal*. É até hoje o mais vendido dos Estados Unidos em todos os estilos – desde que o sistema Soundscan, em 1991, foi adotado como método para contabilizar as vendas de disco no país. Atualmente, foram comercializadas mais de 16 milhões de cópias e outras 30 milhões pelo resto do mundo.

Sou músico e compositor – desconhecido, acrescente-se. Perdi a conta de quantas músicas já criei. Sempre me incomodou a ideia de seguir um padrão estético ou estilo. Compus e toquei guitarra numa banda de *rock* pesado durante anos, mas procurei nunca me limitar a nenhuma fórmula. Vejo como um assassinato à criatividade. A tendência com o tempo é cair no lugar-comum, na repetição.

Procuro seguir a intuição, o impulso criativo e tentar algo novo. No meu repertório, por exemplo, têm samba, canções *pop*, *ska*, *reggae*, músicas infantis e instrumentais, bossa nova, *punk rock*, *heavy metal* e algumas coisas que, por falta de classificação, costumo chamar de música aleatória.

O sucesso do Metallica durante mais de 40 anos de carreira passa pela capacidade que a banda norte-americana demonstrou de se reinventar durante décadas. Na maioria das vezes, contrariando críticos e fãs conservadores.

O *Álbum Negro* se tornou o grande sucesso de venda da banda e da história do *heavy metal*. É até hoje o mais vendido dos Estados Unidos em todos os estilos

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

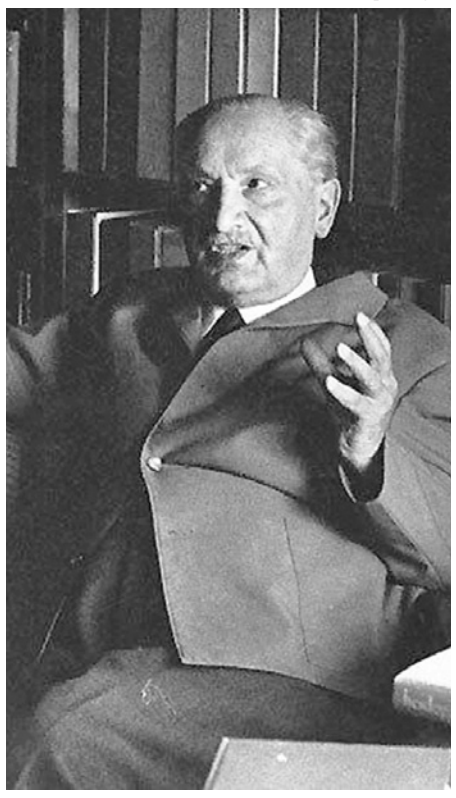
Origem da obra de arte segundo o filósofo Martin Heidegger

O filósofo, escritor e professor alemão Martin Heidegger (1888-1976) escreveu o ensaio *A origem da obra de arte* (1950). Esse trabalho surgiu como resultado de três conferências realizadas em 1936. De acordo com o pensamento heideggeriano, a poesia é a origem da arte, sendo sua essência a verdade, interpretada como um evento histórico a partir do qual o fenômeno humano e a realidade de um povo se revelam. O filósofo alemão não considera a poesia um gênero literário. Ele concebe a arte poética como um processo no qual as coisas emergem, ou seja, é o movimento de produção a partir do qual ocorrerá a manifestação da expressão humana ou do povo, conferindo significado à verdade.

Martin Heidegger afirma, nesse ensaio citado, que existe uma relação de unicidade entre o artista e sua obra. Por exemplo, o pintor só se torna pintor na medida em que, por meio da habilidade de suas mãos, traduz a realidade em cores. Nessa conexão, ocorre a fusão entre o artista e a obra, onde o observador contempla ambos ao mesmo tempo. O espectador é o primeiro a reconhecer a arte que surge dessa união. É apenas através dessa relação que se alcança a verdade da obra de arte, e sua origem só pode ser compreendida quando a verdade é revelada pela arte.

Heidegger, em seu estudo sobre a obra de arte e sua origem, analisa a essência da obra de arte e o processo pelo qual o artista a torna compreensível. Esse procedimento surge da própria realidade humana ou do mundo, que revela-se como uma obra de arte. Para o filósofo alemão, o mundo representa um conjunto de significados, que são construídos através da relação de uso com as coisas e com outras pessoas. A obra de arte, para Heidegger, é a realidade que se torna a verdade visível. Isso é observado porque, da mesma forma no processo de criação artística, existe uma relação de correspondência com a construção

Foto: Reprodução



Filósofo alemão Heidegger (1888-1976)

do imaginário na obra de arte. Ao considerar isso, é possível perceber coisas na arte que não são encontradas no mundo real, assim como também é possível imaginar coisas do mundo real como obra de arte. Trata-se da criação e recriação da realidade, onde as coisas são o que são e também são usadas de acordo com o sentido que lhes é dado.

A obra de arte está presente na arquitetura, nas estátuas erguidas nas praças, nas imagens pictóricas das igrejas e em outros espaços. Essas obras geram novos significados e reinterpretam verdades diante das coisas com as quais se convivem no mundo. Por exemplo, a coisa/pedra é transformada em coisa/arte pela habilidade do artista, sendo a sensibilidade dele que ultrapassa os limites do seu corpo e dá vida à pedra, transformando-a em arte.

O artista atribui à pedra uma existência ao torná-la parte dela. Para ilustrar isso, Heidegger usa os sapatos de um camponês e os sapatos representados por Van Gogh. Nesse exemplo, não há diferença entre eles, e um é simplesmente uma representação pictórica do outro. Apenas se apreende os sapatos se são usados, isto é, se forem calçados e souber caminhar com eles. Ao olhar para a pintura, pode-se imaginar seu uso, mesmo que nunca se tenha usado os sapatos, pois a pintura que representa os calçados captura o sentimento real que Van Gogh tinha por eles, indo além da própria imagem ao sensibilizar o observador, que reconhece simultaneamente a obra de arte e o artista. O ato de olhar para a pintura cria ou recria o sentido que se guarda dos sapatos, permitindo que se possa distinguir das outras coisas e compreendamos o real e o irreal. Por isso, é necessário distinguir o real da representação e assumir, nesse processo, a necessidade de transpor para o imaginário a função real do calçado.

A passagem do tempo auxilia na reinterpretação de obras de arte ao longo da história, porém também lhes retira o seu original valor sentimental. É impossível sentir o impacto que uma obra de arte teve no momento histórico em que nasceu, mas aprecia a obra sob outras significações, perpetuando-as. O tempo se apresenta como um fenômeno, permitindo – na obra – novas interpretações da realidade. Essa natureza da obra de arte a torna o local privilegiado para a manifestação da verdade, revelando-se como um acontecimento histórico e temporal. Segundo Heidegger, a verdade é a sua origem e a poesia é a forma pela qual o ser humano a apreende.

Sinta-se convidado à audição do 444º Domingo Sinfônico, deste dia 5, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as origens e as novas interpretações de óperas, marchas, balés e temas de filmes orquestrados, que geram novas formas de socializações para humanizarem as pessoas e/ou interpretações de verdades.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Geni é a cobra

As "Genis" se multiplicam. São "Doroteias", "Martycleides", "Julientas" e "Dulcimares". Fui ao brechó do Fábio Araújo, em frente ao Pavilhão do Chá, e vi que aumentou o número de mulheres de negócios do sexo e, agora, o pedaço acolhe também as trans. Trilegal, o sol nasceu para todas. Chavão, né?

Tava conversando com Olivia Hime, sobre seu disco novo, *Se eu te eternizar*, quando chegamos a canção 'Pássara', letra de Chico Buarque e Francis Hime. Ela falou que foi feita há anos para o musical *Geni*. São muitas "Genis", né, Olivia?

Eu acredito que a Geni, muito conhecida nossa e do Zepelim, não chega a todos os imaginários. O Zepelim que sobrevoa a cidade da canção de Chico Buarque, composta para o musical *A Ópera do Malandro*, lançada entre os anos de 1977 e 1978, em plena ditadura militar, é só para compor a cena. Geni continua sendo a cobra do paraíso.

Os inquilinos de Jesus e a geral, ainda hoje cantam e jogam pedras na Geni, não a do Chico, mas a Geni que se deixa ser apedrejada. Aqui não estamos falando em feminicídio. Não, eles não matam a Geni, precisam dela, esfolam, jogam tuias de bosta, mas não matam. Não sei o que é pior.

Ainda hoje a cantoria está nas calçadas e o refrão é construído na convivência – joga pedra na Geni, entoando o dialeto, mil vezes sem nem entender a metalinguagem que a personagem transmite. Mas cada um tem sua Geni.

Eu vi um *podcast Lapá de Geni*, aliás, os *podcasts* sumiram(?). Ah! A galera só pensa em lucrar, a Geni não, ela lacra.

Geni, a personagem retratada na obra de CB, representa uma travesti, mas também uma puta, que também representam o Brasil, o país que sufoca, que reúne o maior número de bandidos, bem longe dos clássicos batedores de carteira. Sim, dizem que os ladrões não querem mais os celulares, por conta do rastreamento. Sei.

Então, a composição, em sua primeira estrofe, apresenta uma Geni, que trabalha com a pior clientela, banguela, fodida, dos olhos ramelados da sociedade brasileira. Ninguém assume a pancadaria, mas todo mundo sabe quem mandou bater no lombo, nunca no lombo de quem mandou bater.

Geni atende a todos, os moleques do internato, os capitães de areia de Jorge Amado, os loucos, os lazarentos. Ela se deita com caducos fedorentos, os paus-moles, os banguelas. Ela é uma prostituta, por falta de opção, mas não temos e nem teremos a solução para a imensa legião das "Genis", nesses pelos brasis. Será que elas recebem o Bolsa Família?

De todo modo, Geni faz um serviço à sociedade careta, ao se deitar com os excluídos que não conseguiram estudar ou não quiseram, sequer o tal do amor, ao passo que faz um serviço a si mesma, conseguindo seu sustento, mas a população continua a jogar bosta nela.

Vejamos: "Ela é um poço de bondade / E é por isso que a cidade / Vive sempre a repetir / Joga pedra na Geni! / Ela é feita pra apanhar! / Ela é boa de cuspir! / Ela dá pra qualquer um! / Maldita Geni!".

Isso de dizer "maldita Geni" virou um mantra dos becos, das garrafas, das algazarras, bem longe do caminhando e cantando e seguindo a canção, porque, na verdade nunca fomos, nem seremos iguais.

Geni não é a Madalena, apesar do palíndromo, e foi salva pelo gongo de Jesus.

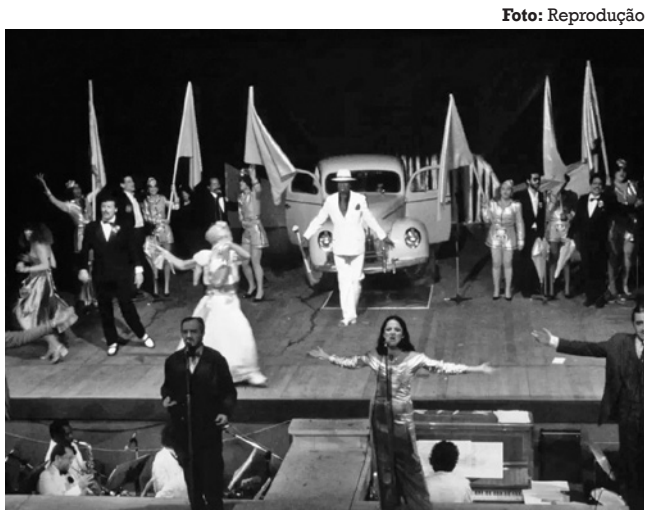
Bom dia aos finados! Ah, já passou.

Kapetadas

1 – Eu ainda me encanto com a oportunidade de viver, apaixonado pelo Brasil, e convencido de que um dia, seremos todos Alice, num país maravilha. Sei.

2 - Os brasileiros se dividem entre insones e impunes, os primeiros por causa dos segundos. Haja "Rivo-Trio".

Foto: Reprodução



Musical 'A Ópera do Malandro' (1977/8), de Chico Buarque

Colunista colaborador

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

'El Conde': alegoria nebulosa sobre Pinochet

Foto: Netflix/Divulgação

Ator chileno Jaime Vadell é o ex-ditador Augusto Pinochet no longa-metragem 'El Conde'

Acabo de assistir a um filme realmente curioso, diria alegórico, baseado na biografia de Augusto Pinochet, do Chile. Do ponto de vista temático, *El Conde* recorre a uma suposta e fantasiosa concepção ao abordar a história do ex-presidente chileno, como o cruel político responsável pelo extermínio dos revolucionários contrários ao seu governo.

Escolhido como Melhor Roteiro no último Festival de Veneza, *El Conde* é diferente de outros filmes que tratam de temas idênticas, justamente pela concepção "vampiresca" dada à vida do ex-ditador. Recurso de linguagem que nos deixa chocados, exatamente quando fala da figura que foi considerada a "sugadora de sangue humano". Metáfora essa curiosa, do ponto de vista das chacinas provocadas pelo ex-presidente chileno, fatos considerados notórios pelo próprio diretor do filme, Pablo Larrain: "Pinochet nunca enfrentou a Justiça e essa impunidade o fez eterno, o transformou em um vampiro".

El Conde teve estreia aqui entre nós agora em setembro, inclusive na rede social, para relembrar os 50 anos do golpe ao governo de Salvador Allende (1973), liderado por Pinochet, à época um oficial das Forças Armadas do Chile.

Mesmo sendo considerado um dos possíveis indicados ao Oscar de 2024 de Melhor Filme Internacional, *El Conde* não foi escolhido, para decepção de sua produção. O conselho de cinema chileno indicou como representante um outro filme, *The Settlers*, de Felipe Gálvez Haberle.

Filmado em preto e branco, *El Conde* nos lembra, em alguns momentos de sua cenografia, um dos clássicos do diretor sueco Ingmar Bergman, *O Sétimo Selo*. Sobretudo nas cenas externas da propriedade onde reside a família Pinochet, quando uma religiosa francesa, supostamente exorcista de um convento, designada profissional especializada em serviços contábeis e financeiros, chega à casa dos Pinochet para examinar o patrimônio e dividi-lo com os familiares do ex-presidente do Chile.

Diria que é um filme insólito, até irreverente e chocante, notadamente nas cenas em que Pinochet, ao triturar no liquidificador um coração humano, bebe-o aumentando-lhe as presas como a de um vampiro sedento de sangue. Tal concepção para nós estranha, para o diretor do filme Pablo Larrain, nada mais é que uma "sátira deliciosa".

A estranheza com que é tratada a história de um dos períodos relevantes e mais cruéis da política do Chile, até nos causa espécie. Contudo, que viva a liberdade de expressão artística, sobretudo no cinema! – Mais "Coisas de Cinema", acesse o blog: www.alexsantos.com.br/blog.

APC reúne conselho próxima semana

Uma comissão especial formada pelo conselho fiscal e demais membros de diretoria da Academia Paraibana de Cinema, presidida pela atriz Zezita Matos, com base no art. 20, parágrafo segundo do regimento da entidade, se reunirá na próxima semana. O objetivo é a apreciação de chapas inscritas que concorrem à eleição da nova diretoria da APC, para o mandato no triênio 2024-2026. A reunião será na sede da Academia, na Fundação Casa de José Américo, Av. Cabo Branco, 3336, em João Pessoa. As indicações inscritas serão publicadas pelas mídias eletrônica e imprensa, à informação dos associados, para devida votação, que deverá ser *online*, ou presencial na sede da APC, até dia 31 de dezembro de 2023, como prevê o art. 16, inciso 1 do estatuto da APC.

Em cartaz

ESTREIAS

DINHEIRO FÁCIL (Dumb Money. EUA. Dir.: Craig Gillespie. Drama e Comédia. 16 anos). Keith Gill (Paul Dano) começa a postar sobre suas apostas no fórum r/WallStreetBets e, após viralizar, atrai mais pessoas para o movimento, até os engravatados de Wall Street começam a revidar. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 16h - 18h45 - 21h30.

MUSSUM – O FILMIS (Brasil. Dir.: Sílvio Guindane. Biografia. 12 anos). A história real sobre a trajetória de Antônio Carlos Bernardes Gomes, o Mussum (Ailton Graça). CENTERPLEX MAG 2: 15h15 - 17h50 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 15h45 - 18h20 - 21h20; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 16h (exceto seg.) - 18h45 (exceto seg.) - 21h45 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIÁ 3: 18h20; CINE SERCLA TAMBIÁ 5: 16h15 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 1: 14h20 (qui., seg. a qua.) - 20h15 (qui., seg. a qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3: 16h15 - 20h15 (sex. a dom.).

NÃO ABRA! (It Lives Inside. EUA. Dir.: Bishal Dutta. Terror. 14 anos). Desesperada para se encaixar na escola, Sam (Suri) rejeita sua cultura e família das Índias Orientais para ser como todo mundo. No entanto, quando um espírito demoníaco mitológico se apega a sua ex-melhor amiga, ela deve aceitar sua herança para derrotá-lo. CENTERPLEX MAG 1: 19h15 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h30 (dub.) - 16h45 (dub.) - 19h (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 17h (exceto seg. e ter.) - 22h (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIÁ 2 (dub.): 19h - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 19h - 21h.

NEFARIOUS (EUA. Dir.: Cary Solomon e Chuck Konzelman. Terror. 12 anos). Um *serial killer* condenado (Sean Patrick Flanery) diz que é um demônio que pode possuir corpos. Ele avisa a um médico (Jordan Belfi) que em breve vai cometer três assassinatos. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 19h (seg. e ter.).

TAYLOR SWIFT – THE ERAS TOUR (EUA. Dir.: Sam Wrench. Musical. 14 anos). Um filme-concerto que documenta a *The Eras*, a turnê da cantora e compositora estadunidense Taylor Swift. CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 17h (sáb. e dom.) - 18h (sex.) - 20h30 (sáb. e dom.) - 21h30 (sex.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (leg.): 20h30 (sex. a dom.).

CONTINUAÇÃO

ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES (Killers of the Flower Moon. EUA. Dir.: Martin Scorsese. Drama. 16 anos). O ano é 1920, na região norte-americana de Oklahoma. Misteriosos assassinatos acontecem na tribo indígena de Osage, uma terra rica em petróleo. O caso foi investigado pelo FBI, a agência que tinha acabado de ser criada na época. Os assassinatos dados a partir de circunstâncias misteriosas na década de 1920, assolando os membros da nação Osage, acaba desencadeando uma grande investigação envolvendo o poderoso J. Edgar Hoover, considerado o primeiro diretor do FBI. Inspirado no best-seller homônimo de David Grann. CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h - 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 20h.

O CÉU NÃO PODE ESPERAR (El cielo no puede esperar. Espanha. Dir.: José María Zavala. Documentário. 10 anos). Carlo Acutis foi um jovem britânico-italiano que morreu em 2006, aos 15 anos, em decorrência de uma leucemia. Porém, mesmo não estando mais aqui, até hoje ele segue sendo um grande símbolo de força entre os jovens. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 18h10.

O EXORCISTA – O DEVOTO (The Exorcist: Believer. EUA. Dir.: David Gordon Green. Terror. 14 anos). Um homem (Leslie Odom Jr.) perdeu sua esposa grávida em um terremoto no Haiti e, desde então, cria sozinho sua filha (Lidya Jewett). Um dia, ela e a amiga (Olivia O'Neill) desaparecem na floresta e só voltam três dias depois, sem nenhuma lembrança do que aconteceu, causando uma série de eventos sobrenaturais. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 21h50; CINE SERCLA TAMBIÁ 3 (dub.): 16h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h20.

FIVE NIGHTS AT FREDDY'S - O PESADELO SEM FIM (Five Nights at Freddy's. EUA. Dir.: Emma Tammi. Terror. 14 anos). Em um restaurante familiar tipicamente norte-americano, característicos robôs animados fazem a festa das crianças. Porém, quando chega a noite, um segredo obscuro e mortal surge: os animatrônicos se transformam em assassinos psicopatas. CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 14h15 - 16h30 - 18h45 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h50 (dub., qui.) - 16h30 (dub.) - 19h45 (dub.) - 21h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 15h30 - 18h - 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h15 - 17h - 19h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 16h30 - 19h - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h30 (exceto seg. e ter.) - 19h30 (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA TAMBIÁ 4 (dub.): 15h20 - 17h30 - 19h40; CINE SERCLA TAMBIÁ 5 (dub.): 14h10 - 16h20 - 18h30 - 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h10 - 16h20 - 18h30 - 20h40 (sex. a dom.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h10 (qui., seg. a qua.) - 15h30 (sex. a dom.) - 16h20 (qui., seg. a qua.) - 17h40 (sex. a dom.) - 18h30 - 20h40 (qui., seg. a qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h20 (qui., seg. a qua.) - 17h30 (qui., seg. a qua.) - 19h40 (qui., seg. a qua.).

HYPNOTIC - AMEAÇA INVISÍVEL (Hypnotic. EUA. Dir.: Robert Rodriguez. Thriller. 14 anos). Com a filha desaparecida, o detetive Danny Rourke (Ben Affleck) descobre que sua família pode fazer parte de um sinistro projeto do governo. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 21h30; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 16h; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 21h15; CINE SERCLA TAMBIÁ 2 (dub.): 17h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 17h.

PATRULHA CANINA - UM FILME SUPERPODEROSO (PAW Patrol: The Mighty Movie. EUA. Dir.: Cal Brunker. Animação. Livre). Os filhotes da Patrulha Canina ganham poderes após um meteoro mágico cair na cidade. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 14h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h (qui.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h30 (qui.); CINE SERCLA TAMBIÁ 2 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h.

SOM DA LIBERDADE (Sound of Freedom. EUA e México. Dir.: Alejandro Gómez Monteverde. Drama. 14 anos). Um ex-agente federal (Jim Caviezel) embarca em uma perigosa missão para salvar uma menina dos cruéis traficantes de crianças. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 20h50 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIÁ 3 (dub.): 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 17h30.

TROLLS 3 – JUNTOS NOVAMENTE (Trolls Band Together. EUA. Dir.: Walt Dohrn. Animação. Livre). Branch e Poppy embarcam em uma jornada angustiante e emocionante para salvar um irmão que foi sequestrado por um par de vilões pop star. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 14h45 - 17h; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h - 16h15 - 18h30 (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 15h15 - 17h45 - 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h (exceto seg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h - 17h15 - 19h45; CINE SERCLA TAMBIÁ 5 (dub.): 14h25 - 18h25; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h25 (qui., seg. a qua.) - 18h25 (qui., seg. a qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h25 (sex. a dom.) - 18h25 (sex. a dom.).

CINE BANGÜÊ (JP)
MOSTRA CINEMATECA E BRASILEIRA (GRATUITO)

CENTRAL DO BRASIL (Brasil, 1998. Dir.: Walter Salles. Drama. 10 anos). CINE BANGÜÊ: 6/11 - 20h30.

CINCO VEZES FAVELA (Brasil, 1962. Dir.: Marcos Farias, Carlos Diegues, Miguel Borges, Joaquim Pedro de Andrade e Leon Hirszmann. Drama. 10 anos). CINE BANGÜÊ: 7/11 - 16h.

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS (Brasil, 1976. Dir.: Bruno Barreto. Comédia. 16 anos). CINE BANGÜÊ: 6/11 - 18h.

CIDADE DE DEUS (Brasil, 2002. Dir.: Fernando Meirelles e Kátia Lund. Drama. 16 anos). CINE BANGÜÊ: 7/11 - 20h30.

CARNAVAL ATLÂNTIDA (Brasil, 1952. Dir.: José Carlos Burle. Comédia. 10 anos). CINE BANGÜÊ: 6/11 - 16h.

O BANDIDO DA LUZ VERMELHA (Brasil, 1968. Dir.: Rogério Sganzerla. Policial. 16 anos). CINE BANGÜÊ: 5/11 - 19h30.

A HORA DA ESTRELA (Brasil, 1985. Dir.: Suzana Amaral. Drama. 12 anos). CINE BANGÜÊ: 5/11 - 17h30.

MARTE UM (Brasil, 2022. Dir.: Gabriel Martins. Drama. 16 anos). CINE BANGÜÊ: 5/11 - 15h; 7/11 - 18h.

Serviço

• **Funesc** [3211-6280] • **Mag Shopping** [3246-9200] • **Shopping Tambiá** [3214-4000] • **Shopping Partage** (83)3344.5000 • **Shopping Sul** [3235-5585] • **Shopping Manaíra** (Box) [3246-3188] • **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] • **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] • **Teatro Lima Penante** [3221-5835] • **Teatro Ednaldo do Egypto** [3247-1449] • **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] • **Bar dos Artistas** [3241-4148] **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] • **Casa do Cantador** [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

O maior poeta

O maior poeta!

Para meu amigo Kubi, é Drummond, sem tirar nem pôr.

Fico matutando nessa coisa de maior poeta. O maior poeta seria o poeta maior? Quais os instrumentos eficazes para mensurar e decidir a grandeza de um poeta? O tamanho do corpo? A medida da alma? A proeza semântica de seu vocabulário singular? A posição que lhe deram os críticos e historiadores na cena dos percursos líricos, épicos e dramáticos? A obra, a vida, a fama, a glória, o anonimato?

Quem pode me responder?

Bandeira se dizia um poeta menor. O que é um poeta menor? Integraria este poeta um desses grupos minoritários que pululam por aí, batalhando pela conquista de novos direitos civis e sociais? Seria aquele que escreve pouco, e, quando escreve, se deixa prender pelas grades da gramática minimalista? Um poeta que simplesmente suspira o peso das miudezas cotidianas e teme a vastidão narrativa dos enredos odisseicos? Esses que fazem do haicai o mais devastado dos modismos?

Se Bandeira se diz menor, e se meu amigo Kubi acha Drummond maior, que tamanho teria, por exemplo, Cecília Meireles, Castro Alves, Raimundo Correia, Murilo Mendes, Augusto dos Anjos, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, Alberto da Cunha Melo, José Antônio Assunção?

Haverá, de fato, uma alíquota justa, uma porcentagem equilibrada, uma figuração geométrica que alcancem a espessura de um poeta? Seu peso, seu comprimento, sua velocidade, sua imaginação?

Haverá, de fato, uma alíquota justa, uma porcentagem equilibrada, uma figuração geométrica que alcancem a espessura de um poeta?

Insisto. Se existe, não sei.

Desconheço as ferramentas de cálculo que possam precisar, com exatidão matemática, o tamanho dos poetas. Digo isto porque a relação com os poetas, quando nos é dada a graça de com eles estabelecermos relações, através da aventura mágica da leitura, é sempre pautada por fatores de ordem subjetiva, por ambivalências emocionais, por urgências íntimas e circunstâncias peculiares, pela incontornável precariedade que comanda o contato com os fenômenos escorregadios e inexplicáveis. Sinto nessa relação algo de difuso, impronunciável, místico, santo, abissal.

Poderia dizer o que já disse em ocasião remota, voltando-me para a figura do escritor. O escritor maior é aquele que amo. Pois bem, vale a fórmula. O maior poeta é aquele que amo.

Então Drummond é o maior poeta. Augusto, Jorge, Pessoa, Francisco, Nauro, Vanildo, Adélia, Camilo, Mário, Chagas, Ângelo, Mauro, Carlos, Marize, cada um, na sua singularidade, com seu repertório ideativo, imagético, musical, é o maior poeta. Cada um, com seus relâmpagos, tempestades, calmarias.

De outra parte, essa medida, se é que se pode chamar de medida experiência tão sutil e tão complexa, não se formula assim de repente, num lance súbito, resolvido tal qual uma equação cujas incógnitas têm a transparência do cristal.

Não. Penso que as coisas funcionam sob um regime menos perfeito. Essa medida, isto é, a grandeza de um poeta, aquilo que nos leva a considerá-lo um poeta maior, vai se consumando aos poucos, na proporção do conta-gotas, ao ritmo da convivência e ao sabor misterioso da intimidade.

Uns, não raro, nos parecem pequenos, ainda tateando os primeiros aceiros da sensibilidade, como se quase nada de grandioso tivessem a nos ofertar. Aos poucos, no entanto, depois de uma palavra aqui, de outra ali, mais à frente um verso daqueles, enfim, a deliciosa descoberta do tesouro do poema, somos que tomados pela sua grandeza. Única, diferente, autônoma, definitiva.

Outros já denunciam sua grandeza desde a leitura do primeiro verso. São os grandes, sempre grandes. Os maiores. Só que isto não os insere numa tabela fixa, num esquema de setas aplicadas numa única e imutável direção. Afinal de contas, a grandeza de um poeta também está submetida à maleabilidade dos vetores quânticos. Portanto, é infensa a qualquer limite racional.

Inferência conclusiva: o maior poeta é sempre uma ilusão!

Colunista colaborador

PROGRAMAÇÃO

Feira Literária de CG anuncia atrações

Com o tema "Páginas de esperança", nova edição da Flic acontecerá gratuitamente no próximo sábado

Da Redação

Foto: Lorena Dini/Divulgação

Foto: Rogério Fernandes/Divulgação

Foto: Arquivo Pessoal

Evento acontecerá em vários cantos da cidade de Campina Grande, trazendo convidados "de peso" como Aline Bei (E), Vanessa Passos (C) e Xico Sá (D)

A 6ª edição da Feira Literária de Campina Grande (Flic) acontece no Centro Cultural, Cine-Teatro São José, no Parque da Criança, além da Feira Central e Escolas Municipais e Estaduais, entre os dias 11 e 19 deste mês, com o tema "Páginas de esperança", e traz nomes "de peso" como Aline Bei, Vanessa Passos, Maria Valéria Rezende e Xico Sá em sua programação gratuita.

No próximo sábado (dia 11), às 9h, na Feira Central de Campina Grande, o Flicordel reunirá cordelistas e artistas populares. A partir das 15h, no Centro Cultural Lourdes Ramalho acontecerão as *Rodas de Diálogo* e lançamentos de livros com diversos escritores campinenses e nacionais. Na área externa do Centro Cultural acontecerá o ColaBora Flic, feira colaborativa de livros, artesanato e gastronomia. À noite, às 18h, a abertura oficial da FLIC terá o grupo teatral Poética Evocare e o escritor Xico Sá. Fechando a programação da noite, a mostra musical com um show das cantoras Gitana Pimentel e Val Donato no Quintal do Tenebra.

No próximo domingo (12), a programação acontecerá no Parque da Criança, com programação infantil do Polo Flicadinho, lançamentos de livros, o *Encontro Leitores em Rede* com os autores vencedores do Prêmio Sesc de Literatura, além da apresentação circense da companhia Cie SCoM, diretamente da França.

Já durante a semana, a Flic acontecerá nas escolas públicas, com a presença de autores locais e oficinas para os estudantes. Na sexta (dia 17), no Cine-Teatro São José, além dos lançamentos de livros e rodas de diálogo, haverá a palestra "Onde colher esperança", com Maria Valéria Rezende e Lau Siqueira. Dia 18, sábado, também no Cine-Teatro São José, a escritora Aline Bei será a grande atração da feira.

O último dia de evento será no domingo (19), com contação de histórias para crianças, ilusionistas e o Cordel Animado, de Mari Bigio e Milla Bigio, além do grupo Leia Mulheres e a autora Vanessa Passos.

A Flic é um movimento literário que acontece durante todo o ano, propiciando a alunos da rede pública de ensino participarem de projetos, a exemplo do Leitura Viva (quando estudam autores paraibanos em sala de aula) e o Repórter Literário (participando de oficinas de formação de repórteres), este últimos integrando a equipe de cobertura do evento.

A Flic tem patrocínio cultural do Grupo Energisa, através da Lei Federal de Incentivo à Cultural – Lei Roaunet com apoio cultural do Instituto Energisa. Para mais informações, acesse o site oficial do evento (www.flicfeira.com.br).

Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Flic

Livraria A UNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!
Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:

www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

marketing epc

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO
GOVERNO DA PARAÍBA

COTAS DE GÊNERO

Justiça Eleitoral reconhece fraudes

TRE começa a julgar processos e forma maioria para comprovar irregularidades praticadas por partidos em CG

Juliana Teixeira
julianaaraujoteixeira@gmail.com

O Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE) começou a julgar, na semana passada, os processos que tratam de fraudes na lei de cotas de gênero de três partidos de Campina Grande nas eleições de 2020: o Solidariedade, o Pros e o União Brasil. As ações visam comprovar o reconhecimento de candidaturas laranjas nas siglas partidárias. No julgamento, o TRE analisou cinco ações.

O Tribunal formou maioria para reconhecer a prática de fraude nos partidos União Brasil e Pros, reconhecendo a inexistência quanto ao Solidariedade. Com isso, ficam alcançados pela decisão e cassados os vereadores Dinho Papaléguas e Waldeny Santana, do União Brasil; e Carol Gomes e Rui da Ceasa, eleitos pelo Pros. A inelegibilidade de oito anos foi mantida para as candidaturas laranjas e também com relação ao vereador Waldeny Santana, que era à época presidente do União Brasil – e afastada quanto a Dinho Papaléguas.

Este é apenas um dos tantos casos de fraudes nas cotas de gênero, identificados pela Justiça Eleitoral. De dezembro de 2021 até o fim do ano passado foram pelo menos 16 processos em que o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) julgou.

O estímulo à participação feminina através das cotas de gênero está na legislação brasileira desde 1997, quando foi lançada a chamada 'Lei das Eleições', a Lei nº 9.504/1997. Ela define que cada partido ou coligação deve preencher o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo, nas eleições para Câmara dos Deputados, Câmara Legislativa do Distrito Federal, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais. Subentende-se, portanto, que os partidos precisam lançar 30% de candidaturas femininas, regra que passou a ser obrigatória a partir de 2009.

Foto: Divulgação

Tássia alerta para as candidaturas laranjas

Tentativa de burlar a lei é problema histórico

Para a Tássia Rebelo, que é Cientista Política, a história do enfrentamento à sub-representação de mulheres no Legislativo brasileiro no cenário recente é muito marcada pela política de cotas, surgida na Lei das Eleições, e pela tentativa dos partidos políticos de burlar essa política. Foi daí que surgiram as chamadas 'candidaturas laranjas'.

"O que aconteceu é que ao invés de preencher as vagas, de início, os partidos apenas se comprometeram em reservar as vagas. Os partidos não chegavam a indicar nem os 30% previstos na lei, em vagas femininas", diz.

Foi o movimento feminista que percebeu que não havia esforço e empenho dos partidos na construção de uma nova realidade, incluindo mulheres verdadeiramente. Então, após esforços, parlamentares conseguiram apoio no Congresso para mudar a lei já existente. Em 2009, quando foi elaborada uma minirreforma eleitoral que se acrescentou à lei vigente a necessidade de preencher com 30% do número de vagas as candidaturas de mulheres. Na verdade, o texto estabelece o termo sexo diferente, o que termina a apontar para as mulheres, que são mais alijadas, ou seja, excluídas destes espaços.

As candidaturas laranjas surgiram nessa perspectiva de que mulheres se candidatam, formalmente, mas que não são candidaturas competitivas, são pessoas orientadas a não disputar votos com os outros integrantes daquela chapa. São candidaturas sem o registro de votos, sem realização de campanha, sem uma atividade política com a intenção de buscar votos.

Foi nesse período que a cientista política aponta para o papel importante do Judiciário, que iniciou também uma cruzada contra os partidos que tentaram burlar essa legislação. "Os partidos tentaram ignorar essa legislação, então começou um trabalho forte do Judiciário para punir envolvidos. A maneira de combater essas candidaturas é combatendo a impunidade. A partir do momento que os atores políticos percebem que podem colocar em risco seu futuro eleitoral, então, pensam duas vezes. Foi o que aconteceu em uma cidade da Paraíba", destaca Tássia Rebelo.

O caso citado pela cientista política aconteceu em Diamante, no Sertão da Paraíba, em fevereiro deste ano, quando a Justiça Eleitoral na Paraíba anulou votos, cassou mandatos e declarou inelegibilidade por oito anos de todos os vereadores e suplentes da cidade.

Este é um trabalho significativo, que na maioria das vezes, traz à própria mulher na política, o compromisso. A deputada estadual Camila Toscano, vice-presidente do PSDB, fez um discurso forte em que se comprometeu em promover verdadeiramente um salto na participação feminina nas próximas eleições. Foi durante a convenção realizada pelo partido, que tem focado o compromisso também em incluir os mais jovens e a diversidade em uma agenda política que visa pensar o futuro e construir mecanismos para aumentar a participação dessa parcela considerável da população nos processos decisivos na Paraíba.

Partidos incentivam mais participação

De acordo com Camila Toscano, o PSDB tem desenvolvido, por meio do PSDB Mulher, uma rede de apoio para todas as filiadas, incentivando-as a participarem da política mais diretamente, sendo candidatas ao cargo eletivo que desejarem. "O nosso objetivo é termos um grande número de mulheres participando das campanhas e chegando aos espaços de poder.

Ainda falta muito. Sabemos que temos um trabalho pela frente, já que o grande problema da ausência feminina na política ainda é cultural, uma questão de educação. Precisamos incentivar a presença feminina em espaços de liderança e poder desde a escola. Isso vai permitir a presença de mulheres em todos os locais, sobretudo na política.

É bem verdade que ainda temos muito para avançar, também, dentro dos partidos políticos. Sabemos que a maioria não incentiva como se deve a participação feminina, com apoio às candidaturas, ofertando recursos e orientações", disse a parlamentar.

Apesar de não ter meta em números, haverá uma agenda pensada para que em 2024, as ações do partido voltadas às mulheres possam se ramificar pelos lugares mais distantes.

" No próximo ano, faremos incursão pela Paraíba, levando orientações e treinamento para que mais mulheres tucanas estejam preparadas para as eleições. É essencial que estejamos nas Câmaras Municipais e nas prefeituras de todo o estado", planejou.

E a construção da imagem e da estrutura feminina no partido passa também pelas mulheres trans e por toda a diversidade da vida atual. Nicole D´Lamark é mulher trans e vem liderando um trabalho que visa ressaltar a importância de abrir a política para a diversidade. "Com a inclusão de mulheres trans nesse processo, podemos trazer à tona pautas indispensáveis, como saúde, educação, emprego e moradia. Por isso temos que ter força para mostrarmos a cara e buscarmos espaços que também podem ser nossos. Temos trabalhado no PSDB essa oportunidade. A legenda abre portas. É um processo longo, mas que deve ser traçado passo a passo", refletiu a integrante do movimento Diversidade Tucana.

Foto: Divulgação

Camila defende mais mulheres nas campanhas

Famup quer ampliar atuação das mulheres

Já a Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup) tem mantido o foco em colaborar com o crescimento da participação feminina nas gestões municipais. Para isso, tem trabalhado nesta perspectiva, visando aumentar o número de mulheres vereadoras e prefeitas. Atualmente, na Paraíba, dos 223 municípios, apenas 40 são administrados por mulheres. De acordo com o presidente da Famup, George Coelho, é importante que as gestoras tenham sempre à disposição capacitações. "É de extrema importância incentivar que mais mulheres disputem e ocupem cargos de poder. Nós decidimos fazer esse treinamento para as mulheres para auxiliá-las no dia a dia da gestão e também nessa disputa eleitoral. A Famup tem um movimento de mulheres, comandado pela nossa 3ª vice-presidente Anna Lorena, que empodera mulheres, promove capacitações e luta contra o assédio e a violência política de gênero", disse o presidente da Famup, George Coelho.

Para especialistas em *marketing* político, melhorar a comunicação pode ser fundamental na construção de uma candidatura e até no êxito de uma campanha. A jornalista Marly Lúcio tem uma vasta experiência em campanhas políticas e levanta a necessidade de se fortalecer a comunicação no processo de conquista de espaços, pois ainda há uma quantidade muito pequena de mulheres que se colocam como porta-vozes, que constroem base política, que estão capazes de obter força para a disputa.

"A comunicação é um atributo necessário em qualquer área de atuação. Para as mulheres que estão na política ainda mais! Não podemos esperar que apenas nosso trabalho fale por nós, é preciso que nossa voz seja realmente utilizada para expressar nossas ações, nossas ideias e nossos posicionamentos. Não devemos terceirizar essa competência.

A comunicação é uma importante estratégia em defesa do empoderamento feminino e do fortalecimento das mulheres em espaços de liderança e poder. Entender isso se faz urgente", explicou Marly Lúcio.

Foto: Divulgação

George, da Famup: foco na mulher na política

Antônio Costa

Editor de várias gestões com compromisso com a qualidade da informação

Durante 13 anos, divididos entre duas passagens, jornalista ocupou todas as editorias, brigou em defesa dos colegas, foi processado e entregou o cargo ao secretário de Comunicação quando discordou de uma notícia

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Antônio Costa construiu uma carreira no jornalismo primando pela qualidade do texto, pela boa apresentação gráfica da notícia e pelo zelo com a diagramação das matérias. Viveu momentos que ele considera como os melhores na história de **A União** com o Jornal de Domingo e as grandes reportagens sobre os mais variados temas, como a seca, debates e cultura. Chegou ao jornal, segundo contou ao Memórias **A União**, em 1983 para secretariar a Redação e foi ficando. Ocupou a Editoria várias vezes, apresentou projetos especiais e escreveu muito. Da crônica diária ao colunismo político. Criou personagens com os quais dialogava na análise dos fatos, e hoje, longe das redações, ainda é considerado um grande camarada pelos companheiros.

Fotos: Edson Matos

Antônio Costa diz que se imaginou preso por causa de um processo eleitoral, que acabou sendo arquivado pelo TRE

A entrevista

■ *Toinho você chegou ao Jornal A União pela primeira vez mais ou menos quando?*

A primeira vez que eu vim para **A União** foi em março de 1983, no governo Wilson Braga. O editor era Nonato Guedes, que trabalhara antes comigo no jornal O Norte, onde eu era secretário de Redação. Nonato me convidou para ser o secretário de Redação. Ele era o editor e Deoclécio Moura e nós começamos uma fase d'**A União** que eu achei a fase mais importante, que durou até 85 com a Redação instalada na General Osório, na antiga Biblioteca Pública. Nós começamos um jornalismo de conteúdo, com grandes reportagens, e o Jornal de Domingo um suplemento, com debates, entrevistas, e as reportagens de assuntos mais históricas.

■ *Um grande caderno de debate, ideias?*

Exatamente. Essa fase foi muito importante para o jornalismo da Paraíba, porque nós fomos ao interior fazer reportagem de centro histórico, culturais e levantamos muita história da Paraíba.

■ *E se eu não me engano **A União** também desenvolveu um projeto para circular em todo o estado?*

Houve esse projeto de a gente terminar a edição mais cedo para pegar o carro, que ia até Cajazeiras no ônibus, que saia a uma hora da manhã aqui de João Pessoa e chegava em Cajazeiras pela manhã. Então, houve esse projeto e **A União** passou a ser um jornal mais lido. Foi um projeto grandioso que foi até 85. Nonato Guedes foi um grande editor. Ele como um grande talento do jornalismo da Paraíba deu essa nova fase ao jornal que cresceu muito.

■ *Você teve mais de uma passagem pelo jornal?*

Eu tive duas épocas diferentes de passagem pel'**A União.** Comecei em 83 e fui até 90, e depois voltei em 96.

■ *Você chegou a ser editor também?*

Fui nessa fase de 83 a 90. Eu passei pela Editoria umas quatro vezes. Passei duas vezes com Biu Ramos, que foi superintendente duas vezes. Fui editor uma vez com Aluísio Moura e depois foi com Zélio Marques.

■ *Também foi editor setorial?*

Brasil, Geral, Esportes de Política, do caderno de Cultura. E de Especiais.

■ *Fez coluna social?*

Fiz também substituindo Ivonaldo Correia nas férias dele.

■ *Quer dizer não faltou nada?*

Não. Em jornal eu fiz tudo, colunas, crônicas, escrevia diariamente.

■ *Tinha um jeito meio irônico de escrever?*

Isso. Tive essa fase sempre procurando assunto do dia, sempre crítico, nos assuntos sociais, de política. Fui comentarista político, social, cultural, de esportes. É tanto que durante a Copa do Mundo, eu sempre escrevia. Tínhamos um caderno de Esporte, e eu escrevia diariamente toda a história da Copa. Eu tenho até guardadas essas histórias. Eu criava personagens e dialogava com eles.

■ *Como você chegou ao Jornalismo. Na sua família há história?*

Sempre fui bom na disciplina de Português. Tive um professor no Colégio Estadual de Cruz das Armas, professor Sérgio, e ele sempre me incentivou a escrever. Aí eu comecei a fazer redação e só tirava 10. Havia um programa na Rádio Arapuã, Jornal sensacional, se não me engano sob comando de Sílvio Carlos. E tinha a opinião ouvinte, e eu sempre mandava colaboração. Silvio divulgava. Ele me despertou a curiosidade de entrar no Jornalismo, até pensei em entrar em rádio. Ainda participei do Programa Fogo Cruzado de Petronio Souto na rádio antiga Arapuã. Souto e Fernando Melo e eu tinha uma participação, comentando, mas a minha praia é o jornalismo impresso.

■ *E começou por onde?*

Foi engraçado. Eu morando em João Pessoa, comecei a colaborar com o jornal Diário da Borborema, que tinha um suplemento aos domingos chamado Revista Tudo. O editor era Itamar Cândido. Eu mandava pelos Correios, crônicas para o suplemento, que era publicado todo domingo. Sugeri a Itamar publicar uma página, uma coluna de pequenas notas de geral, até botei o nome de Linhas Gerais. Ele aceitou a proposta e eu comecei a mandar as notas daqui pelos Correios. Publiquei durante uns seis meses essa coluna.

■ *Como você chegou a O Norte?*

Um dia eu cheguei e disse: vou levar essas colunas para o Jornal O Norte e nem sabia que o Diário da Borborema era impresso em O Norte. Cheguei lá com vários suplementos com a minha escrita e aí mostrei ao editor, Evandro. Era sete horas da noite. Ele disse: "Aguarda um pouquinho aí que eu vou dar uma olhada". Foi na Redação, voltou para sala dele, leu, olhou para mim: "Você tem jeito". Pegou uma nota do novenário do Carmo - até interessante, porque minha mãe chama-se Josefa do Carmo porque nasceu em 16 de julho, dia de Nossa Senhora do Carmo. Ele olhou e disse: "Redija isso, sente numa máquina e transforme numa notícia. Redigi. Aí chegou o superintendente Teócrito Leal, Evandro Nóbrega deu para ele ler. "Quem escreveu isso?", perguntou Teócrito. Evandro respondeu: "Esse maguinho aí". Teócrito: "Tá empregado"

"Discuti com Crispim, entreguei o cargo e disse que ia denunciar, botar a 'boca no trombone'"

■ *Estamos falando de que ano?*

Foi em 78, primeira semana de julho, não lembro o dia. Eu sei que o Novenário é uma semana, antes do dia 16. Fiquei como repórter à noite, plantonista até o jornal fechar à meia-noite. Cobria, por exemplo, exposição, inauguração.

■ *Reunião política?*

Pronto, uma reunião política, que um governador, na época deputado João Agripino, na articulação política, cobri reunião também com Antônio Mariz. Eu ia cobrir tudo que tivesse noite. Quando não tinha nada eu ficava ajudando Evandro na Redação. Havia as notícias da Agência Jornal do Brasil, da Meridional. Eu tive a iniciativa de ir lá fazer uma pré-seleção das notícias nacionais e internacionais e passava para Evandro. E fazia mais: observava como ele fazia o título, três linhas, 12 toques entre as linhas. E já entregava titulada, mesmo que ele não fosse editar. Era uma coisa que eu sempre tive facilidade: fazer título.

■ *Lembro da gente editando a primeira página e você, às vezes, por exemplo, na eleição de José Jackson de Carvalho para reitor da UFB. Foi a primeira eleição direta, Jackson ganhou e eu fiz a chamada e já fui sugerindo o título: "Jackson vence com ..." Você, então disse: Não Lula, já tenho esse título: "Deu Jackson na cabeça".*

Isso foi na Redação onde é a Biblioteca, na General Osório. Exatamente isso, muito bem. Mas, sabe como aprendi a redigir? Tinha pouco dinheiro naquela época, meu pai tinha um box de cereais no Mercado Central. Eu ajudava muito. Ele sempre me dava uns trocados e eu comprava no sábado de tarde os jornais do Sul: Jornal do Brasil, Estado de São Paulo, Folha de São Paulo. Comprava o Jornal do Brasil, e sempre gostei de literatura.

■ *E o Jornal do Brasil era a nossa grande referência na época?*

Isso. O que que eu fazia? Botava o jornal de lado, e meu irmão tinha uma máquina Remington da datilografia. Eu ia copiar a notícia.

■ *Bater a máquina?*

Mas eu copiava para verificar como é que o redator redigia a notícia, como ele desenvolvia.

■ *Estudava?*

Fazia um exercício, um estudo. Como desenvolvia o lide, o corpo da notícia. Até o final aquelas perguntas que se faz de jornalismo: o que, quem, quando, onde, por que e como?

■ *Quer dizer então foi na época em que o curso de Comunicação foi chegando?*

Eu participei de reuniões - sempre quis entrar no meio jornalístico. Houve várias reuniões na API (Associação Paraibana de Imprensa, em 77, se eu não me engano presidida por Gonzaga Rodrigues. Várias reuniões do meio cultural, jornalístico e artístico para sugerir ao reitor Lynaldo Cavalcante a criação do curso de Comunicação.

■ *Tem história?*

Tenho. Em 78, entrei no jornalismo. Não tinha terminado ainda o curso médio, o segundo grau.

■ *Mas já era enxerido?*

Já estava escrevendo. E muitos dos companheiros jornalistas ingressaram no curso, que começou no segundo semestre de 77. Muitos foram ser estudantes como Carmelo Reynaldo, Francisco de Assis. E outros que já eram formados passaram a ser professor, como Otinaldo Lourenço, Jório Machado e Luiz Augusto Crispim. E muitos se formaram e passaram a ser professores como Carmélio e Wellington Pereira. Só que depois entrei, fiz o curso, mas não conclui, abandonei. Fui reprovado por falta, pelo professor Luiz Custódio. Eu estava no Jornal O Norte e fui convidado por Paulo Brandão e Roberto Cavalcante para ser o secretário de redação do Correio da Paraíba. Foi justamente naquela briga dos dois jornais por causa do *top less.*

■ *Pedro Moreira era o editor do Correio.*

E aí, O Norte descobriu a farsa do *top less*, no Conde, que o Correio estampou em duas edições no mesmo dia. O Norte, entrevistou as duas meninas. Rapaz, foi um negócio impressionante. O Norte ficou em cima do Correio.

■ *Massacrando?*

Porque o Correio estava subindo com a administração de Adalberto Barreto como superintendente, José Fernandes o diretor financeiro e Pedro Moreira era o editou de geral. E aí mano Evandro editor de O Norte - passou muitos anos no cargo - e eu secretário de Redação.

Uma noite, chego à Redação de O Norte, os dois dirigentes do Correio, Roberto Cavalcante e Paulo Brandão. Achei um atrevimento, o jornal brigando e eles foram lá para falar com editor, com Evandro. Mas, nessa noite, quem estava editando o jornal era eu. Chegar assim bem alegre: "Toinho, como você está? Como é que está a edição de amanhã? Está muito recheada do correio?" mesmo assim. Não está não a gente deixou para lá. Eu até dei uma de gostoso: O Norte tem outros assuntos mais importantes. Pois é, rapaz o jornal. "A gente veio aqui a conversar com o Evandro. E você está há quanto tempo aqui?", me perguntaram. Dois anos. " Nós ainda vamos trabalhar juntos", acrescentaram. Na semana seguinte recebi um recado de Adalberto Barreto para ir lá. Me chamou dobrando meu salário e eu fui.

■ *Quando você veio para **A União** pela primeira vez, você ainda estava em O Norte?*

Trabalhei em O Norte em quatro oportunidades. Comecei no norte depois, fui para o Correio, voltei para O Norte. Eu passei dois anos no Correio, de 80 a 82. Fui secretário, depois editor. Só voltei para O Norte e fiquei até 83, quando Nonato Guedes me chamou para **A União**. Passei até 90 e fui para o Momento.

■ *Voltando **A União**...*

Eu acho que **A União** - é até um lugar comum dizer que foi a escola de qualquer profissional.

■ *José Américo disse que foi a universidade dele...*

Além de ser a minha Universidade, me deu, também, a possibilidade de ensinar, porque, a partir de 83, sempre eu fui secretário de Redação e editor, cargos de comando, então, passaram vários jovens por aqui recém-saídos da Universidade, alguns sequer tinham terminado o curso ainda. Então, **A União** sempre foi uma base para todos os jovens que desejavam e querem ser jornalistas, de começar ali a prática n'**A União** me deu essa oportunidade, inclusive de aprender. Quando vim para **A União,** principalmente, na segunda fase de 96, até me deu uma oportunidade mais de ensinar aos jovens.

■ *De orientar?*

De orientar a escrever um texto, de buscar a informação, o detalhe.

■ *A edição?*

A seleção da notícia. É tanto que eu organizei um Manual de Redação de **A União.** Foi publicado um "livretozinho", em 2002.

■ *Com as normais gerais de como a redação deveria ser conduzida?*

As normas e também o tratamento da informação, as palavras que devem ser usadas, sempre objetivas curtas e dúvidas que normalmente o jornalista tem. Não sei se aqui n'**A União** ainda se pode encontrar o "livretozinho."

■ *Hoje temos um manual também com essas mesmas recomendações...*

Não sei se se inspirou, porque eu publiquei e distribui com muita gente. Com todo o pessoal daqui e até com jornalista de outros jornais. Fiz uma organização baseada no Jornal Folha de São Paulo, Estadão, manuais do Jornal do Brasil , do Globo. E fiz uma coletânea, com duplo sentido, como é que um jornalista deve conduzir uma entrevista, como escrever. Tudo eu botei no manual e publiquei. Nelson Coelho era o presidente. Tudo baseado na prática, no dia a dia, nas dificuldades que o repórter tem para escrever.

■ *Aquela história de fazer fazendo?*

Isso. Acho que na segunda fase de de 96 a 2002 eu me propus a isso: ensinar, a ser um orientador. Porque a gente nunca ensina na verdade. A gente orienta.

■ *No máximo dá uma dica?*

Dá uma dica de como os repórteres devem proceder. Passou nessa época muita gente por aqui.

■ *Foi a invasão das mulheres, já que as Redações eram muito machistas?*

Veio muita mulher mesmo. A chefe de reportagem era Conceição Coutinho, extraordinária pessoa e profissional. Eu passei na Editoria seis anos e ela foi sempre a minha chefe de Reportagem, o secretário de Redação, Robson Nóbrega e o editor adjunto Linaldo Guedes. Então nós fizemos uma equipe aqui com muita gente jovem de repórter.

■ *Então precisavam de orientação?*

Precisavam e eu me dediquei muito à questão da edição, à questão, principalmente do texto. Eu sempre fui um cara perfeccionista.

■ *Essa foi a segunda fase em **A União**. E a primeira?*

"Me dediquei muito à edição, principalmente ao texto. Eu sempre fui um cara perfeccionista"

A primeira fase em **A União** foi muito de aprendizado no meu relacionamento com o jornal, de 86 a 90, porque cheguei a exercer todos os cargos. No segundo momento foi mais de orientação, de transformar.

■ *Como foi que você administrou a liberdade de trabalhar na empresa privada e de repente estar em **A União**?*

Teve isso várias vezes. Uma vez eu tive uma discussão com Luiz Augusto Crispim. Uma discussão forte, que eu até deixei a Editoria por causa da censura, que, realmente, sempre existiu, em todos os governos. Nonato Guedes deixou a Editoria por causa de uma censura. Aluísio Moura era o superintendente d'**A União** e teve uma discussão.

■ *Você lembra qual foi o tema da discussão ou da censura?*

Não lembro. Sei que ele disse: "Tu fica aí como editor e realmente eu fiquei uns cinco meses com Aluísio Moura, que depois nomeou Arlindo Almeida como editor e voltei a ser secretário. Foi em 85 mais ou menos. A lei é muito rigorosa, mas na época **A União** passou a ser um panfleto mesmo, e a intenção minha sempre foi valorizar o Jornalismo.

■ *Mas bastava começar uma campanha política...*

Foi quando Wilson Braga chamou Deoclécio para o outro cargo e botou Aluísio Moura, que depois foi para a TV Cabo Branco, com o Antônio Cabral, mas antes foi presidente aqui. Você sabe tem alguns superintendentes que são mais governistas do que outros, né?

■ *Mas realista do que o rei?*

Nunca deu certo brigar com a notícia. Foi como aconteceu com o atentado contra Buriti n'**A União.** Acho que o editor era Fernando Moura e Nonato Guedes o superintendente. Ferrando Moura editou aquela manchete que ficou negativa historicamente, chamando o atentado de incidente. Essa palavrinha ficou para sempre, no folclore da imprensa. um atentado, tratado como incidente.

■ *Você sempre foi um jornalista preocupado com a feição gráfica da notícia?*

Isso é verdade, sempre essa preocupação mesmo. É tanto que tive boas amizades com os diagramadores. Aqui de **A União,** Paulo Sergio. É um grande amigo que eu fiz trabalhando com ele no dia a dia.

■ *Brigando por causa da feição do jornal?*

Eu sempre quando ia fazer a primeira página eu já tinha um projeto na minha cabeça. Como é que eu ia distribuir o material, a ideia, a manchete, a segunda manchete, que é mais ou menos abaixo da metade - há essa preocupação.

■ *A dobra?*

É porque era horrível você fazer um título e, por exemplo, ele ficar coincidindo com a dobra. Sempre tinha um diagramador preferido.

■ *Você se entendia muito bem não apenas com a diagramação, mas com a oficina, porque tinha a seleção de cores que começou a ser feita e lembro de você conversando sobre a escolha da foto, o corte, a policromia?*

Exatamente, porque houve edições horríveis quando começou o colorido em **A União.** Tinha a foto tremida, o registro da chapa. O pessoal da técnica vinha me mostrar. Eu queria conversar com o técnico mesmo. Por que saiu assim? Vinha para o filme, o fotolito. O grande problema era o fotolito, na montagem das cores se o fotolito não encaixasse a foto ficava tremida. Fiquei muitas vezes até o final, até impressão, uma hora, duas horas da manhã, e eu conferindo.

■ *E as fotografias?*

Sempre tive discussões com os fotógrafos. Tive grandes discussões com Ortilo Anônio, que ainda está aqui. Botavam cinco fotos para que eu escolhesse uma e eu não queria nenhuma delas. Me mostra aí e ele ficava bravo. Aí ele passou a mostrar o filme inteiro. Já com Antônio Davi era diferente. Ele sempre me trazia uma foto extra, para que eu fizesse um texto legenda. Pegava um negócio diferenciado, aí eu aproveitava na página de Cidades, bolava um texto. A primeira coisa que eu queria para fazer a primeira página era a foto. A partir daí poderia abrir, fazer um desenho.

■ *Como é que você avalia o papel de **A União** na história da Paraíba?*

Eu passei 13 anos em **A União**. Até mesmo antes de ingressar no jornal **A União**, trabalhando em O Norte, eu vi **A União** como uma escola mesmo. Na época que eu trabalhava n'O Norte, o editor d'**A União** era Agnaldo Almeida. E **A União** já tinha um time de jornalista de primeira linha. O jornal que tinha mais circulação era O Norte que tinha o domínio político. Todo mundo do curso de Comunicação, só queria passar primeiro por **A União**.? Pronto, já era para seguir uma escola. E **A União** talvez seja um dos maiores instrumentos da história da Paraíba. Eu coloco **A União** entre os 10 maiores instrumentos.

■ *Só o arquivo já é uma extraordinária contribuição para a história?*

Repito: ela está entre os 10 instrumentos que podem contar, revelar dizer sobre a história do Estado da Paraíba. Não estou falando só de João Pessoa.

■ *E bem Estadual?*

Bem ampliada mesmo, hoje você vai pegar alguma informação - eu até estou fazendo uma pesquisa, estou escrevendo um livro sobre as minhas origens, os Lopes e lá de Barra de Santana – e consegui numa edição de **A União** está na internet. Para a história **A União** é extraordinária. Em todos os segmentos sociais, políticos, culturais e principalmente econômico, é uma fonte inesgotável. Por isso já houve várias ameaças de extinguir **A União** impressa.

■ *Todas malogradas?*

Todas. Se houve uma pesquisa para saber ouvir a população pelo resgate histórico, o lucro social econômico cultural para a Paraíba, para a população é inesgotável. Eu acho que **A União** deve permanecer impresso mesmo. Impresso, talvez com menos páginas. Com uma impressora mais poderosa que possa imprimir oito páginas coloridas. Sempre fui do jornalismo impresso porque é documental, no sentido de estar ali no papel, escrito como testemunha, como fonte. Existe, é um objeto palpável, não é digital, existe, é um objeto palpável. Hoje em dia se publica livros - agora tudo é digital. Eu mesmo consegui **A União** de forma digital, mas que se mantenha, como símbolo dessa história, o impresso.

Aponte a câmera do celular e veja a entrevista na íntegra

EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Paulo Sergio

Aos •domingos •com

Messina Palmeira

Editoração:
Ulisses Demétrio

Lourdinha França, Lílian Moraes, Edna Martins, Adriana Duarte, Cecília Miranda, Aleuda Ferraz, Mariana Vieira, Jurandir do Sax e Fátima Gama Roza são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA
PARAÍBA
PROPERTY
CRECI 0362-J
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

moura dubeux

Amigos, depois de quase dois anos neste importante jornal me despeço com a minha coluna "Aos domingos com Messina Palmeira". Saio deste espaço, mas não saio da mídia, pois vou continuar com esta coluna nas minhas redes sociais. Logo após uma delicada cirurgia a que vou me submeter nessa segunda-feira (6), volto firme e forte. Agradeço a todos que fazem parte da EPC pela confiança e amizade e, em especial, a presidente Naná Garcez pela acolhida e atenção.

Os casais Thiago Moura e Adriana, David e Karina Berrios, se extasiaram com o novo show de Madona, o The Celebration Tour, evento que aconteceu no Palau Sant Jordi, em Barcelona, no último dia 1º.

Coube ao músico Felipe Alcântara fazer o show de abertura do Brasil Cachaça, evento que aconteceu na última sexta-feira (3), no UpGarden-Extremo Oriental das Américas. No sábado, no Espaço Cultural, o musicista Lukete fez espetacular apresentação e, neste domingo (5), às 17 horas, no mesmo local, será a vez de Lucas Veloso (foto) apresentar seu talento de ator e humorista num show que vai mostrar seus 10 anos de estrada.

O restaurante do Skyler Mar Hotel, de propriedade da família do empresário Mauro Miranda, foi palco para o evento de aniversário da nossa amiga Auxiliadora Cardoso. Ela, sempre acompanhada de familiares queridos, festejou a data num clima de muita harmonia e amizade. Confira alguns dos melhores momentos.

O III Festival do Couro de Cabaceiras vai acontecer no distrito da Ribeira, nos dias 17, 18 e 19 deste mês. O evento, um dos maiores do Cariri paraibano, vai reunir cooperativas produtoras e beneficiadoras de couro e artesanato, além de música rica e saborosa gastronomia local.

No próximo dia 18, a Confraria dos Bibliófilos da Paraíba, entidade cultural que reúne escritores, advogados, professores, historiadores, entre outros profissionais liberais, vai realizar sessão solene para, entre outras ações, promover lançamentos de livros de associados. Além de mim, que vou lançar meu novo livro "Dona Cotinha, a Vaca Voadora", os autores Sérgio Rolim Mendonça, Renato César Carneiro, Ida Steinmüller, Vanderley de Brito, José Romildo, Francelino Soares, Aroaldo Sorrentino, Saulo Medeiros Costa, Eitel Santiago de Brito Pereira, Marconi Pereira de Araújo e José Mota Victor também vão lançar alguns títulos .

Assisti, é claro que adorei, o filme "Atonal e Visionário", película dirigida pelo cineasta Mirabeau Dias e apresentada, durante sessão gratuita no auditório do Sesc Cabo Branco, pelo Cine Clube O Homem de Areia, em parceria com a Fundação Casa de José Américo.

A edição 2024 do FestVerão-2024, badalado evento de música da Paraíba, terá atrações de peso, a exemplo de Xand Avião, Bell Marques, Weslley Safadão, Maiara & Maraísa, Alok, Jota Quest e Paralamas do Sucesso.

A Cachaça Matuta, destilaria localizada no município de Areia, no Brejo paraibano, conquistou várias medalhas no Spirits Selection by Concours Mondial de Bruxelles, durante concurso que aconteceu na cidade de Treviso, na Itália. É por isso que eu digo: eita Paraíba arretada!

Hildeberto Barbosa, imortal da Academia Paraibana de Letras, vai lançar seu novo livro "Da Volúpia do Erro: Pensamentos Provisórios", no próximo dia 16, às 18h, no Bar do Baiano, badalado espaço gastronômico localizado nos Bancários.

Uma pesquisa realizada pelo Booking.com, em turismo sustentável, classificou João Pessoa como um dos 10 destinos brasileiros que possuem hospedagens sustentáveis. O estudo foi realizado com mais de 33 mil viajantes de 35 países, incluindo o Brasil. Parabéns, Rosália Lucas, Ferdinando Lucena e Daniel Rodrigues, respectivamente, secretária de Turismo e Desenvolvimento do Estado da Paraíba, presidente da PBTur e secretário de Turismo de João Pessoa.

RESERVA FUTURA

Poupar para filhos é hábito de somente 28% dos pais

Estudo do Serasa indica que classes A e B são as que mais fazem investimentos

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

A educação financeira pode mudar a vida das pessoas. O hábito de economizar mês a mês em um contexto familiar pode acarretar na conquista de objetivos patrimoniais no médio e longo prazo. Mas, 72% dos pais brasileiros não poupam recursos para o futuro dos filhos. É o que indica a pesquisa "Finanças para os Filhos: Dinheiro é Coisa de Adulto?", realizada pelo Serasa em parceria com o Instituto Opinion Box. Conforme o levantamento, 49% afirmaram que pretendem adotar algum tipo de ação no futuro.

Conforme o especialista em Educação Financeira e doutorando em Economia Aplicada pela UFPB, Cássio dos Anjos, o índice reflete o fato de que muitos pais não possuem conhecimento sobre as melhores formas de investir ou poupar. Segundo ele, há investimentos acessíveis, com valores a partir de R$ 30. "No entanto, rendimentos instáveis podem influenciar na decisão das famílias com relação à poupança. Além disso, valores pessoais, expectativas em relação ao futuro e prioridades de consumo podem também influenciar".

Para conseguir economizar, os pais devem envolver os filhos nesse processo, explicando a importância de juntar dinheiro e perseguir objetivos, recomenda Cássio dos Anjos. "A educação financeira é importante para ensinar as crianças sobre sonhos e metas. Isso desenvolve as habilidades socioemocionais de autocontrole, responsabilidade, cooperação e solidariedade".

De acordo com o especialista, há inúmeros cursos pela *internet* tanto para as crianças, quanto para os adultos. Outra possibilidade é o uso de jogos de tabuleiro,que podem funcionar como um minicurso e são usados em aulas nas universidades.

Classes sociais

O estudo do Serasa indica que as classes A e B são as que mais investem recursos ou poupam valores para o futuro dos filhos, com índice de 51%. A estratégia é menos comum entre os pais das classes C (27%) e D (17%). Para Cássio dos Anjos, os dados sugerem uma relação entre renda e capacidade de poupança. "Em geral, as classes C e D possuem uma renda mais instável, além disso eles possuem menos acesso à informação, o que dificulta o planejamento e a gestão de suas finanças pessoais e familiares".

Dentro do grupo que investe ou economiza para o futuro dos herdeiros, metade não separa os valores em uma conta específica, misturando ao orçamento familiar. Há também os que afirmam utilizar contas digitais (19%) ou tradicionais (19%) em nome do filho.

Fotos: Arquivo pessoal

Apesar de ter apenas quatro anos, a pequena Rafaela já possui previdência privada, feita por seus pais para ajudar no futuro

Previdência privada é opção para o futuro

Para investir no futuro dos filhos, os pais devem considerar a idade das crianças, o prazo, o objetivo e o risco do investimento, orienta o especialista em Educação Financeira. Algumas opções são a previdência privada, o tesouro direto, certificados de depósito bancário (CDB) e fundos imobiliários. "É importante conseguir investimentos que sejam superiores à inflação para preservar o valor de compra do dinheiro", destaca Cássio dos Anjos.

A previdência privada foi o tipo de investimento escolhido pelo contabilista Rafael Paulino para facilitar o futuro da filha Rafaela, de quatro anos. O primeiro aporte começou assim que ela nasceu. "Antes de ter um CPF, ela já tinha uma previdência privada. A ideia é que Rafinha possa sacar os valores para cursar uma faculdade ou comprar um bem, como um carro ou apartamento, sem que eu precise desembolsar valores", comenta.

Rafael Paulino conta que o primeiro aporte foi no valor de R$ 100. A cada ano, a parcela mensal é reajustada. A escolha pelo investimento se deu pela possibilidade de resgatar o valor total quando a filha estiver adulta ou reverter em recebimento de renda mensal, caso os aportes continuem até a aposentadoria dela. "O uso do valor vai depender do tempo de investimento e há possibilidade de aumentar o valor do aporte mensal".

A remuneração da previdência privada de Rafinha é atrelada ao índice da Bolsa de Valores brasileira, uma operação um tanto arriscada, mas que condiz com o perfil de investidor mais "agressivo" de Rafael Paulino. "No início, o indexador era a taxa Selic, que estava bastante baixa em 2020, daí eu troquei pela Bolsa, que é um índice que eu confio, considerando que é um investimento a longo prazo, mas eu posso mudar para outro, caso ache mais adequado".

Taxa de retorno

Simulação realizada por especialistas do Santander Brasil mostra que, com o investimento mensal de R$ 300, é possível chegar à quantia de R$ 100 mil, em 18 anos. O resultado é obtido por meio da contratação de um plano de previdência complementar desde o nascimento da criança até a sua maioridade, considerando uma taxa de juros de 5% ano.

Conforme o banco, é possível obter valores consideráveis mesmo com o aporte de quantias menores. Se o aporte for de R$ 50 ao mês, ao fim de 18 anos, o acumulado será de R$ 17 mil. No caso do investimento de R$ 100, o saque será de R$ 34 mil. Os valores não consideram os descontos do Imposto de Renda.

De acordo com o *head* de Previdência do Santander Brasil, Gustavo Lendimuth, um plano de previdência tem um grande potencial de acumulação para objetivos de longo prazo ou para formação de renda. "Estes valores já ajudariam no pagamento de um curso, intercâmbio ou mesmo a compra de um automóvel", diz o executivo.

O plano de previdência infantil pode ser contratado por qualquer interessado em cuidar do futuro de uma criança, sejam pais, avós, padrinhos ou tios. "É uma forma de viabilizar um sonho futuro, além de criar uma recordação que pode fazer a diferença na trajetória profissional e educacional de alguém querido", afirma o diretor de Investimentos e Previdência da Zurich Santander, seguradora parceira do Banco no desenvolvimento dos produtos, John Liu.

"É importante conseguir investimentos que sejam superiores à inflação para preservar o valor de compra do dinheiro

Cássio dos Anjos

Economia em Desenvolvimento

João Bosco F Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Cuidados com o endividamento nas festas de fim de ano

Com a aproximação das festas de fim de ano, o clima de celebração toma conta das ruas, das casas e, principalmente, dos comércios. A Black Friday, originalmente uma tradição norte-americana – que sempre ocorre após as comemorações do Dia de Ação de Graças, já se firmou no Brasil como uma das principais datas de compras, antecedendo o Natal. Contudo, nesse período, as famílias brasileiras devem redobrar a atenção para evitar o endividamento.

Este artigo trata de um tema recorrente, principalmente, lembrado por nós economistas nesta época do ano, mas vale a pena uma leitura atenta para não caírem nas mesmas armadilhas.

Antes de qualquer compra, é fundamental que haja um planejamento. O planejamento é palavra-chave. Estipule um teto de gastos e se comprometa a não ultrapassá-lo. Liste tudo que pretende comprar e pesquise preços com antecedência, assim você pode identificar de fato as promoções e evitar compras impulsivas.

Cuidado com as parcelas. A tentação do parcelamento pode parecer uma boa ideia, especialmente quando são "12 vezes sem juros". Mas lembre-se: mesmo que a parcela caiba no seu bolso hoje, você está comprometendo sua renda futura. Somando várias compras parceladas, o valor mensal pode ser um peso no orçamento.

Durante a Black Friday, é comum ouvirmos falar em "maquiagem de preços". Algumas lojas aumentam os valores semanas antes para depois oferecer um "desconto". Fique atento, use comparadores de preços *on-line* e confira a evolução dos valores. Existem promoções verdadeiras, mas cuidado com as armadilhas.

Não é apenas nas compras de presentes que se gasta no fim de ano. A ceia natalina é outra despesa que pode pesar no bolso. Mas é possível ter uma celebração farta, deliciosa e sem gastar muito:

Valorize os produtos locais: aproveite o que a sua região oferece. Em vez de investir em iguarias importadas, que tal valorizar os produtos locais? Eles costumam ser mais em conta e ainda promovem a economia local.

Receitas tradicionais: resgate as receitas da família ou pratos tradicionais brasileiros. Um bom arroz carreteiro, uma galinhada ou um cuscuz paulista podem ser tão especiais quanto um peru ou um bacalhau, e muito mais em conta.

Potluck – jantar compartilhado: uma tradição em alguns países é o *potluck*, onde cada convidado traz um prato. Isso pode ser adotado nas celebrações, distribuindo as responsabilidades e os custos entre os participantes.

É possível presentear com carinho e sem gastar muito. Faça você mesmo: use suas habilidades manuais e crie presentes. Pode ser um objeto de decoração, uma peça de roupa ou mesmo guloseimas feitas em casa.

Experiências. Muitas vezes, vivenciar algo é mais valioso do que bens materiais. Que tal presentear com um dia no parque, uma tarde de filmes em casa ou um jantar especial?

Em vez de comprar algo para cada membro da família, que tal um presente coletivo? Um jogo de tabuleiro ou um item para a casa pode beneficiar a todos.

O fim de ano é, sem dúvida, um momento especial, mas não deve ser sinônimo de endividamento. Lembre-se que um ano novo também vem recheado de novos compromissos financeiros. Com planejamento e criatividade, é possível celebrar, presentear e ainda começar o novo ano com as finanças em dia. Valorize as experiências, a convivência e, acima de tudo, o verdadeiro espírito natalino.

NÔMADES DIGITAIS

Países oferecem vistos especiais

Governos têm investido em ferramentas para facilitar o dia a dia de quem busca novos locais para viver e trabalhar

Agência Estado

Com muitas pessoas trabalhando remotamente, 58 países já criaram vistos especiais para nômades digitais e outros programas voltados a esse público. Canadá, Espanha e Uruguai são alguns deles, mas há outras opções espalhadas por todo o mundo.

Nos Estados Unidos, 17,3 milhões de americanos, o que significa 11% da força de trabalho do país, se identificam como nômades digitais, isto é, pessoas que conseguem trabalhar independentemente de sua localização por meio da tecnologia. Os dados são do relatório de agosto de 2023 da empresa MBO Partners. Segundo o documento, esses novos trabalhadores, tanto tradicionais como autônomos, representam um aumento de 2% em relação a 2022.

> Pesquisa indica que 70 milhões de pessoas planejam se tornar nômades digitais nos próximos dois ou três anos

Neste ano, a pesquisa projetou que 70 milhões de pessoas planejam se tornar nômades digitais nos próximos dois ou três anos. Ainda que o resultado seja 3% menor se comparado ao do ano passado, o relatório destaca que o número ainda é alto e mostra quão extenso é o interesse por esse estilo de vida.

A expansão desse modelo de trabalho ocorreu durante a pandemia. Desde o seu início em 2020, o número de nômades digitais com empregos tradicionais mais do que triplicou. Neste ano, no entanto, esse número diminuiu em 4% entre os trabalhadores americanos, aponta o relatório. Por outro lado, o número de nômades digitais que são trabalhadores independentes (*freelancers*, autônomos, contratados independentes) continuou a crescer, aumentando em 14% em comparação com 2022.

Foto: Freepik

Pandemia contribuiu para ampliar o número de freelancers e contratos independentes

Turismo aquecido e novos negócios

A potência desse novo mercado está fazendo com que diversos países criem facilidades para atrair esses talentos. Governos estão percebendo que nômades digitais gastam mais dinheiro que turistas, criam novas vagas e até começam negócios locais, segundo o relatório. Até a publicação do documento, 58 países já tinham criado vistos especiais para nômades digitais e outros programas voltados a esse público.

A Espanha é um desses países. A partir deste ano, nômades digitais podem trabalhar no país por até um ano. Depois desse período, é possível aplicar para um visto de residência de três anos, que pode ser renovado por mais dois anos.

Existem alguns requisitos, como ter graduação ou pelo menos três anos de experiência profissional na área, seguro saúde privado, certificação de trabalho por pelo menos três meses para empresa estrangeira e ter recursos financeiros de pelo menos o dobro do salário mínimo espanhol mensal (cerca de R$ 13,381).

Já o visto para nômades digitais no Canadá, anunciado em julho deste ano, é válido por até seis meses. Os trabalhadores também podem tentar um visto de trabalho temporário e ficar no país por mais três anos se forem contratados por um empregador canadense.

Segundo o ministro da imigração do país, Sean Fraser, o programa é uma estratégia para lidar com a escassez de mão de obra em "ocupações chave na área de tecnologia".

O Uruguai é outro país que anunciou um visto especial para atrair trabalhadores digitais ao país. A permissão é válida por até 180 dias. O visto pode ser renovado por mais seis meses ou, caso optem por se estabelecer permanentemente, os requerentes podem solicitar a residência temporária ou permanente.

Após entrar no Uruguai como turista, o interessado deve preencher um formulário *on-line* com informações pessoais e assinar uma declaração juramentada confirmando que têm meios financeiros para se sustentar durante o período.

Trabalhadores procuram tranquilidade e opções de lazer

No início deste ano, a cidade de João Pessoa apareceu no topo da lista das cidades mais bem preparadas do Brasil para receber os nômades digitais. Ao menos três fatores teriam sido fundamentais para a capital paraibana conquistar esse espaço no *ranking* nacional: velocidade de conexão com a *internet*, custo de vida e atrações próximas.

De acordo com a pesquisa, divulgada na revista digital app.startse.com - especializada em tecnologia da informação - a capital paraibana consegue reunir os atributos necessários para atrair um perfil de pessoas que consegue desenvolver o trabalho a distância. Para a Prefeitura Municipal, são a tranquilidade e as condições geográficas que colocam a cidade em uma condição privilegiada na comparação com outros locais do país.

Quem busca oportunidades longe de casa muitas vezes é motivado pelo desemprego. Na China, por exemplo, a falta de trabalho atinge pessoas na faixa etária dos 16 a 24 anos, chegando a um pico recorde de 21,3%, em junho. A escassez de bons empregos adiciona pressão a longas jornadas de trabalho.

Ritmo de vida

Deixar o país se tornou uma maneira cada vez mais popular de jovens lidarem com um período de mobilidade social descendente, afirmou a professora de sociologia Beverly Thompson, da Faculdade Siena, em Albany, Nova York. "Quando estão na casa dos 20 anos, começo dos 30, eles podem ir para a Tailândia, ficar tirando *selfies* e trabalhando na praia por alguns anos - e sentem que têm uma ótima qualidade de vida", afirmou. "Se esses nômades tivessem as oportunidades que esperam em seus países de origem, viajariam apenas de férias."

Durante a pandemia, Zhang Chuannan, de 34 anos, ficou confinada em seu apartamento, em Xangai, por semanas a fio. Quando os *lockdowns* foram suspensos, ela temeu que outro surto de Covid-19 a impedisse de se mover pela China. "Agora, eu valorizo mais a liberdade", afirmou.

Demitida, uma rescisão generosa permitiu a Zhang financiar o tempo na Tailândia, e agora ela busca maneiras de ficar no exterior definitivamente, talvez lecionando chinês *on-line*.

Mudar-se para Chiang Mai significou despertar com o canto dos passarinhos e um ritmo de vida mais tranquilo. Ao contrário do que ocorria na China, Zhang tem tempo para praticar ioga e meditação, comprar roupas vintage e frequentar aulas de dança.

Foto: Arquivo/PMJP

João Pessoa tem sido uma das cidades mais buscadas do Brasil por pessoas que procuram um lugar mais calmo para viver e podem desenvolver o trabalho a distância

NA PARAÍBA

Empresas preparadas para exportar

Integrantes dos editais da Fapesq-PB conseguiram a qualificação para se tornarem exportadoras através do Peiex

Renato Félix
Assessoria Secties

Fotos: Divulgação

Laboremus Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas desenvolveu um equipamento para a mecanização da colheita de palma forrageira no Semiárido

Começar um negócio é sempre sonhar em vê-lo alçar voo e ganhar distâncias cada vez maiores. Nesse processo a trajetória de partir de uma ideia até ganhar um status de qualificação para se aventurar no comércio exterior pode parecer bastante longa. Mas nove empresas percorreram essa jornada e chegaram a esse patamar, com o apoio de editais lançados pelo Governo da Paraíba: participaram dos programas Centelha ou Tecnova, da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), que é ligada à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), e conseguiram a qualificação para se tornarem exportadoras através do núcleo do Programa de Qualificação para Exportação (Peiex) na Paraíba.

As empresas são: Das Folhas Fitoelaborados, que produz cosméticos naturais e fitoterápicos; Engenho e Destilaria Nobre, que produz cachaças premiadas; Impacto Tecnologia e Serviços; Laboremus Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas, que desenvolveu um equipamento para a mecanização da colheita de palma forrageira no Semiárido; Logon Serviços e Comércio, empresa de tecnologia da informação; Morada, startup da área de moda que produz peças em renda labirinto com uma rede de bordadeiras do Agreste paraibano; Novetech Soluções Tecnológicas, de tecnologia da informação; Thinkbox, com o NexBoard Studio, um software de criação de vídeos explicativos animados; e a VSoft, empresa de tecnologia.

As duas edições na Paraíba do edital Centelha foram direcionadas a incentivar projetos de empresas inovadoras ainda nascentes: da ideia, gerar uma startup. O programa é promovido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap), operada pela Fundação Certi e executada na Paraíba pela Secties e Fapesq-PB.

Já o Tecnova, também com duas edições, apoia o desenvolvimento de produtos ou processos inovadores em startups já formadas. O programa é igualmente promovido pelo MCTI e pela Finep, em parceria com o Confap, com execução na Paraíba pela Secties e Fapesq-PB.

"Pode-se afirmar que a captação de empresas Centelha e Tecnova pelo Peiex chancela, ao mesmo tempo em que complementa, o alcance dos objetivos desses programas com efetivo êxito", analisa Márcia Paixão, professora do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba e coordenadora do núcleo operacional do Peiex Paraíba. "Isto porque a equipe técnica do Núcleo Peiex e da Apex Brasil reconheceu nelas o perfil exigido para serem contempladas".

Os núcleos Peiex são oferecidos e geridos pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil), sendo implementados em todo o país por meio de parcerias com universidades, parques tecnológicos, fundações de amparo à pesquisa e federações da indústria brasileira. Na Paraíba, a parceria é com o Governo do Estado por meio da Secties e da Fapesq-PB.

O perfil exigido às empresas inclui ter um produto ou serviço exportável segundo os critérios de inovação, sustentabilidade, brasilidade, design, "saudabilidade", preço e qualidade; e a disposição e condição ou planejamento do empresário para aumentar a produção ou direcionar parte dela para o mercado externo.

"Em outras palavras, o que era, inicialmente, apenas um conjunto de ideias inovadoras se reverteu em novos negócios formais, seja como empresa ou produto ou processo novos, que apresentam potencial de crescimento reconhecido pelo próprio empresário e por terceiros", continua a coordenadora do Núcleo Peiex. "Em especial, são produtos ou serviços diferenciados não somente em qualidade e preço, mas também em conteúdo tecnológico, criativo, sustentável e cultural, que podem alcançar inclusive mercados externos".

Tecnova tem de negócios iniciantes a quase centenários

Das nove empresas, quatro são do Tecnova 1 (Impacto, Logon, Novetech e VSoft), outras quatro são do Tecnova 2 (Engenho Nobre, Laboremus, Morada e Thinkbox) e uma do Centelha 2 (Das-Folhas). Sendo que a Morada foi um projeto que passou do Centelha 1 para o Tecnova 2. O Centelha pega a empresa no berço, mas no Tecnova ela não precisa ser exatamente uma iniciante. A Laboremus, por exemplo, já possui um bom tempo de estrada.

"A Laboremus vai fazer 100 anos no próximo ano. Começou com meu avô e passou pelo meu pai, estamos eu, meu irmão e meu filho, a quarta geração", conta Fabiano Souza, proprietário da empresa. "A gente sempre se preocupou em trazer soluções e produzir produtos para a nossa região. Então a primeira máquina conjugada de palma e capim fomos nós que inventamos". Agora, a empresa desenvolveu a primeira colheitadeira de palma do mundo.

Para o desenvolvimento dessa colheitadeira, o edital Tecnova foi fundamental, segundo Souza. "Uma empresa do nosso porte, pequena e média empresa, não tem uma equipe dedicada à pesquisa e desenvolvimento. A gente tem pessoas que trabalham sempre nessa área, mas fica muito envolvido com o dia a dia, com o operacional", conta ele. "Então o edital nos permitiu, além de alocar uma pessoa específica para isso, ter recurso. Os editais de inovação são fundamentais, principalmente para as empresas médias e pequenas. O edital é sempre bom para desenvolver tecnologia e inovação no país".

A subvenção foi de R$ 233.700, dividido em duas etapas. A segunda etapa inclui a compra de computadores mais potentes para o uso de softwares de engenharia e também matéria-prima e viagens de teste, feitos em quatro estados nordestinos.

O Peiex foi o passo seguinte. "O Peiex, por sua vez, é um programa que qualifica empresas para exportar", explica Márcia Paixão. "Na prática, oferta, gratuitamente, um conjunto de conhecimentos da área de comércio exterior necessários ao empresário decidido a iniciar um planejamento estratégico para exportar seus produtos ou serviços de TI e Games".

"A gente já faz exportações esporádicas, mas quer desenvolver mais essa parte da internacionalização de nossa empresa", conta Souza. "Esse projeto da colheitadeira tem uma possibilidade bem grande de exportação: a gente já teve, por exemplo, consultas do Chile, da África do Sul, do Egito, da Austrália e até da Itália".

> **A primeira máquina conjugada de palma e capim fomos nós que inventamos**
>
> Fabiano Souza

A empresa Das Folhas Fitoelaborados produz cosméticos naturais e fitoterápicos

Para ele, o Peiex está dando uma base importante sobretudo de conhecimento. "Para a gente conhecer como fazer as pesquisas e conhecer o mercado", diz ele, contando que o planejamento estratégico é entrar na exportação a partir do próximo ano, sobretudo para a África e Américas Central e do Sul.

A possibilidade do investimento em pesquisa por parte de uma empresa consolidada também se vê nas empresas que ainda estão no começo da vida, como a Morada, um projeto que propõe uma ligação próxima com a cultura da região que produz o bordado labirinto. Geralmente usada para a produção de elementos decorativos, como jogos americanos e passadeiras, a técnica que permite, através do entrelaçamento dos fios, a criação de desenhos, agora está adentrando o universo da moda – e a intenção é que se torne uma marca paraibana que ultrapasse, com a qualificação no Peiex, não só as divisas do estado, mas as fronteiras do país.

O Morada é um exemplo que se pode sonhar alto desde o começo: o projeto começou no Centelha 1, quando ainda era apenas uma ideia. Evoluiu para o Tecnova 2. E já conseguiu se qualificar como uma empresa apta a disputar o mercado internacional. Para essas nove empresas, agora, o mundo é o limite.

BIODIVERSIDADE

Cuidados com os jardins e hortas sem agroquímicos

Diante dos alertas de danos ao meio ambiente, os amantes das plantas têm aderido ao uso dos defensivos naturais

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Quem tem jardim, pomar ou horta em casa, geralmente se depara com lagartas ou outro tipo de "intruso" atacando as folhas, caules ou flores das plantas. Diante dessa situação, não é raro recorrer aos estabelecimentos comerciais para adquirir rapidamente algum produto químico para resolver o problema, às vezes trazendo risco de toxidade para *pets* ou pessoas alérgicas que moram na residência. O que muita gente não sabe é que o manejo correto das plantas, produtos naturais e até receitas caseiras podem ajudar a manter esses cantinhos verdes saudáveis e viçosos o ano todo, evitando o uso de agrotóxico que traz impacto ao meio ambiente.

O engenheiro agrônomo e diretor de Controle Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam-JP), Anderson Fontes, afirmou que é possível manter o cultivo de espécies ornamentais, arbustivas, trepadeiras, flores como orquídeas e outros exemplares, na parte interna ou externa das residências, sem ficar recorrendo ao uso de produtos químicos prejudiciais à saúde.

Basta ter atenção no manejo adequado. "O cidadão tem como controlar a diversidade dessas plantas com o manejo, a adequação do espaço e as orientações técnicas para que esses vegetais sobrevivam sem precisar de uso de defensivo". Mas, o que significa fazer um bom manejo nos vegetais cultivados no lar? Anderson explicou que essa prática implica em ficar atento para os períodos de poda de limpeza, fazer a assepsia do plantio e observar rotineiramente as espécies cultivadas para avaliar a aparência das folhas e caules, regar no período mais adequado do dia (pela manhã bem cedo e no final da tarde).

Vale monitorar a quantidade de água porque em excesso pode gerar doenças devido à umidade exagerada. Pouco sol, ou em demasia, pode prejudicar o desenvolvimento da planta, já que há variação da necessidade de incidência de raios solares conforme a espécie. No caso das hortas, ele destacou que alguns dos alvos das pragas e doenças são tomates, repolhos, couve-flores e pimentões. Quem preferir se planejar pode procurar uma consultoria técnica. "O técnico verifica a questão de posição da horta, da ventilação, do sol, ou seja, verifica a ambientação e indica as espécies corretas a serem cultivadas".

Para quem já criou sua horta, Anderson alertou para se informar sobre o tratamento correto de combate a doenças de fungos, bactérias, pulgões. Depois dessa análise, é importante procurar setores que ajudam a combater o problema. "Em João Pessoa pode procurar a Semam. Depois de identificado o problema, pode-se indicar produtos orgânicos à base de óleo mineral, misturado com outros ingredientes, para fazer a pulverização". Nas hortas, é importante saber fazer o manejo correto, com podas no tempo certo e realizar a retirada de ervas daninhas.

Robson Medeiros garante que é possível evitar o uso de produtos tóxicos quando se pretende cuidar das plantações domiciliares. Porém, nenhuma espécie está livre de doenças ou ataques de insetos, mas há compostos naturais disponíveis no comércio para resolver esses problemas como o óleo de Nim. "O óleo pode ser usado para evitar pragas. É importante monitorar o plantio para detectar e tratar precocemente muda que esteja doente".

Outra estratégia é utilizar os próprios bichinhos da natureza para afastar "intrusos" nas áreas cultivadas. A joaninha, por exemplo, se alimenta de pulgões. "A joaninha não vai comer a planta, mas os predadores, por isso faz o controle biológico", disse Robson.

Na hora de podar, é interessante fazer o corte na vertical, porque quando essa parte é molhada, não vai acumular água que pode provocar o apodrecimento. Para o corte, é aconselhado usar somente ferramentas limpas.

Fotos: Baby Neves

Receitas caseiras são uma alternativa mais segura para manter as plantas saudáveis

Vários riscos aos animais domésticos

O pesquisador e doutor em Agronomia, Robson Medeiros, explicou que é importante evitar a adoção de agroquímicos nas hortas urbanas por vários motivos. Quando se aplica esses produtos tóxicos, pode-se afetar a biodiversidade local, como formigas. Esses venenos podem ser um risco para *pets* e animais que estejam próximo do local de aplicação, como aves.

Essa postura também é válida para jardins e pomares. No caso de plantações que geram alimentos, como pomares e hortas, a pessoa que aplica um agroquímico no intuito de afastar alguma praga ou doença, não vai poder consumir, por um período, o alimento que recebeu o veneno. "Para quem tem hortas, pomares ou jardins em casa, é aconselhável evitar o uso de defensivos químicos para preservar o meio ambiente e promover a saúde. Realizar práticas sustentáveis é essencial porque beneficia todos", salientou Robson.

Produto caseiro

Um dos produtos caseiros que podem ser borrifados nas plantas para evitar a presença de alguns "intrusos" é o óleo mineral. Segundo o engenheiro agrônomo, Anderson Fontes, basta misturá-lo com certa quantia de água. "Você dilui o óleo mineral com a água e vai borrifando nas plantas para evitar a presença de insetos". Outras pessoas já preferem misturar água com detergente neutro ou fumo de rolo, formando caldos com ações repelentes. Quem quiser fazer o caldo com o Nim, basta pegar algumas folhas (poucas) e bater com água no liquidificador, mas é importante pesquisar a proporção certa de água e folhas. Não é aconselhável usar o mesmo liquidificador que triturou a folha do Nim para uso doméstico com alimentos. Outra opção é buscar defensivos orgânicos vendidos no mercado.

Ataques Nocivos

Conheça alguns males que atacam os jardins, hortas ou pomares

Lagarta (se desenvolve rapidamente e se alastra pela planta)

Ferrugem-da-folha (doença fúngica)

Antracnose ou varola (doença fúngica)

Pulgões (parasita que suga a seiva da planta)

Lesma e caramujo (pode causar infestação)

Mosca branca (inseto que suga várias espécies)

Cultivo de plantas aliado a produtos naturais

Não é difícil encontrar famílias que reservam espaço nas residências para cultivar flores, espécies frutíferas ou hortaliças e raízes. Uma delas é a jornalista Messina Palmeira, que mora em Tambaú. Adepta da alimentação orgânica, ela evita o uso de defensivos químicos contra pragas em suas árvores.

Na área externa da residência, ela criou um pomar. "Tenho o privilégio de morar em uma casa e gosto muito de plantar. Cultivo pés de jabuticaba, mamão, caju, pinha, banana, lichia, jambo e acerola. Sou totalmente contra o uso de veneno em casa", frisou. Quando uma espécie é atacada por alguma praga ou doença, ela compra produtos naturais. "Grande parte do que planto está no chão. Não tenho muitos problemas com elas".

Outra jornalista que não dispensa planta à sua volta é Baby Neves. No apartamento onde reside, a varanda é repleta de verde. "Tenho muitas folhagens. Não tenho horta, mas cultivo manjericão, boldo e estou tentando salvar dois pés de alecrim. Está difícil", confessou.

Entre as espécies vegetais, ela tem samambaia, zamioculca, rosa do deserto. Baby ainda encontra espaço para o cultivo do bambu e outras ornamentais cultivadas na água. O apreço pelo verde é tanto, que a jornalista dá nome a algumas plantas, como a samambaia, cultivada há mais de 20 anos, chamada de Elba Ramalho.

Para evitar a presença de insetos sem recorrer a produto nocivos à saúde humana e de animais domésticos, basta, por exemplo, borrifar nas plantas óleo mineral diluído em água, ensina engenheiro agrônomo

Foto: Divulgação/Jampakart

A próxima etapa está agendada para o dia 19 de novembro, e a grande final irá ocorrer em 10 de dezembro

PARAIBANO DE KART

Emoções nas provas finais

Organização espera muita competitividade nas últimas duas provas que faltam para definir o campeão da temporada de 2023

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Circuito Paladino, localizado no município de Conde, Região Metropolitana de João Pessoa, será palco para as duas últimas etapas da 4ª edição do Jampa-Kart, o Campeonato Paraibano da Categoria que reúne mais de 100 pilotos oriundos de estados e equipes de outras regiões do país. A disputa no ronco dos motores tem tudo para ser marcado por grandes emoções até o fim da temporada, agendada para o mês de dezembro.

A 4ª etapa, realizada no último fim de semana, deixou a disputa do título por categoria mais acirrada depois dos resultados. Com isso, a organização do evento projeta uma indefinição e briga por posições até as últimas curvas da disputa.

"A competição tem se mostrado, até aqui, muito disputada por pilotos que colocam à prova toda a sua capacidade de talento e disputa, mostrando que a competição reúne grandes nomes da categoria, tanto a nível estadual como nacional. Grandes emoções estão guardadas para essas duas últimas etapas, já que nas primeiras posições a diferença de pontos na classificação deixa o cenário de disputa acirrado pelo título", pontuou Luciano Wanderly, coordenador do Jampa-Kart.

Cinco paraibanos

Depois de quatro etapas disputadas, a classificação aponta cinco paraibanos na disputa por títulos em quatro das cinco categorias disputadas na competição - João Lindão e Matheus Melo, 1º e 2º colocados na categoria Rookie; Francisco Abumansur e Jadson Melo, 1º e 2º colocados na categoria Master; Ives Veloso, 3º colocado na categoria Graduados e, novamente, Jadson Melo desta vez com a 2ª colocação na categoria Sênior. As últimas duas disputas também irão definir os campeões das categorias Intermediária, Leves, Super Rookie e Super Sênior

A próxima etapa está agendada para o dia 19 de novembro, e a grande final irá ocorrer em 10 de dezembro. Os amantes do Kart têm entrada gratuita e ainda podem acompanhar as transmissões ao vivo no canal do Circuito Paladino no YouTube.

FÓRMULA 1

Perez e Hamilton brigam pela vice-liderança em São Paulo

O Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1 é a grande pedida deste domingo para os amantes do automobilismo que podem se ligar na TV Band para ver a corrida a partir das 14h, no autódromo de Interlagos. O título de campeão da temporada e do mundial de construtores já estão definidos com Max Verstappen e a Red Bull, mas ainda não está indefinido o vice-campeão e a briga promete ser intensa entre os pilotos Lewis Hamilton, da Mercedes, hoje em terceiro lugar com 220 pontos contra 240 de Sergio Pérez, da Red Bull.

O piloto mexicano atravessa uma fase difícil e não pontuou na corrida do México, domingo passado, quando saiu na primeira curva após choque com Charles Leclerc, da Ferrari. Além do mais, Perez tenta se manter na equipe já que os boatos sobre a sua saída, devido aos fracos resultados, aumentam a cada dia. Hamilton se mostra animado com os últimos resultados e acredita em mais uma boa corrida neste domingo diante da evolução do carro. Ano passado, o vencedor da prova no Brasil foi George Russel, da Mercedes, com Hamilton em segundo.

A expectativa é de que Verstappen, que vem dominando a temporada e já venceu 16 corridas este ano, aumente o seu recorde.

Foto: Divulgação/F1

O Grande Prêmio de São Paulo de Fórmula 1 será disputado, neste domingo, em Interlagos

FUTEBOL SUL-AMERICANO

Gestão e SAFs colocam o Brasil no topo

Países vizinhos não têm sido páreo devido às dificuldades econômicas; grande virada aconteceu em 2011

Foto: Felipe Oliveira/Bahia

O futebol brasileiro segue absoluto na América do Sul, e os clubes têm dominado as principais competições sul-americanas devido ao alto investimento

A profissionalização na administração dos clubes e a chegada das SAFs têm aumentado a disparidade entre o futebol brasileiro e o dos demais países da América do Sul. Ainda que a economia brasileira dê apenas sinais de retomada, o que se vê na região são governos às voltas com as contas no vermelho. E o futebol nacional se vale de uma tabelinha imbatível para aproveitar esse cenário favorável.

Para especialistas, a grande virada aconteceu em 2011, quando o Clube dos 13 ruiu de vez e os clubes ficaram livres para negociar de forma individual os direitos de transmissão com as TVs. Não demorou para que os valores subissem – e muito. De acordo com a consultoria Ernst Young, o crescimento da receita dos clubes brasileiros foi de 156% entre 2013 e 2022. Uma das grandes responsáveis por tamanho desempenho é a estruturação dos programas de sócio-torcedor, que atraem o público com a comodidade da venda on-line de ingressos e ainda oferecem vantagens como descontos em redes conveniadas. Tudo isso se dá, de modo geral, no conforto de estádios modernos, erguidos para a Copa do Mundo de 2014

"A chegada das SAFs, investindo um dinheiro novo no futebol do país, aliada à gestão profissional de clubes, deixa o Brasil à frente de outros países sul-americanos. Dificilmente um clube do continente movimenta uma quantia de dinheiro parecida com a dos brasileiros. Isso naturalmente chama a atenção de patrocinadores para o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil", ressalta Luiz Mello, especialista em gestão esportiva e consultor estratégico da 777 Partners.

O resultado dessa diferença econômica é o êxodo de jovens promessas sul-americanas que, por algum ou outro motivo, ainda não foram descobertas por clubes europeus – ou até foram, mas cumprem a fase de amadurecimento por aqui até seguirem rumo ao Velho Continente:

"Toda a estrutura resultante do investimento feito no futebol brasileiro gera uma consequência clara: nosso país passa a ser destino interessante de jovens sul-americanos. O fato de o Brasil ter realizado a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016 melhorou a qualidade dos centros de treinamentos e estádios no país, além de termos melhorado a média de público nas competições e na exposição internacional. Isso gera ainda mais atratividade para essas promessas no âmbito internacional", diz Mello.

A mão inversa também acontece. Atletas em fase final de carreira, que ainda carregam a idolatria pelo que fizeram na Europa, tendem a preferir o Brasil a outros países próximos. A regra é tão óbvia que o uruguaio Edinson Cavani ter escolhido o Boca Juniors, da Argentina, e não um clube brasileiro foi motivo de espanto em seu regresso ao continente.

"A chegada de treinadores portugueses, argentinos e uruguaios promoveu uma internacionalização empírica do produto Campeonato Brasileiro. Se for aplicado um planejamento profissional a isso, a tendência é que essa troca de experiências dê bons frutos a médio e longo prazos", analisa Luiz Mello

A OESP não é (são) responsável (is) por erros, incorreções, atrasos ou quaisquer decisões tomadas por seus clientes com base nos conteúdos ora disponibilizados, bem como tais conteúdos não representam a opinião da OESP e são de inteira responsabilidade da Dino Divulgador de Notícias Online Ltda.

■ O fato de o Brasil ter realizado a Copa em 2014 e as Olimpíadas melhorou a qualidade dos centros de treinamentos e estádios no país

PRÊMIO SAMBA GOLD

Votações ainda abertas para a escolha do melhor jogador

As votações do Samba Gold, prêmio concedido ao melhor jogador e jogadora de futebol brasileiros em atuação nacional ou internacional, já começaram, e os eleitores têm até o dia 20 de novembro para escolher um candidato de cada categoria como o seu favorito para vencer esta edição. Para isso, basta clicar em https://www.sambafoot.com/br/samba-gold.

Criado em 2008, o troféu era originalmente concedido exclusivamente ao melhor jogador em atividade na Europa e teve o ex-meia Kaká como o seu primeiro vencedor. Em 2021, a premiação foi estendida a futebolistas em todos os continentes (com exceção do território nacional) e contou com a primeira edição da categoria feminina. Agora, a premiação conta com uma categoria para os jogadores sub-20 e passou a considerar jogadores em atuação nacional.

Na última edição, Neymar Jr. foi, pela sexta vez e terceiro ano consecutivo, o grande vencedor, com 40% dos votos. Na categoria feminina, quem levou o troféu para casa foi a Debinha, com 15% dos votos. Por fim, na estreia da primeira edição da categoria sub-20, quem ganhou foi Endrick, com 28% dos votos.

Os indicados deste ano foram definidos pela equipe Sambafoot em conjunto com um colégio eleitoral, composto por especialistas em futebol. Além disso, foram analisados a performance e o desempenho dos jogadores, assim como o papel, as conquistas e o impacto geral dos atletas em seus respectivos clubes do início até o final do ano.

■ Criado em 2008, o troféu era originalmente concedido ao melhor jogador em atividade na Europa e Kaká foi o primeiro vencedor

Concorrentes

■ MASCULINO
Vinicius Junior - Real Madrid
Bruno Guimarães - Newcastle
Casemiro - Manchester United
Rodrygo - Real Madrid
Ederson - Manchester City
Gabriel Martinelli - Arsenal
Marquinhos - PSG
Neymar - Al Hilal
Alisson - Liverpool
Joelinton - Newcastle

■ FEMININO
Debinha - Kansas City
Ary Borges - Racing Louisville
Geyse - Manchester United
Raffaele - Orlando Pride
Kerolin - North Carolina
Marta - Orlando Pride
Bia Zaneratto - Palmeiras
Tamires - Corinthians
Andressa Alves - Houston Dash
Antônia - Levante

■ SUB-20
Vitor Roque - Athletico Paranense
Marcos Leonardo - Santos
Endrick - Palmeiras
Andrey Santos - Nottingham Forest
Robert Renan - Zenit
Victor Hugo - Flamengo
Beraldo - São Paulo
Gabriel Moscardo - Corinthians
Matheus França - Crystal Palace
Savio - PSV

Foto: Reprodução/Instagram

O atacante Rodrygo, do Real Madrid, concorre ao prêmio

JUDE BELLINGHAM

Inglês é nova sensação do Real Madrid

Atacante tem ascensão meteórica no time espanhol e começa a ser comparado com Cristiano Ronaldo e Zidane

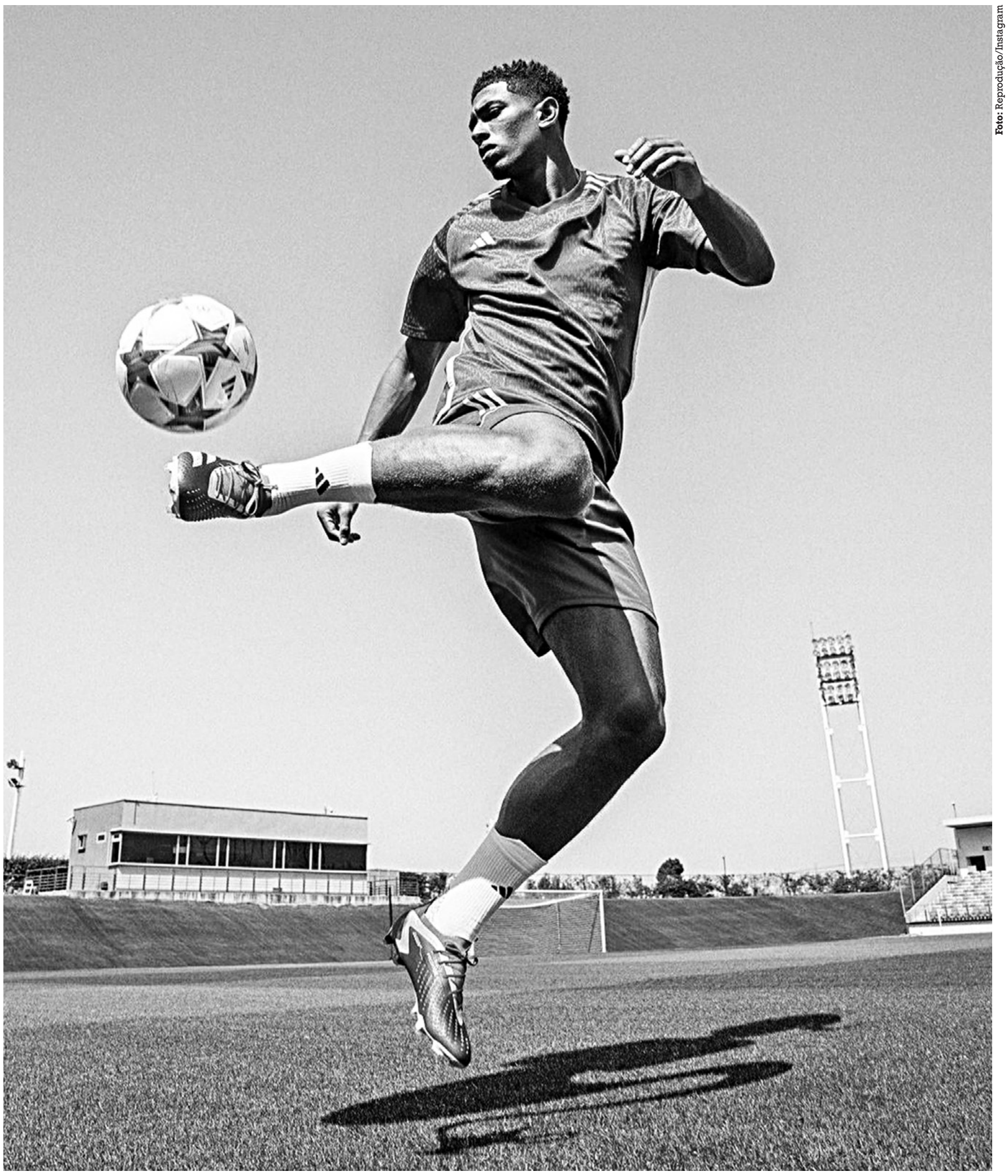


Foto: Reprodução/Instagram

Bellingham vem fazendo uma temporada brilhante no Real Madrid e se consagrou no clássico diante do Barcelona com a marcação de dois gols

Quando assinou com o Real Madrid, o inglês Jude Bellingham, 20 anos, comentou que era o dia em que mais sentiu orgulho na vida. Isso já pode ter mudado. Poucos dias depois, ele foi incluído na lista de finalistas do Bola de Ouro, prêmio da revista France Football, que o colocou como 18º melhor jogador do mundo. Com 13 gols em 13 jogos na temporada e sendo peça fundamental no time de Carlo Ancelloti, o meio-campista tem tudo para chegar como grande nome do prêmio no ano que vem. E pode ter outro dia de grande orgulho.

No fim de semana passado, o meia fez dois gols na virada contra o Barcelona pela LaLiga. Com o 'doblete', Bellingham chegou a 13 gols em 13 partidas na primeira temporada no Real Madrid. O número de gols é o mesmo que Cristiano Ronaldo fez na temporada 2009/10, quando estreou pelo clube. Os 13 viraram 450 quando o português deixou o Real em 2018, após 438 jogos.

Outro astro superado por Bellingham é Zinédine Zidane. O francês defendeu o Real Madrid entre 2001 e 2006. As temporadas 2001/2 e 2002/03 foram as mais artilheiras do craque, com 12 gols cada. Ainda antes de pisar no gramado do Santiago Bernabéu, Bellingham já teve de falar sobre Zidane. Sempre com o número 22 nas costas, a camisa do Real Madrid com seu nome tem o número 5, o mesmo que o astro francês utilizou e fez história no clube. "Eu disse o quanto admiro Zidane, o legado que ele tem neste clube e com este número. Não estou tentando fazer o mesmo que ele, estou apenas tentando ser Jude, mas definitivamente é uma homenagem a quão bom ele era", contou na apresentação ao clube.

Elogios a Vini Jr.

Mesmo que tenha decidido o jogo contra o Barcelona, Bellingham quer mais. "Não estive no meu melhor nível. Às vezes não se trata de buscar fazer algo especial cada vez que se tem a bola. Cumpri bem ao combinar com os jogadores de chegada e quando recebi a bola sabia que ia marcar. Recebi a bola na entrada da área e estava há algumas semanas dizendo que precisava chutar porque os adversários acham que vou passar para algum companheiro e entrar na área. Sei que tenho técnica suficiente para chutar de fora e estou muito feliz", analisou para a Real Madrid TV.

Por outro lado, o companheiro Vinicius Jr. não poupou elogios e até o comparou com Cristiano Ronaldo. "É incrível, ele sempre faz a diferença e é decisivo. A torcida se acostumou com Cristiano e chegou mais um para a gente. Somos muitos jogadores jovens que sempre estamos juntos dentro e fora de campo", analisou o brasileiro.

"Nós estamos surpresos, todo mundo está. Não é algo que esperávamos. Ele está sendo altamente eficiente na frente", confessou o técnico Carlo Ancelotti na coletiva depois da última vitória. Sobre o poder decisivo de Bellingham, o italiano também elogiou: "Ele não comemorar o empate mostra a atitude de um veterano. Deixa claro que o empate não era o objetivo".

Jogador já conquistou 19,3 milhões de seguidores

> **A chave da partida foi a diferença de atitude da primeira para a segunda etapa. No primeiro tempo, fomos lentos, preguiçosos e pouco agressivos. Na segunda etapa, todo o oposto**
>
> Carlo Anceloti

O técnico Carlo Ancelotti também comentou sobre a partida e mostrou satisfação com a mudança de postura para o segundo tempo "A chave da partida foi a diferença de atitude da primeira para a segunda etapa. No primeiro tempo, fomos lentos, preguiçosos e pouco agressivos. Na segunda etapa, todo o oposto", afirmou o treinador.

O começo promissor cria expectativa pelo potencial do jovem, ainda imensurável. A nomeação entre os finalistas do Bola de Ouro é um indicativo do que pode vir. E é possível que "ser apenas o Jude" seja suficiente para mais.

Quebra de recordes

Bellingham estreou pelo Birmingham, hoje na segunda divisão inglesa, em 2019. O "Blues" é um dos principais clubes de West Midlands, condado no centro da Inglaterra. Com 16 anos e 38 dias, o jogador tornou-se o mais jovem a entrar em campo pelo clube, na derrota de 3 a 0 para o Porthsmount pela Copa da Liga Inglesa.

Depois de uma temporada, o destino foi o futebol alemão. O Borussia Dortmund viu Bellingham quebrar recordes já na estreia, contra o Duisburg, pela Copa da Alemanha. Aos 17 anos e 77 dias, o jovem inglês se tornou o jogador mais novo a marcar pelo Borussia. No clube, foram 132 jogos, 24 gols e 25 assistências. Ele também foi o mais jovem capitão do time alemão, aos 19 anos, quando também foi nomeado o melhor jogador da Bundesliga. A venda para o Real Madrid o colocou como segundo mais caro do clube espanhol, custando R$ 100 milhões, atrás de Eden Hazard, comprado pelo Real por R$ 115 milhões.

Na seleção, a estreia foi em novembro de 2020, em amistoso contra a Irlanda. Meses depois, Bellingham foi convocado para a Euro 2020. Aos 82 minutos da estreia da Inglaterra, contra a Croácia, o jovem entrou em campo e tornou-se o mais jovem inglês a jogar a Eurocopa, com 17 anos e 349 dias. Na Copa do Mundo do Catar, Bellingham jogou todos os cinco jogos da seleção inglesa e fez um gol.

Redes sociais

De acordo com o serviço de rastreamento de estatísticas e análises de mídia sociais Social Blade, somente nos últimos 30 dias, Bellingham ganhou quase dois milhões de novos fãs - ele ganha em pouco mais de 50 mil novos seguidores por dia. Outro dado significativo, que também se reverte em novas receitas e engajamento com o público, vem das redes sociais. Em pouco mais de quatro meses em que está no clube merengue, Bellingham conquistou 9,3 milhões de novos seguidores no Instagram, saltando de 10 mi para os 19,3 mi atuais.

"Bellingham é uma das grandes revelações do futebol mundial nos últimos anos e tem correspondido ao que se espera dele neste início de trajetória na Espanha. Para ele é uma ótima oportunidade de se tornar um ídolo, no calor de grandes nomes como Cristiano Ronaldo e Benzema, que marcaram história no Real Madrid e saíram de lá em um passado não muito distante. Os números do atleta são ótimos e a busca por este novo ídolo, com certeza, acelera este processo que reflete de forma natural no boom de novos seguidores, na venda de camisas personalizadas e no interesse das marcas em cima do jogador", afirmou Renê Salviano, CEO da Heatmap e especialista em *marketing* esportivo.

"As redes sociais se tornaram o principal canal de comunicação e relacionamento entre os fãs e seus ídolos. Impulsionado pela visibilidade da mídia, o crescimento do perfil de um atleta que se destaca torna-se exponencial", disse Danielle Vilhena, head de marcas da Agência End to End, que complementa. "A possibilidade de uma comunicação sem intermediadores, com o atleta falando de forma genuína e natural diretamente com seus fãs, associado a uma performance em campo de destaque, faz com que se estabeleça um ecossistema positivo: o resultado em campo leva o fã a procurar o atleta em canais próprios para acompanhar detalhes da vida do jogador, e fica pela qualidade do conteúdo e possibilidade de acompanhar de perto o dia a dia de um ídolo."

CONSTATAÇÃO

Judô paraibano vem perdendo atletas

João Neto, técnico da Seleção da Paraíba, anda preocupado com a migração de jovens para outras modalidades

João Thiago
joaothiagocunha@gmail.com

O judô paraibano não luta apenas contra o judô de outros estados brasileiros para conseguir que os atletas locais cresçam. O tatame não é o único campo de batalha. O quimono no estado tem perdido atletas para a luta olímpica, as mixed martial arts (MMA) e o jiu jitsu, que acabam se tornando mais atraentes para os jovens, que encontram mais oportunidade de crescimento nas outras modalidades.

"O judô brasileiro é muito competitivo. Desde que Chiaki Ishii trouxe o bronze nas Olimpíadas de Munique em 72 já se vão mais de 50 anos de desenvolvimento do esporte no Brasil. Desde Aurélio Miguel, em 88, a gente traz medalhas em todas as edições olímpicas, então, apesar de oferecer um campo muito fértil para o desenvolvimento, é, também, um campo muito disputado", afirma o coordenador da Seleção Paraibana de Judô, João Neto.

Ele era atleta de judô desde os anos 80. No início dos anos 2000 se tornou treinador e viu uma geração de ouro do judô paraibano brilhando. Além de Edinanci Silva, que foi ouro nos PanAmericanos de 2003 e 2007, bronze nos Mundiais de Judô de 1997 e 2003, aquela turma ainda formou Amanda Oliveira, que também brilhou no pódio de Santo Domingo, em 2003 e Isaque Conserva, campeão sul-americano em 2007. "Foram atletas que são referências até hoje para o esporte no estado", explica Neto. Mas desde então houve uma perda de referências que fazem com que os mais jovens não consigam enxergar muito futuro no judô. "O Isaque hoje está em Botucatu, trabalhando como técnico e ainda atua como atleta. Outros judocas acabaram deixando o judô, como a Luana Pinheiro, que hoje é contratada do Ultimate Fighting Championship (UFC). Alguns acabam sendo contratados por grandes clubes da região sudeste e perdem o vínculo com a Paraíba. As novas gerações não têm tanta referência para seguir no esporte. A gente tem uma base forte, mas conforme as categorias vão subindo vão sendo enfraquecidas", lamenta.

Neto lembra, ainda, do nome de Maria Eduarda Oliveira, campeã sul-americana sub-15 em 2019, que acabou migrando para a Luta Olímpica. "Ela tem grande destaque nacional, mas só encontra espaço para viver do esporte, hoje, em outra modalidade", explica.

Esse caminho parece muito natural para a maioria dos judocas, visto que as exigências para que consigam apoio financeiro são sempre muito altas. "Para conquistar uma Bolsa-Atleta, por exemplo, eles precisam ser medalhistas no evento mais importante da modalidade. No caso do judô, o Campeonato Brasileiro da Confederação Brasileira de Judô (CBJ). Imagina nossos jovens competindo contra atletas de grandes clubes do Sudeste. Temos grandes talentos, mas o apoio faz toda a diferença", revela.

O judoca usa a força do adversário para vencê-lo, e as adversidades têm sido grandes. No entanto, ainda há força no quimono paraibano. Maria Eduarda Alves, atleta paralímpica do judô J1 tem se destacado e pode trazer novas esperanças para o estado. Ela é cega e tem conquistado diversas medalhas nos últimos anos.

"Ela é talentosa e tem futuro. Nos próximos jogos paralímpicos temos uma chance real de trazermos uma medalha para a Paraíba com ela, além do fato de que ela tem grandes chances de conseguir apoios", conclui João Neto.

Foto: Arquivo Pessoal

O técnico João Neto com o atleta Kauê Kyrillos, que conquistou medalha nos Jogos Escolares Brasileiros, em Brasília

PENSOU **ESPORTE,**
LEMBROU **TABAJARA**
105,5 FM

MARKETING EPC

PROGRAMAÇÃO

Segunda
Microfone Aberto
20 às 22h

Terça a sexta
Tabajara Esportes
13 às 14h

Transmissões de Jogos ***AO VIVO***

Tabajara
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Uma fé "cor-de-rosa"

Comunidade Religiosa Cidade Eclética, que mantém um templo no Bairro Jardim Planalto, em João Pessoa, onde oferece atendimento espiritual ao público, está celebrando 67 anos da peregrinação do Rio de Janeiro para o Planalto Central

Alexandre Macedo
Especial para A União

A Comunidade Religiosa Cidade Eclética ou "cidade cor-de-rosa", como ficou conhecida, completou 67 anos ontem. Incrustada no solo avermelhado do entorno do Distrito Federal, mais precisamente no município de Santo Antônio do Descoberto, em Goiás, foi criada pelo Mestre Yokaanam, em novembro de 1956. Erguida numa localidade intitulada Campo Limpo, tem atualmente cerca de 300 moradores e mantém-se através da solidariedade entre os habitantes, obreiros, acolhidos e visitantes, a exemplo dos médicos que residem no local e realizam atendimentos de forma gratuita, além de outros profissionais de diferentes áreas, responsáveis pela manutenção do complexo sacro.

Na Paraíba, o instrutor da matriz regional é o bancário Eduardo Godofredo, que é nascido na Cidade Eclética de Goiás, onde ganhou o nome de Trajano, a partir do batismo religioso ocorrido no ano de 2012. O templo da Paraíba tem como patrona Nossa Senhora da Luz e, além do diretor espiritual, conta com dez obreiros.

"Consciência, compreensão e paciência". Foi com essas palavras que Trajano iniciou a conversa com a reportagem de **A União**, quando instigado a falar sobre o desafio de coordenar uma das unidades da entidade que mantém uma disciplina rígida e que ainda não é tão conhecida do grande público, principalmente aqui no Nordeste.

Ele ressalta que o diálogo é a forma mais eficaz para manter os ideais de conscientização e restauração dos indivíduos nesta caminhada. "Muitas vezes, até por conta da influência da indústria da moda, existe uma não aceitação da própria natureza, fazendo com que as pessoas mudem gradativamente e percam até a forma humana, por uma beleza temporária".

Na sequência, o líder espiritual complementa: "Precisamos entender que essa é uma missão dos espíritos de luz, que estão apoiados num pensamento de amparo, caridade e fé, na busca por algo superior onde todos possam colher os frutos da fraternidade", aponta Trajano.

A irmã Luciana Accioly, que é diretora espiritual da regional da Paraíba, é pernambucana, e conheceu a Fraternidade Eclética ainda na sua infância, na cidade de Recife, onde frequentava acompanhada dos seus pais. Depois veio morar na Paraíba, onde atua. Instada a falar sobre a instituição, ela ressalta "Aqui é o lugar onde a gente busca a caridade. A fraternidade para mim hoje é uma representação de Deus aqui na Terra e que nos dá força para pregar a bondade e a solidariedade para o público que bate à nossa porta em busca de um esclarecimento, de um apoio espiritual, de um alívio para o seu espírito". Luciana resume o trabalho da instituição: "É uma escola de reforma para todos nós!".

A comunidade, que pertence à organização Fraternidade Eclética Espiritualista Universal (FEEU), mantém uma rotina de trabalhos de caridade e espirituais, a exemplo dos rituais de Umbanda eclética da Fraternidade e eclético-Kardecista, além de ofícios solenes de ação de graças, batismos de catecúmenos, enlaces matrimoniais, bênçãos espirituais e cerimônias de sepultamento, todos de forma gratuita. Na ordem, acontecem os sepultamentos na posição vertical e de frente para o nascente, exclusivos para os membros com nível de maior graduação religiosa.

Foto: Roberto Guedes

Foto: Arquivo pessoal

Foto: Roberto Guedes

O templo da Fraternidade Eclética na Paraíba tem como patrona Nossa Senhora da Luz e, além de um diretor espiritual, conta com dez obreiros. Na foto à esquerda, Irmã Charlene e Irmão Trajano

Sede fica localizada em Goiás, e cidade foi criada em 1956

Sobre o epíteto de "cidade cor-de-rosa", o diretor-geral de Assistência Social e Espiritual, sacerdote Irmão Alípio, revela uma história curiosa.

"Pelo fato do nosso Mestre Yokaanam ter sido aviador, quando viemos para cá [em Goiás], muitos amigos seus que também eram pilotos de aeronaves vinham visitá-lo, e por ser uma região aberta no cerrado, inicialmente as casas eram todas brancas, fato esse que dificultava a visão dos pilotos durante a aterrissagem no campo de pouso da comunidade, portanto, comentaram isso com o mestre e, a partir desses relatos, foi adotada a cor rosa alvorada na fachada das casas, e, assim, a Cidade Eclética ficou conhecida também por 'cidade cor-de-rosa'".

Irmão Silvain, que é diretor de Imprensa e Divulgação da FEEU, fala da dinâmica e das atividades no local. "Oferecemos apoio espiritual por meio dos nossos rituais e atendimentos e pregamos a fé, a solidariedade e a caridade como preceitos para uma vida com correção e restauração, pois acreditamos que a nossa existência hoje é resultado de uma carreira espiritual encarnatória e é nos dado a chance de aprimorar o nosso lado espiritual por meio da retidão das nossas ações durante essa trajetória terrena".

Nas dependências da Cidade Eclética, no Planalto Central, em local de destaque, existe um mausoléu que guarda os restos mortais do Mestre Yokaanam, criador da FEEU, onde estão expostos o cajado que o acompanhava e algumas vestimentas, como túnicas e batas. O local, considerado sagrado, só é aberto à visitação em datas especiais, sendo um recinto de reverência e meditação, onde os peregrinos só podem entrar descalços em reverência ao líder.

> Comunidade pertence à Fraternidade Eclética Espiritual Universal e mantém uma rotina de trabalhos de caridade

Foto: Roberto Guedes

Irmã Luciana Accioly é a diretora espiritual da regional da Fraternidade Eclética na Paraíba

Origem, acidente do piloto de avião e a peregrinação

Fundada em 27 de março de 1946, a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, era localizada na Avenida Presidente Vargas no antigo Distrito Federal, Rio de Janeiro. O grupo realizava peregrinações anuais entre os meses de novembro e dezembro, distribuindo alimentos, remédios, roupas, assistência espiritual e clínica. Em 1947, fundou o jornal da comunidade, O Nosso, atualmente principal veículo de comunicação da Fraternidade.

Nascido em Alagoas, em 23 de fevereiro de 1911, Oceano de Sá foi o caçula de 14 irmãos. Estudou em colégio de padres salesianos, ingressou na Ordem dos Franciscanos antes de fazer carreira militar e civil como aviador. Morou alguns anos na Bolívia e na Alemanha. Foi piloto particular do então presidente Getúlio Vargas até ser reformado pelas Forças Armadas com a patente de coronel. Após sofrer, em 1944, um grave acidente aéreo nas águas da Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, quando administrava uma aula de voo, Oceano sobreviveu e encerrou a sua carreira militar, e passou a viver exclusivamente a vida religiosa.

Em 1945, se autointitula Mestre Yokaanam e, em 1945, fundou a FEUU, na cidade do Rio de Janeiro, em três andares alugados num prédio antigo, na Avenida Presidente Vargas, onde prestavam serviços de enfermagem, doações de roupas, calçados, brinquedos e medicamentos aos necessitados, além de oferecer passes espirituais. O mestre faleceu no dia 21 de abril de 1985, na cidade de Anápolis, em Goiás, vítima de derrame cerebral.

Segundo a página da FEUU, em 31 de outubro de 1956, um grupo com aproximadamente 150 famílias, liderado pelo Mestre Yokaanam, saiu do Rio de Janeiro em direção à localidade Campo Limpo, distante nove quilômetros de Santo Antônio do Descoberto, então Distrito de Luziânia, a 27 quilômetros de Brasília. No dia 4 de novembro do mesmo ano, chegaram ao destino, onde ergueram 18 barracas que serviram de moradia provisória para os peregrinos.

Numa solenidade simples, porém majestosa, de fundação da cidade, Yokaanam enterrou seu cajado e inaugurou a Cidade Eclética. O cajado foi enterrado no local onde hoje existe um monumento dedicado à mãe preta, Maria Pastora, que tinha sido ama do mestre.

Algumas frases de Yokaanam: "Lembra-te de que a dor bate em qualquer porta sem respeitar fortunas e poderes humanos"; e "Quando você trabalha, sem relógio... com amor e com o coração contente, sem preocupações com as vantagens mortas do reino deste mundo, nenhuma fortuna paga sua felicidade!".

Erramos

• Na edição do Caderno Almanaque do domingo passado, 29 de outubro, na matéria 'Uma outra Cruz da Menina', registramos de forma equivocada o nome do município no subtítulo, na legenda das fotos e por duas vezes no texto. O nome correto do município é Dona Inês e não Santa Inês. Pedimos desculpas aos leitores e assinantes do jornal.

Luiz Gil de Figueiredo

Professor, poeta e jornalista polêmico que criou o jornal O Rebate

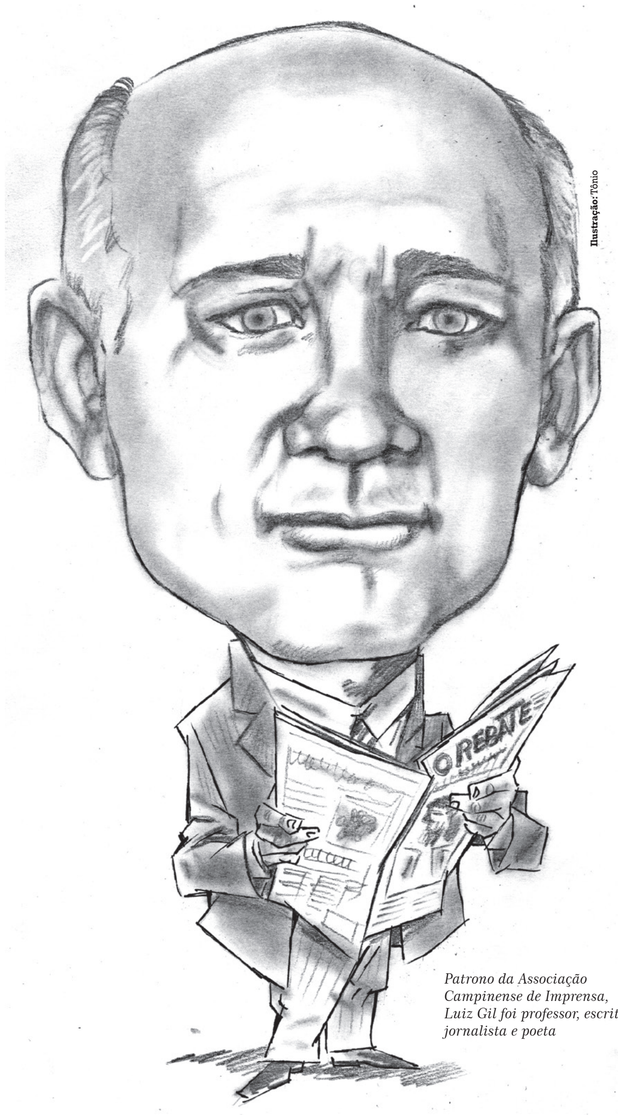


Ilustração: Tônio

Patrono da Associação Campinense de Imprensa, Luiz Gil foi professor, escritor, jornalista e poeta

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

De acordo com o poeta e escritor Rau Ferreira, do município paraibano de Esperança, O Rebate foi um dos jornais mais duradouros da história de Campina Grande. Surgiu em 4 de outubro de 1932 pelas mãos de Luiz Gil, Pedro d'Aragão e Eurípides Oliveira, e permaneceu ativo até a década de 1960.

Afrânio Aragão, em discurso na Academia Paraibana de Letras Maçônicas (APLM) disse: "O Rebate circulou ininterruptamente por mais de 20 anos, até que, morrendo o professor Luiz Gil, outros componentes desse jornal resolveram encerrar essa atividade jornalística".

Afrânio ainda acrescentou que O Rebate foi um centro não somente de formação, mas de meio de expressão de ideias e posições políticas de dezenas de campinenses e paraibanos de destaque como Abel Correia, Adauto Rocha, Antônio Mangabeira, Carlos Agra, Cristino Pimentel, Egídio Lima, Elísio Nepomuceno, Elpídio de Almeida, Epaminondas Câmara, Epitácio Soares, Eurípedes de Oliveira, Evaldo Cruz, Everaldo Luna, Félix Araújo, Gilberto Leite, Hortêncio Ribeiro, José Leite Sobrinho, José Lopes de Andrade, Lino Gomes, Luiz Gil de Figueiredo, Mauro Luna, Nilo Tavares, Osmário Lacet, Pedro d'Aragão, Otávio Amorim, Severino Procópio, William Tejo, entre outros".

Em O Rebate, também chegaram a atuar Wallace Figueiredo (filho do professor Gil) e Gonzaga Rodrigues. Nas edições fornecidas em arquivo digital pelo ilustre pesquisador Jônatas Pereira, e também pelo adido cultural Walter Tavares, pode-se ver a variedade de anúncios promovida por aquele jornal, a exemplo do Escritório de Engenharia de Austro França Costa, na Rua Rui Barbosa, 136; a Indústria de Laticínios Vitória, na Rua 13 de Maio, 327; a Farmácia Confiança, na Praça Epitácio Pessoa; e da Sucata Campinense, à Rua Presidente João Pessoa, 336.

Luiz Gil é patrono da Associação Campinense de Imprensa (ACI), professor, escritor, jornalista e poeta ('Raízes ibéricas, mouras e judaicas do Nordeste', 2002). Ele nasceu em Santa Luzia, interior paraibano, em 17 de setembro de 1895. Teria chegado em Esperança por volta dos anos de 1930.

Ainda naquela década, organizou o bloco carnavalesco Coronel nas ondas, ao lado de personalidades como Silvino Olavo, Teotônio Costa, Manuel Rodrigues, Teotônio Rocha e Juvino Brandão. Há notícias de que tenha auxiliado no jornal O Tempo, órgão que era dirigido por José de Andrade, com gerência de Teófilo Almeida. Essa experiência talvez o tenha ajudado a fundar, em Campina Grande, o semanário O Rebate.

Foi em Campina Grande onde ele se radicou após deixar Esperança, participando da Sociedade Beneficente dos Artistas. Na cidade, exerceu o magistério e se tornou conhecido como orador e poeta.

Foto: Reprodução

O semanário O Rebate foi um dos jornais mais duradouros da história de Campina Grande, surgido em 4 de outubro de 1932, pelas mãos de Luiz Gil, Pedro d'Aragão e Eurípides Oliveira

Atuação e campanha para a redemocratização do país

Para conquistar a interventoria no governo estadual da Paraíba, Ruy Carneiro, influente político de Pombal e "uma verdadeira raposa política", cuidou em cooptar, também, para apoiar suas ideias, os jornalistas Hortêncio Ribeiro, Tancredo de Carvalho e Luiz Gil – que em certa ocasião foram prestar homenagens ao governador-interventor no Parque Arruda Câmara –, para se aliarem à campanha da redemocratização do Brasil, por muitos considerada uma atitude "anticomunista ao extremo".

Esse processo de cooptação não se generalizou sobre a esquerda da Paraíba, pois os comunistas mantiveram-se próximos à UDN, que, no país, congregava o grande conjunto de oposição aos situacionistas pró-Getúlio Vargas. Essa aproximação foi efêmera. Contribuiu para isso o exemplo dado pelo novo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, que substituiu a colaboração rooseveltiana com os soviéticos por uma aberta confrontação, assumindo, assim, o papel de "baluarte anticomunista do mundo livre". Daí a chamada Guerra Fria pôs-se a caminho e se revelou fatal para a "redemocratização" brasileira e também paraibana.

Já no dia 24 de maio de 1945, os comunistas da Paraíba lançaram a União Socialista da Paraíba (USP) e, no dia seguinte, Luiz Carlos Prestes concedeu uma entrevista que provocou o início da cisão entre a UDN e os comunistas. Desgarrados do esquema de forças da UDN, os comunistas paraibanos buscaram espaço próprio e, a 21 de julho de 1945, instalaram seu comitê estadual. Essas tensões eram reflexos do plano internacional que, no Brasil, rapidamente envolveu o grupo dutrista pelo anticomunismo e, na Paraíba, foi essa a posição assumida tanto pelas forças da UDN, quanto pelas do PSD.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Mirei na literatura e acertei no jornalismo

Janet Malcolm é uma renomada jornalista norte-americana e dentre as suas obras mais conhecidas está o clássico 'O jornalista e o assassino – uma questão de ética'. Mas não é sobre esse livro (necessário para todo e qualquer jornalista) que vou falar aqui, mas sobre outra obra da autora, que comecei a ler durante minhas férias.

Em 'A Mulher Calada – Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia', Janet Malcolm fala sobre jornalismo, literatura, invasão de privacidade, fato versus ficção. "Fala" é modo de dizer; página após página, Janet Malcolm conduz o leitor a seguir adiante na leitura de um ensaio elegante e profundo sobre as biografias até então escritas sobre Sylvia Plath (reconhecida como uma das mais importantes poetas do século 20, ela morreu em 1963, de morte autoinfligida, poucos meses após se separar do marido, o poeta Ted Hughes).

Comprei o livro 'A Mulher Calada' com foco na literatura, afinal queria saber um pouco mais sobre Sylvia Plath e seus escritos. Mas acabei me voltando, novamente, para o jornalismo e para o trabalho de investigação de Malcolm, que incluiu entrevistas e mergulhos diversos em cartas e diários da poeta morta, bem como de seus familiares e amigos.

Foto: Ângelica Lúcio

Como resultado da minha leitura de 'A Mulher Calada', já anotei em um caderninho frases de Janet Malcolm que chamaram minha atenção. Em uma das passagens do livro, Malcolm trata sobre a exposição da vida alheia, apontando que ninguém "é dono" dos fatos da própria vida. Para ela, tal direito de propriedade nos escapa ao nascer, quando começamos a ser observados. "Os órgãos de divulgação que proliferaram em nosso tempo são apenas uma extensão e uma amplificação da bisbilhotice fundamental e incorrigível de nossa sociedade", escreve. E acrescenta: "Basta alguém querer para a nossa vida passar a ser da conta de todo mundo".

Mais adiante, reforça: "Em todo conflito entre o direito inviolável do público de ser divertido e um desejo individual de ser deixado em paz, o público quase sempre leva a melhor. Depois que morremos, não há mais a necessidade de fingir que talvez estejamos protegidos da maldade impessoal do mundo", pontua.

Conforme Janet Malcolm, a biografia é o meio pelo qual os últimos segredos dos mortos famosos lhes são tornados e expostos à vista de todo mundo. "Em seu trabalho, de fato, o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter joias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem". E continua: "Raramente se leva em conta a natureza transgressiva da biografia, mas ela é a única explicação possível para a popularidade do gênero".

Noutro trecho, Janet Malcolm trata dos relatos de possíveis testemunhas ouvidas por biógrafos, pontuando que, em geral, a memória de tais pessoas não é confiável. "A memória é notoriamente indigna de confiança; quando se combina com a má vontade, pode se tornar monstruosa de tão traiçoeira". Para ela, "supostamente, o 'bom biógrafo' é capaz de discriminar entre os depoimentos das testemunhas e ter as antenas ligadas para detectar as distorções tendenciosas, as falsas recordações e as mentiras puras e simples". Malcolm, aliás, acredita que "o jornalista trabalha sob a mesma maldição do biógrafo". E basta apenas essa frase para nos deixar atentos ao que os outros dizem e aos nossos próprios passos.

Tocando em Frente

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A época dos festivais – Outros festivais – Conclusão

Em 1985, entre os meses de agosto a novembro, aconteceu o Festival dos Festivais, em comemoração aos vinte anos de existência da Rede Globo de Televisão. A direção de tevê coube a Roberto Talma, com organização, produção musical e direção do competente, "viajado" e mui respeitado Solano Ribeiro. O objetivo/foco seria o lançamento de novos compositores e intérpretes, com prêmios para melhores composições, arranjos e intérpretes.

A grande vencedora foi a composição 'Escrito nas Estrelas', de Arnaldo Black e Carlos Rennó, com interpretação da mato-grossense Tetê Espíndola; em 2º lugar ficou 'Mira Ira (Nação Mel)', de Lula Barbosa e Miriam Mirah, com Tarancón e Placa Luminosa; o 3º lugar foi para 'Verde', de Eduardo Gudin e Costa Neto, defendida pela paraense Leila Pinheiro, que foi a grande premiada, como intérprete feminina.

O prêmio de interpretação masculina foi ganho pelo carioca Emílio Santiago, que já vinha despontando como requisitado intérprete, com 'Elis Elis', de Estevan Natolo Jr. e Marcelo Simões.

No ano de 2000, nos meses de agosto e setembro, a TV Globo ainda voltou a organizar um novo festival, no caso aquele que marcaria o final mais consistente desse tipo de evento. A direção permaneceu com Solano Ribeiro e as apresentações aconteceram no Credicard Hall/SP. As doze músicas finalistas foram lançadas em CD pela Som Livre, cuja capa ilustra esta coluna. O grande prêmio ficou com 'Tudo bem, meu bem', um pop-rock, de Ricardo Soares, que a interpretou, e cuja vitória foi aplaudida unanimemente pela plateia.

O 2º lugar ficou com o rock 'Morte no Escadão', de José Carlos Guerreiro, com a banda mineira Tianastácia, criada especialmente para o evento; o 3º lugar coube ao rasqueado sertanejo/mineiro 'Tempo das Águas', de/com Bilora (Valmir Ribeiro de Carvalho) com arranjo de Wagner Tiso, criação musical nos moldes do melhor estilo Almir Sater e Renato Teixeira. A criação musical 'Show', de Luiz Tatit e Fábio Tagliaferri, defendida por Ná Ozzetti, que já fizera parte do grupo Rumo, deu a ela o prêmio de melhor intérprete.

Fotos: Reprodução

NAS PINTURAS

Bebês medievais aparecem como homens velhos e feios

Crianças eram encaradas como "bizarras" por influência da Igreja e da sociedade

Da Redação

Na Idade Média, era comum os artistas desenharem e pintarem os bebês com um aspecto estranho, parecendo homens adultos num corpo de criança e com feições pouco bonitas. Mas porquê? Será que os artistas medievais simplesmente não sabiam retratar crianças fofinhas? A resposta está na diferença de valores e na forma como as sociedades imaginavam os papéis dos meninos e das meninas.

"Se pensarmos sobre as crianças de uma forma fundamentalmente diferente, a pintura vai refletir essas atitudes", explica Matthew Averett, professor de História da Arte na Universidade de Creighton, e registrado por Adriana Peixoto, no Portal Zap.

Não é que os artistas medievais não conseguiam desenhar bebês realisticamente. É que as representações pouco bonitas das crianças eram intencionais. "O estilo é escolhido", argumenta Averett, notando que, enquanto o Renascimento perseguia o realismo e o naturalismo, a arte medieval inclinava-se mais para convenções expressionistas.

Muitos dos bebês medievais, especialmente na arte encomendada pela Igreja, eram representações de Jesus Cristo. O Novo Testamento não descreve a aparência do bebê Jesus, mas a doutrina da Igreja na Idade Média baseava-se no conceito do homúnculo, ou "pequeno homem", que representava Cristo como

Pintura de Madonna de Veveri

inalterado e perfeitamente formado desde o nascimento, parecendo por vezes até já sofrendo de calvície.

Aquele Jesus de aparência adulta acabou por influenciar a forma como os artistas representavam todas as crianças. Com o tempo, simplesmente tornou-se a norma pintar os bebês com um rosto adulto. O realismo também não era uma prioridade para os artistas da Idade Média. "A estranheza que vemos na arte medieval vem da falta de interesse no naturalismo e inclinavam-se mais para as convenções expressionistas", afirma Averett.

Isso levou a que as pessoas na arte medieval se parecessem entre si, incluindo os bebês, que pareciam pais de meia-idade carecas e com barrigas de cerveja.

"A ideia da liberdade artística para retratar essas pessoas da maneira que quiséssemos teria sido nova. Havia convenções artísticas", acrescenta.

Tudo mudou no Renascimento, contudo, que começou a priorizar uma representação mais realista e fofinha dos bebês. Com o crescimento da classe média em Florença, na Itália, a arte começou a retratar mais do que apenas figuras religiosas. As famílias encomendavam retratos dos seus filhos e preferiam que eles se parecessem com bebês encantadores em vez de adultos rabugentos em versão mini. Essa transição influenciou as normas artísticas em geral, incluindo representações de Jesus Cristo, que também passou a ser desenhado de forma mais bonita.

"No Renascimento, há um novo interesse em observar a natureza e retratar as coisas como elas realmente são vistas", explica Averett. Embora o amor pelas crianças tenha permanecido constante da Idade Média para o Renascimento, a percepção das crianças também mudou muito. Na sociedade medieval, as crianças eram frequentemente consideradas adultos imperfeitos, que precisavam de orientação moral e disciplina. Essa perspectiva alimentou ainda mais a representação dos bebês como adultos em miniatura.

Charada

Imagem: Pixabay

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

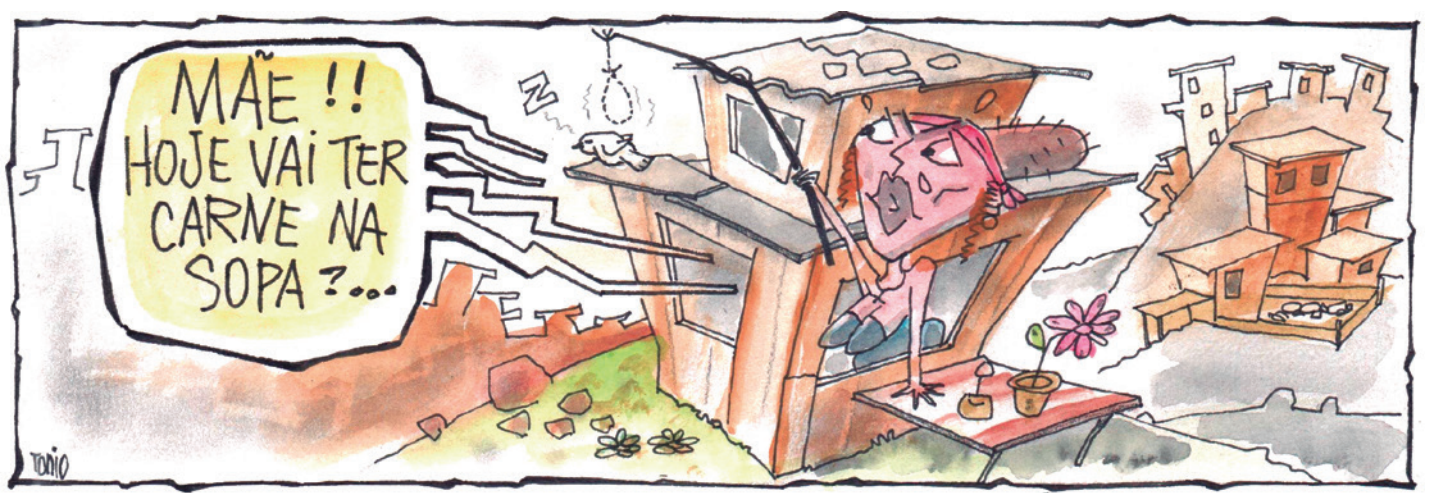
Resposta da semana anterior: rosto (2) = cara + sujo (2) melo. **Solução**: bombom (4) = caramelo. **Charada de hoje**: está (1) aí o lucro conseguido por meio ilícito (2) que fez dele um ser mesquinho (3).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde

Zé Meiota



Eita!!!

Macarrão instantâneo tem dia

Poucos sabem, mas até o macarrão instantâneo tem "sua data festiva". No dia 25 de agosto é celebrado o Dia do Miojo. A data marca a invenção do alimento considerado o "lamen mágico" pelos japoneses, há 65 anos. Esse produto tornou-se sinônimo de praticidade, já que seu preparo é feito em pouquíssimos minutos, pensando para quem não quer ou não gosta de cozinhar.

Suprindo as necessidades

A história do macarrão instantâneo teve início em 1958, depois de Momofuku Ando (na foto), fundador da Nissin Foods Group, se solidarizar com a situação das famílias que sofriam em busca de comida num cenário de pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse momento de reestruturação do país, ele decidiu criar um alimento que suprisse as necessidades dessas pessoas, atendendo aos critérios de praticidade, segurança, custo acessível, armazenabilidade e sabor único. Assim nasceu o Chicken Lamen, primeiro macarrão instantâneo do planeta.

Frito e com muito sal

Após a chegada ao Brasil, em 1965, a marca foi conquistando aos poucos os paladares brasileiros e consolidando sua presença no mercado, onde atualmente é líder na categoria. Seu processo de produção é feito da seguinte forma: o miojo é frito para que dure mais e é temperado com alta quantidade de sal.

Ranking de consumo mundial

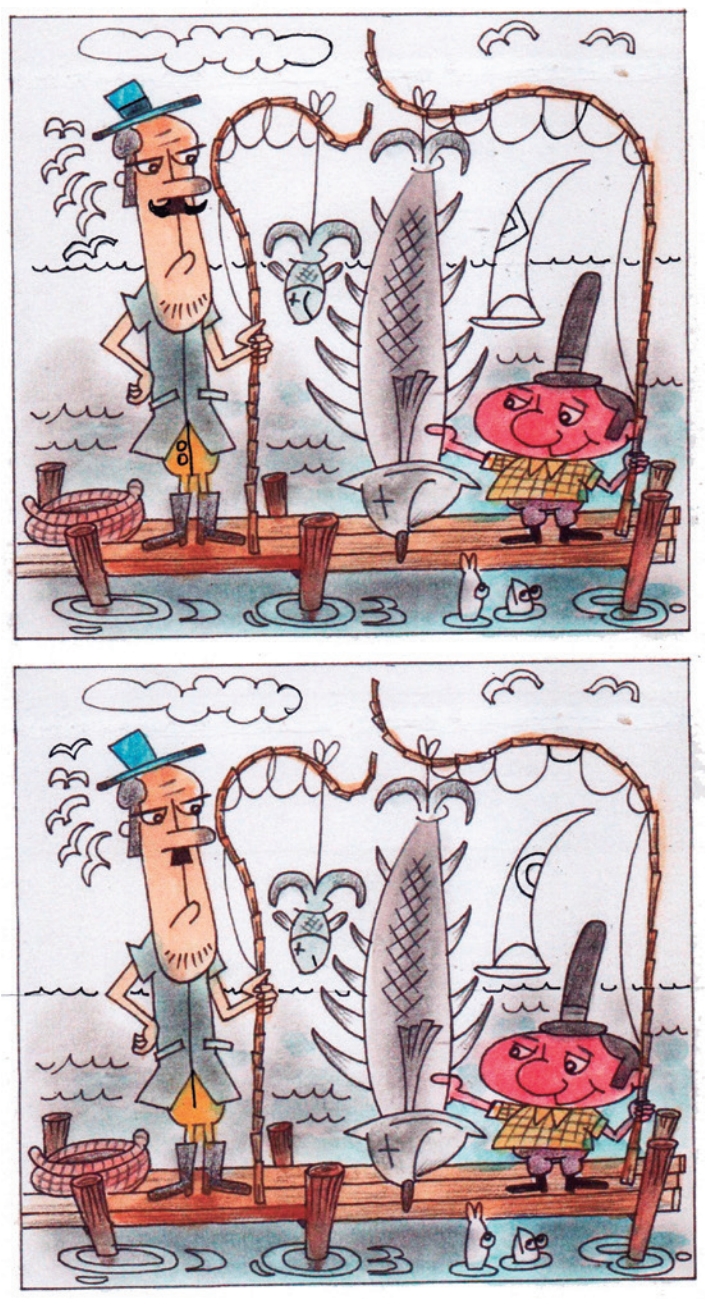
Segundo dados da Associação Mundial de Macarrão Instantâneo (Wina, na sigla em inglês), o Brasil ocupava a décima posição no ranking de consumo mundial em 2022, com uma estimativa de 2.830 milhões de refeições. Ainda de acordo com a associação, o mundo consumiu cerca de 121.200 bilhões de porções de lamen no último ano, mais de 15,4 por habitante do planeta.

Invenção do século e no espaço

Para os japoneses, de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Fuji, em 2000, o macarrão instantâneo foi considerado a maior invenção do século 20 no país, antes mesmo do karaokê e do CD. E o primeiro macarrão a ser consumido no espaço foi o macarrão instantâneo batizado de Space Ram, em 2005. Embalado a vácuo, com pedaços menores de massa e caldo mais consistente, a versão criada por Ando, aos 95 anos de idade, foi testada pelo astronauta japonês Soichi Noguchi, a bordo do ônibus espacial Discovery.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – pássaros; 2 – bigode; 3 – nível do mar; 4 – chapéu; 5 – vela do barco; 6 – boca do peixe; 7 – linha de pesca; 8 – botões da calça; e 9 – nuvem.